

REVISTA DA SEMANA

Nº 24 • 15-6-46

NA CAPITAL CR\$ 1.50 • NOS ESTADOS CR\$ 2.00





JOCKEY CLUB MUNDANO

O Jockey Club Brasileiro, prossequindo na temporada oficial do "turf" em 1946, ofereceu domingo último mais um belo programa aos frequentadores do Hipódromo da Gávea. Para que nossos leitores tenham uma ideia do sucesso alcançado pelo "meeting" turfístico de domingo, aqui reproduzimos alguns aspectos fotográficos do mesmo, colhidos durante as intervalos das corridas.



Não foi
famosos ator
de fazendo
relos" ficam
s artifícios
utros, mais
coços do qu
a relação
tudinha e
ragã, com
quadriculado
foa a recon
uros e tam
ábios tão fi
reinho próprio
comovemos
taveis matro
minados pel
gente que n
ermos comp
espécie de
leza em pe
histarçavel
experiencia q
No fim
mais famos

Um



Não foi difícil reconhecê-la entre as dezenas dos mais famosos atores e atrizes que se encontravam naquela tarde fazendo "lunch" no restaurante da Metro. Si as "estrelas" ficam por vêzes irreconhecíveis vistas de perto sem os artifícios do "maquillage" e os homens não raro são outros, mais altos ou mais baixos, mais velhos ou mais jovens, do que nos aparecem na tela, nada disso aconteceu na relação a Margaret. Quem ali estava, á nossa frente, risonha, devorando um pedaço de torta de mel e risonha, com duas longas tranças caídas e um vestidinho quadrado de menina simples, não podia ser outra. Não a reconhecíamos pelo rostinho iluminado, os olhos escuros e também risonhos, as covinhas da face e aqueles lábios tão finos que ao se entreabrirem mostravam o aparelho próprio para a correção da dentadura. Si não nos comovemos ao apertar a mão de ilustres marmanjos e notáveis matronas de Hollywood, estávamos no entanto dominados pelo poder de sedução daquele pedacinho de gente que nos acenava com ambas as mãos para lhe fazermos companhia. De lado, a titia de Margaret era uma espécie de máquina controladora, muito simpática, a gente em pessoa, mas com um jogo de olhares e um instigante movimento de apreensão por qualquer incongruência que a garota pudesse praticar.

No fim de contas conversávamos talvez com a menina mais famosa do mundo, tal o prestígio do cinema, e nada

CELESTINO SILVEIRA

mais natural que esse receio. Interiormente, também receávamos, mas apenas uma decepção: Como seria a garota Margaret ao natural? Pernóstica, talvez. Convencida, por certo, da sua situação de "estrela", cercada de mimos, presenteadas pelos medalhões do cinema que passavam junto á nossa mesa e lhe faziam festinhas, enquanto ela devorava o seu segundo pedaço de torta. Sim, devia ser vaidosa e cheia de presunção como toda menina-prodígio. Não é á tôa que uma garota de nove anos consegue ter o nome repetido por milhões de bocas em dezenas de países, dando aos empresários fabulosos lucros pelo seu trabalho. Aquele ar tímido, retraído e ingênuo, por força deveria ser postigo, fruto da orientação e dos ensaios que lhe ministrariam os diretores dos filmes...

Mas como nos enganávamos! Após o segundo encontro muito amistoso com a pequena Margaret e de um almoço partilhado á sua mesa com a titia ao lado, o maior elogio que lhe podemos fazer, será este: Ela é uma garota normal e em tudo semelhante ás outras. Uma criança que não esqueceu as bonecas e perde-se em divagações sobre os animais — cãesinhos, papagaios, macacos e ursos — gulosa como os nossos filhos, satisfeita quando não lhe falam dos filmes nem de suas obrigações, e batendo palmas quando lhe prometemos uma boneca

baiana "bem brasileira e parecida com a Carmen".

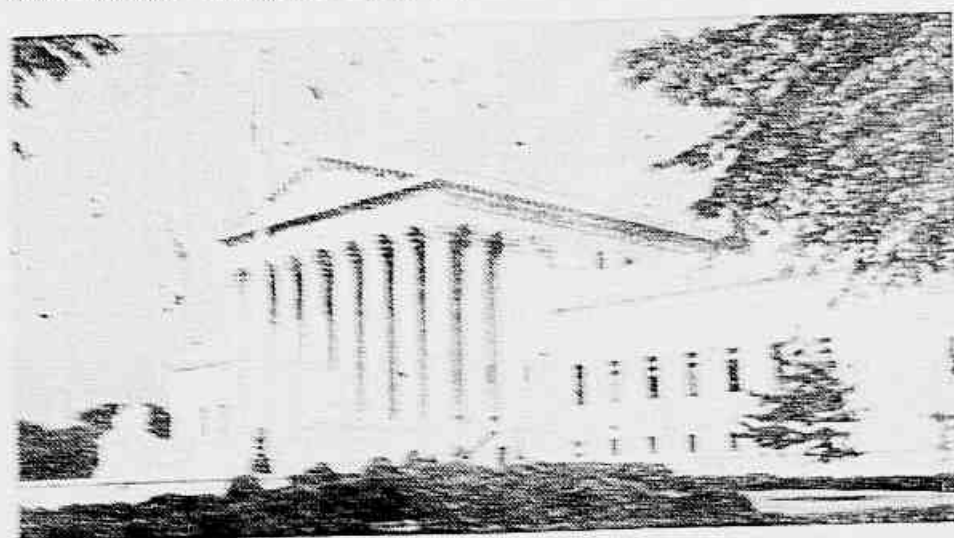
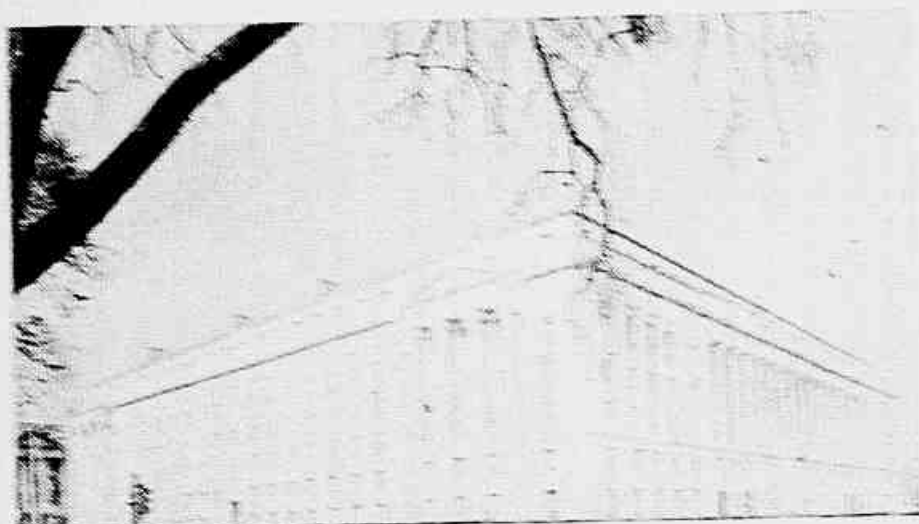
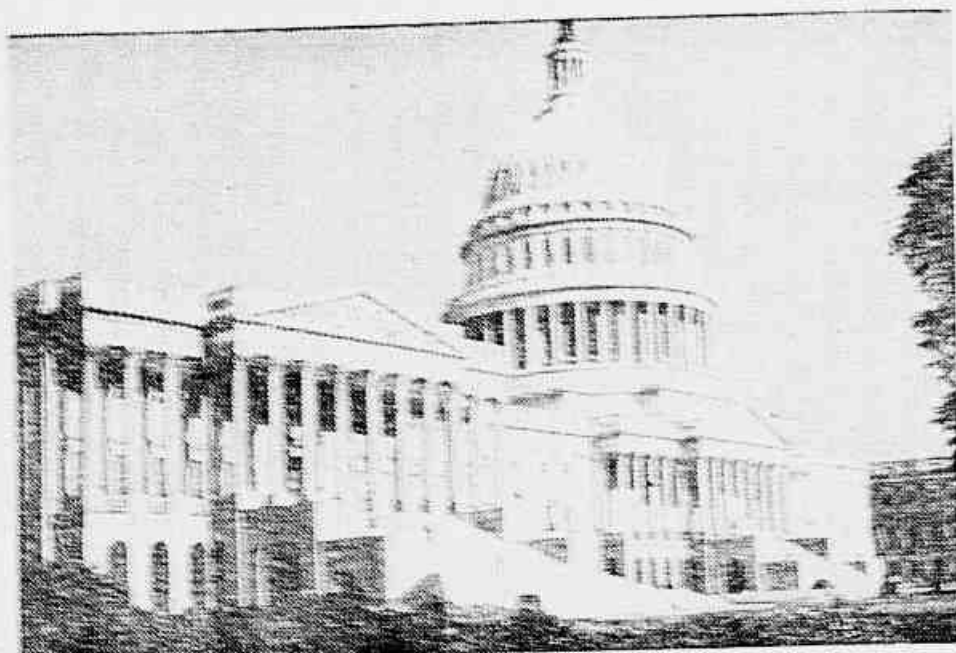
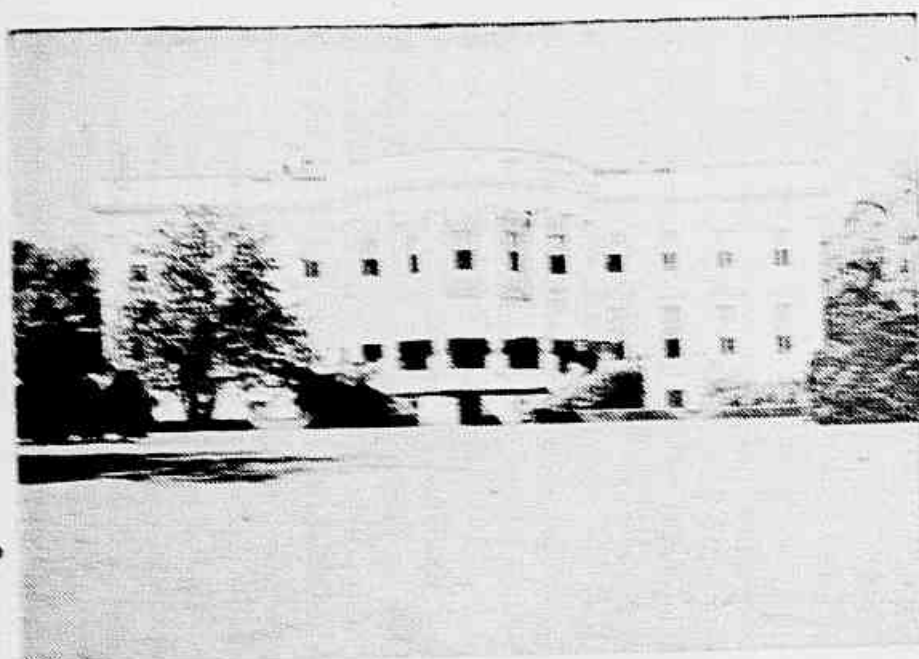
Essa a Margaret O'Brien que nos esperava no restaurante da Metro, sonhando com um mês de férias para conhecer o Rio, pedindo-nos um autógrafo em lugar de oferecê-lo, e aceitando, com olhos de menina gulosa, o pacote de gêma para mascar que lhe oferecemos. Não, não houve dissimulação. Porque á saída, quando um funcionário do estúdio se acercou da titia e lhe comunicou que na manhã seguinte, ás nove em ponto, começariam novo filme — "A garota da 10.^a Avenida" — ela transfigurou-se, fechou o rosto, duas rugas vincaram-lhe a testa e limitou-se a dizer:

— Não haviam dito que desta vêz eu descansava uma semana?

E nós sentimos que a celebridade deve ser um tanto pesada aos ombros dessa garota de nove anos. Com que prazer ela trocaria esse novo filme — a aspiração máxima de milhões de meninas da sua idade — por uma quinzena de férias no campo, com o seu cãesinho de estimação, o Bob, de que tanto nos falou!

Sim, não trouxemos dúvida alguma. E' Margaret uma garota igual ás outras, apenas trabalhando mais que as outras. E pagando, na sua idade, o tributo bem caro da celebridade que naquela tarde a aborreceu, por vêr cancelada a sua primeira semana de férias depois de quatorze meses de filmagens sucessivas.

Uma garota igual ás outras



Quatro aspectos clássicos da capital norte-americana. Ao alto, a Casa Branca e o Capitólio, situados, respectivamente, no início e no final da Avenida Pensilvânia. Em baixo, o Departamento de Justiça e a Suprema Corte, também instalados na mesma e grande artéria, que atravessa a cidade de Washington e onde estão situados, à direita, os principais estabelecimentos públicos.

FLAGRANTES DE WASHINGTON

Por
JACK
BURTON

E RA as últimas horas de uma bela tarde de primavera em Washington. A sessão daquele dia no Congresso havia terminado e dois homens conversavam sentados em um dos escritórios do Capitólio. O telefone tilintou.

— É para o senhor... Senhor... Truman! Da Casa Branca querem falar-lhe — disse um dos secretários. E um homem grisalho, de gestos calmos, tomou do aparelho e escutou.

— Pedem-me que vá imediatamente à Casa Branca — disse ele depois de desligar. Seu rosto tornou-se grave, porque ele sabia que o Presidente Franklin Delano Roosevelt se achava fora da cidade, e que alguma coisa de muita importância devia ter acontecido para que assim chamassem o Vice-Presidente e comparecer à residência oficial do chefe do Executivo. O homem em cujo escritório ele se achava, também tomou um ar

grave, porque na qualidade de Presidente da Câmara dos deputados, percebeu que não se tratava de um telefonema comum.

Enquanto o auto rodava por entre o tráfego das pessoas que regressavam aos seus lares, na principal aven. de Washington, ninguém se voltou uma vez sequer para contemplá-lo. O companheiro do assunto tráfego bem podia ser um homem de negócios qualquer, voltando a casa, depois de sua laboriosa dia. Era dia de compras em Washington, o único dia da semana em que as lojas ficam abertas até à noite. Havia muita gente nas ruas, animada e aborrecida, apressada e absorta, outros ainda, imbuídos todos de crescente optimismo trazido pelas notícias dos recentes triunfos obtidos na frente ocidental.

Ninguém deu muita atenção, mesmo quando o auto oficial entrou pelas portas da Casa Bran-

ca. O Vice-Presidente dos Estados Unidos sempre palmilhava as ruas de Washington como qualquer cidadão comum. Como o Presidente do Senado, ele teve sempre presente a consciência e possibilidade de vir um dia a assumir o mais alto e mais oneroso dos cargos administrativos da Nação. Mas se tal dia não chegasse, ou enquanto não chegasse, via gozando a sua habitual liberdade de ação igual a de qualquer outro oporoso membro do Congresso.

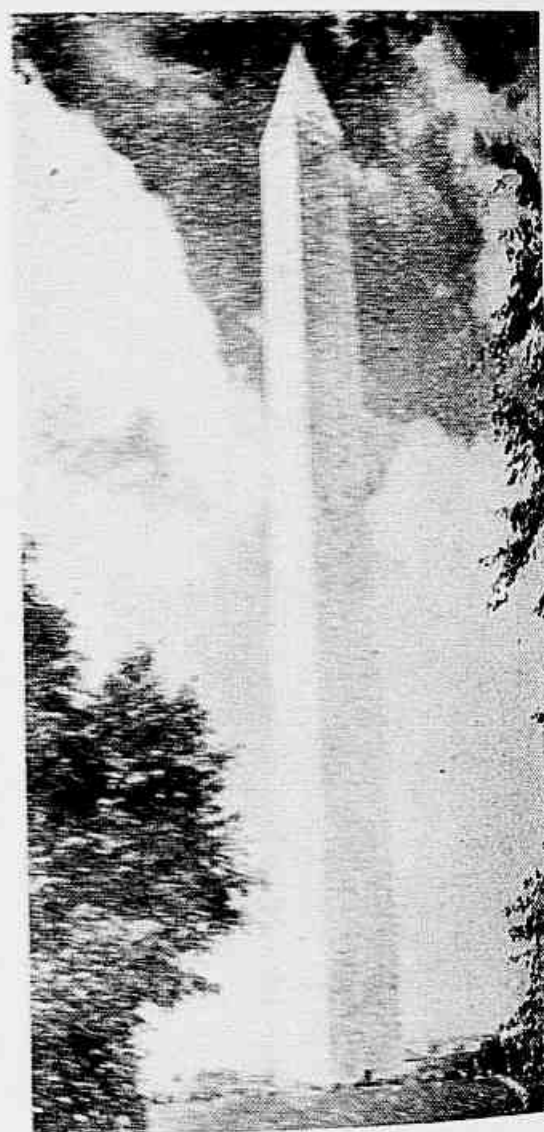
Ao chegar à Casa Branca, foi recebido e introduzido pela Senhora Roosevelt, e só então veio a saber que Franklin Delano Roosevelt estava morto, em Warm Springs e que agora ele tinha de arcar com o onus de conduzir o país — o mundo, afinal — através as últimas etapas da guerra e encaminhá-lo a paz, a realização da grande esperança do mundo torturado. Ofereceu os seus préstimos à senhora

Roosevelt, sentindo-se empalidecer ao atentar na enormidade da tarefa que desde logo sentia pesar intensa sobre os seus ombros.

Fêz imediatamente reunir o gabinete e, comunicando-lhe o infeliz acontecimento, pediu a todos que se mantivessem nos seus postos, pois não tencionava modificá-lo. Juntos haviam de terminar a execução do encargo de ganhar a guerra e estabelecer a paz. E assim agiram realmente.

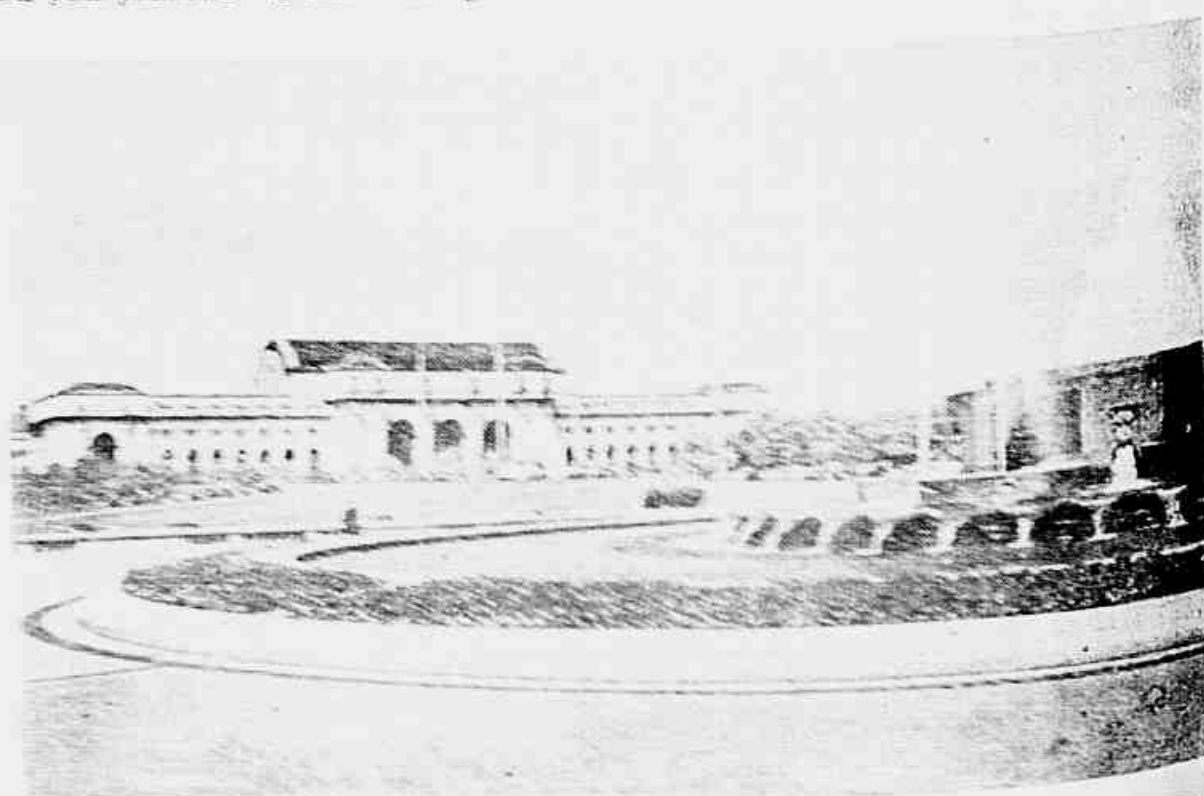
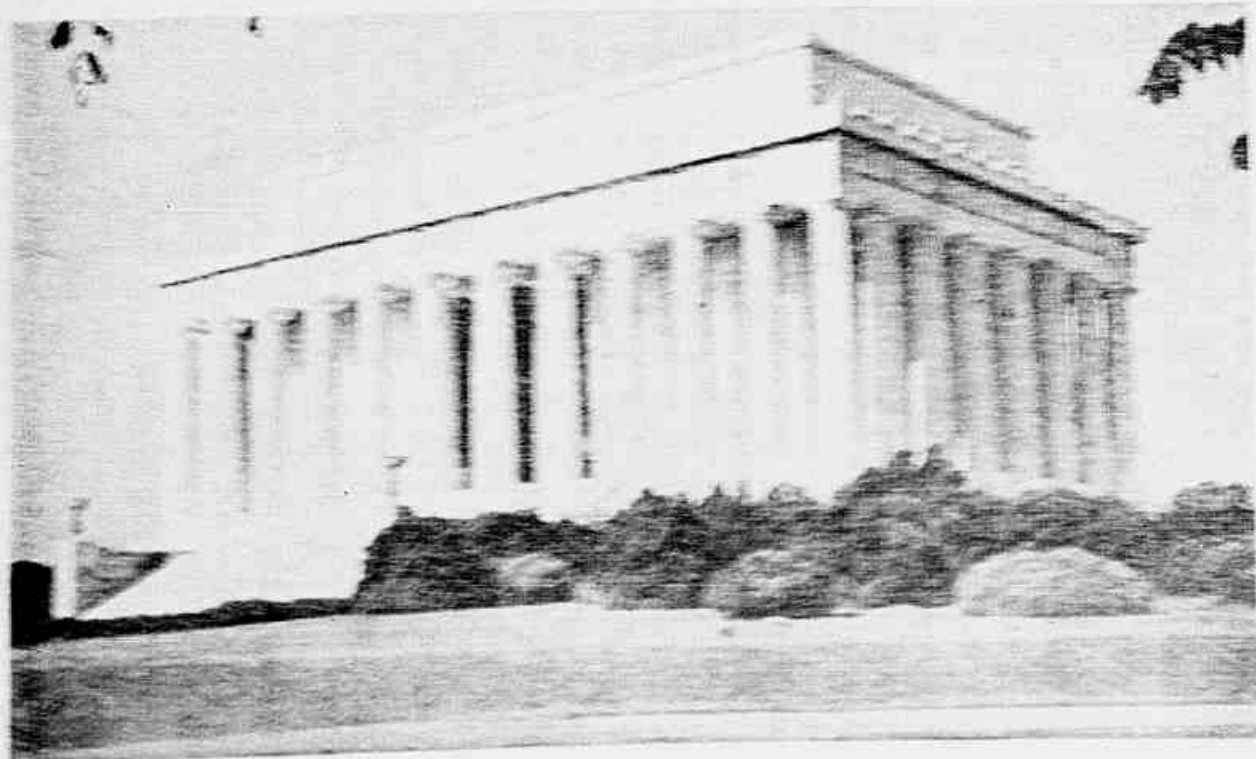
Fôz esse um aspecto sensacional de Washington D.C., no mais acéso da guerra.

E no entanto os flagrantíssimos de Washington são invariavelmente os mesmos. Quem a visita pela primeira vez, sente-se envergonhado ao pisar o asfalto de suas avenidas largas, direitas, onde as construções em estilo georgiano, pintadas de vermelho, se alinham a perder de vista. E não raro, pela Avenida Pensilvânia se encontram os grandes estadistas de Tio Sam. Ali se depara com Henry A. Wallace, o Secretário do Comércio no atual governo americano, e com o próprio Truman, quando dá por encerrado o seu ex-



Monumento a George Washington. Um exemplo de proporções respeitáveis, singular e muito expressivo, no qual as lâminas douradas sobre o grande cidadão e patriota.

O Monumento a Lincoln, outro ponto extraordinariamente visitado pelos turistas. Ele está localizado em um terreno, tendo nas proximidades outros singulares monumentos nos quais se reverencia a memória dos grandes estadistas do país.



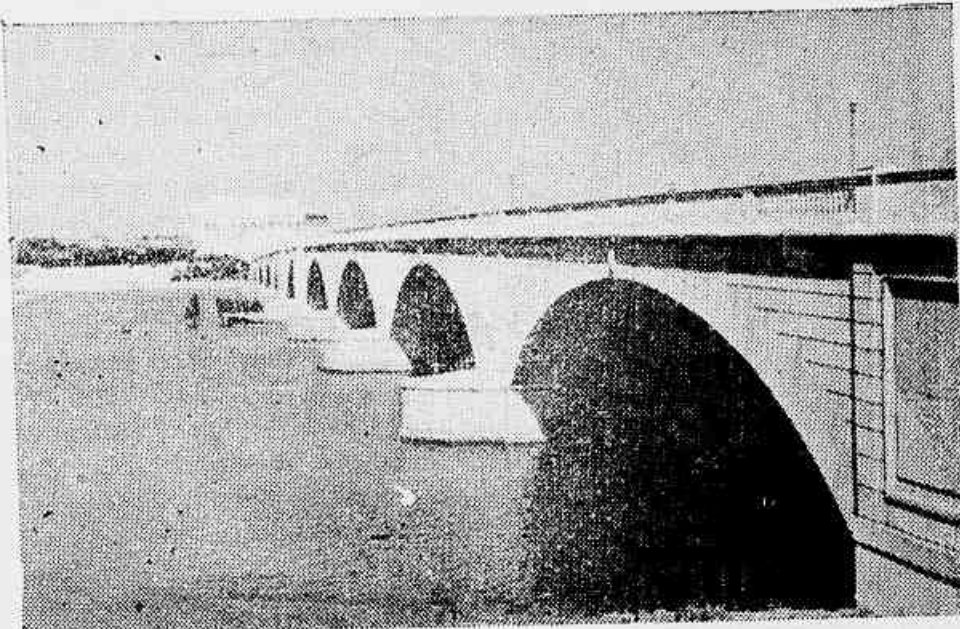
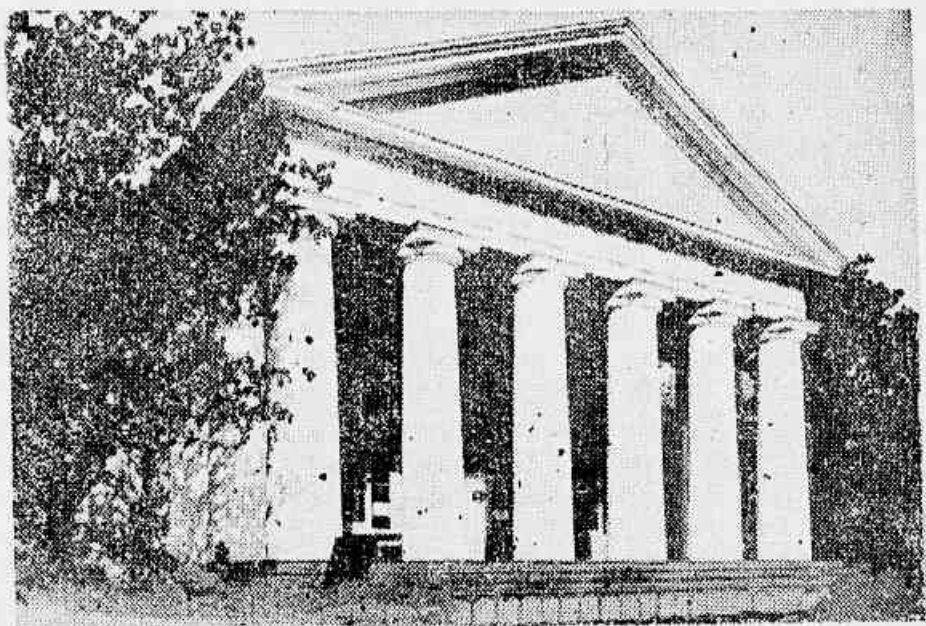
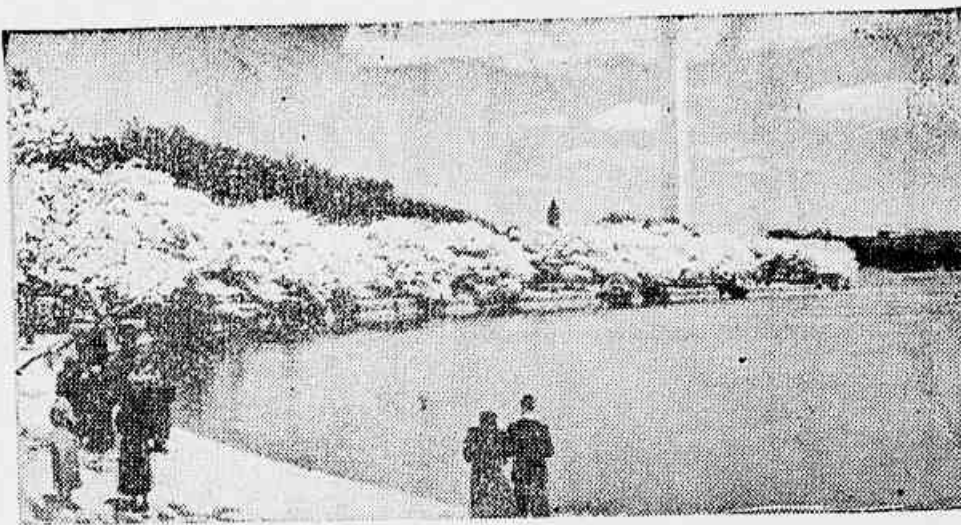
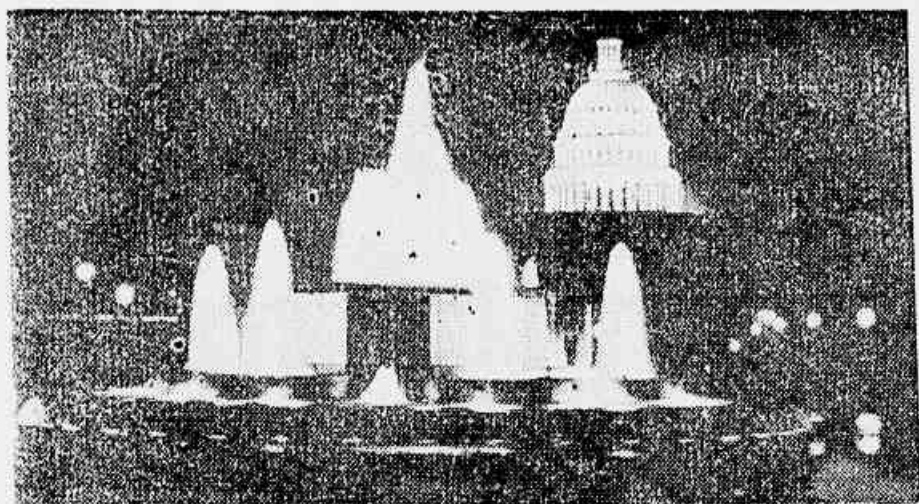
pediente n
estender a
E a pro
de homem
dos Estado
assumiu o
seria cap
pronta a t
via sido vi
mês apen
senador o
1940". Si
quando no
sudir a Co
vestigaçã
fesa Nacio
a perceber
cidadão in
capaz. A
que á fren
missão nã
aos verda
ponsabilid
dispersões
quando a
paz como
forçada a
seus recu
rol das r
no Senad
que ficou
são Trum
quer. Qd
dos Unid

Dentro do
tante é su
bente de
de ilumin
pre

A Bibliote
res

pediente na Casa Branca e vai estender as pernas um pouco.

E a propósito: Que espécie de homem é o atual Presidente dos Estados Unidos? Quando ele assumiu o poder, pouca gente seria capaz de dar resposta pronta a tal pergunta. Ele havia sido vice-presidente por três meses apenas, fôra somente "um senador como os demais, até 1940". Sim, porque só então, quando no Senado passou a presidir a Comissão Especial de Investigação do Programa da Defesa Nacional, é que o país veio a perceber que se tratava de um cidadão íntegro, destemeroso e capaz. Aí estava um homem que à frente da sua eficiente comissão não hesitava em atribuir aos verdadeiros culpados a responsabilidade das confusões e dispersões de energias iniciais, quando a nação, tão amante da paz como quem o fôsse, se viu forçada a canalizar todos os seus recursos para a guerra. O rol das realizações de Truman no Senado norte-americano, na que ficou conhecida por Comissão Truman, faria honra a qualquer. Quando o povo dos Estados Unidos olhou para o passa-



Ao alto, à esquerda, um aspecto noturno no final da Avenida Pensilvânia, com as fontes luminosas e o Capitólio iluminado. À direita, um detalhe do Lago Potomac. Em baixo, à esquerda, a Mansão de Arlington, e à direita, a ponte do Arlington Memorial, completando a série desses admiráveis monumentos que fazem de Washington a expressão cerebral dos Estados Unidos.

do desse homem, encontrou na sua vida muitos dos elementos que têm constituído o material de que se fazem os líderes da grande nação norte-americana.



Em Washington se localizam as repartições públicas, e na Avenida Pensilvânia os departamentos oficiais ocupam imponentes edifícios que se encontram na faixa direita dessa artéria. Nas manhãs ensolaradas da Primavera, é fácil encontrar também o general Eisenhower, quando ele sai de seu expediente e procura distrair o espírito das mil e uma preocupações que ali lhe tiram todo o tempo. Oficiais de marinha e do exército, aviadores, homens de todos os setores de atividade, civis anônimos que no entanto podem desempenhar funções revelantes em cargos particulares, se encontram na Avenida Pensilvânia. Nas duas extremidades dessa Avenida, vamos encontrar a Casa Branca e o Capitólio. A Casa Branca é de uma construção discreta, e afirma-se que hoje não possui mais a capacidade de instalação necessa-

ria para todas as dependências presidenciais. Mas quando o Presidente Truman, já este ano, pensou em ampliar o edifício, talvez fazendo erguer dois pavimentos mais, nas partes laterais, não foi possível dar cumprimento ao projeto. As vozes de diversos senadores fizeram ouvir-se, no parlamento, e os protestos surgiram, admitindo que a Casa Branca era um patrimônio histórico, não sendo possível nêle introduzir qualquer modificação.

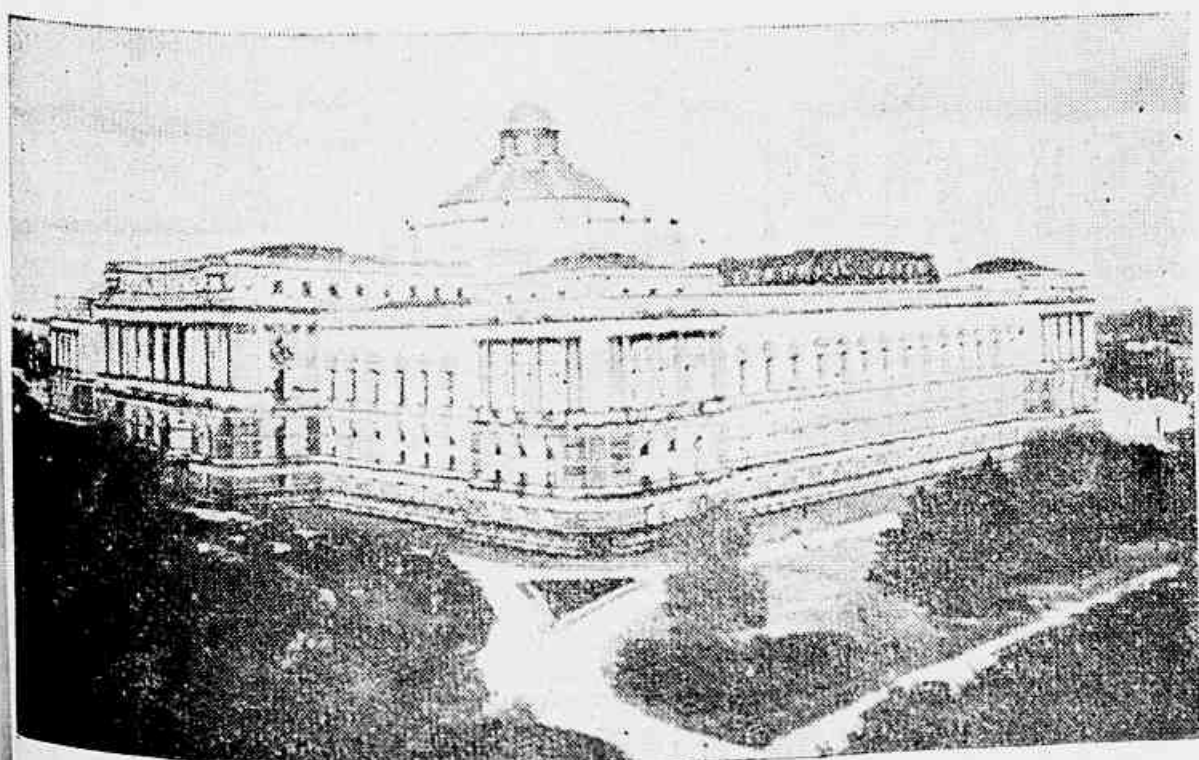
E Truman silenciou, sem sentir-se diminuído. Não quis falhar á classificação de "homem do povo", da qual muito se orgulha. De fato, o atual presidente não se considera mais que um simples fazendeiro. Nasceu em uma propriedade rural que provinha de uma estirpe de pioneiros que povoaram o oeste médio do país — de uma estirpe que tem sido a grande fonte de líderes, desde os dias de Andrew Jackson e Abraham Lincoln. O povo americano sentiu que ele representava o Norte e o Sul, pois seu avô lutara no exército dos Confederados, na guerra entre os Estados (1860-

65) e que suas raízes se achavam no Ocidente Médio. Viram que ele encontrara — e vencerá — os mesmos obstáculos que os homens e mulheres dos Estados Unidos ainda se orgulham de enfrentar e vencer; que todos os cargos e tarefas que lhe coube desempenhar, ele os desempenhou com galhardia e eficiência, antes de ocupar a Casa Branca; que arrostou a vicissitude de uma falência em uma pequena empresa sua, com coragem e integridade; que administrou os fundos públicos com honestidade e competência; que podia conviver e falar com os homens que governam o mundo e ainda assim continuar a ser o mesmo homem — o mesmo cidadão simples e simpático, vivendo para a família, com modestia, dentro dos subsídios relativamente pequenos de Senador, no seu pequeno apartamento de Washington, acompanhando, à noite, ao piano, as canções da sua filha, estudante de universidade; que dera provas de possuir qualidades de condutor de homens, quando capitão do Exército durante a primeira guerra mundial.

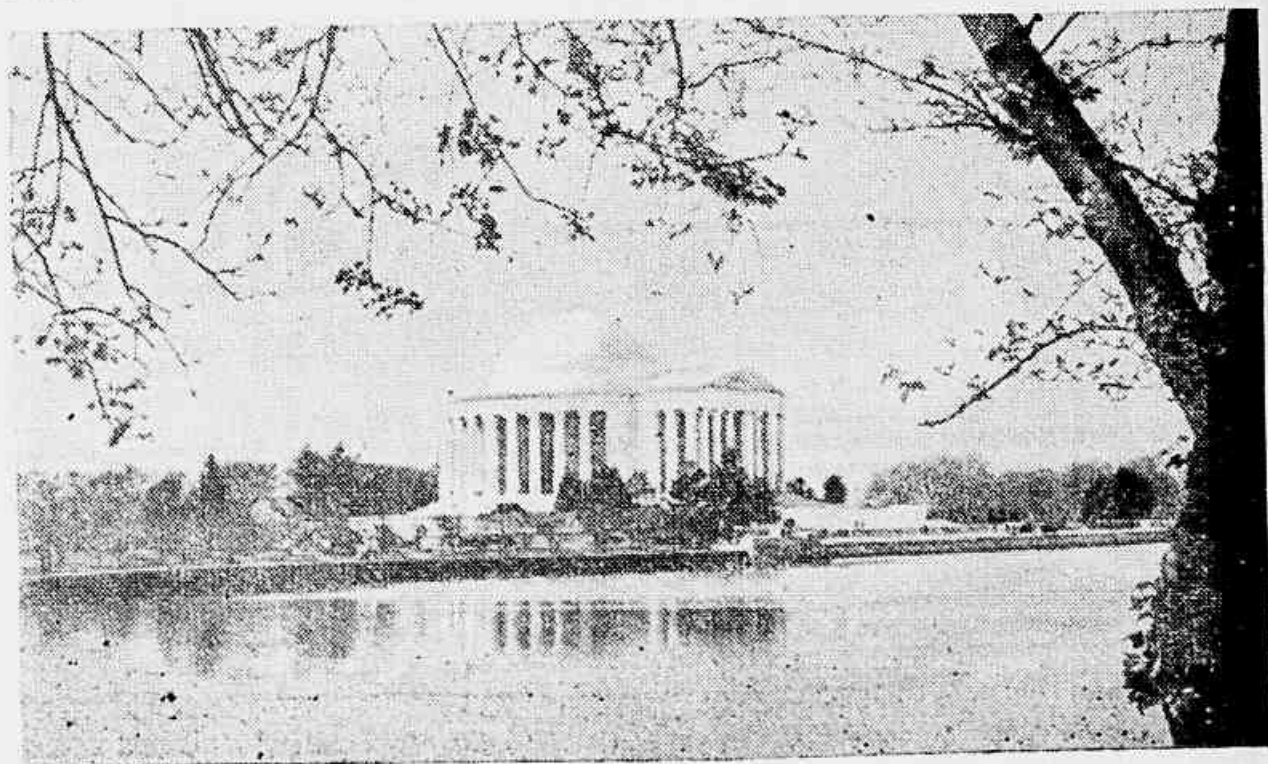


Dentro do "Lincoln Memorial", o visitante é surpreendido com a figura imponente de Abraão Lincoln. Um sistema de iluminação especial ainda lhe empresta um relevo maior.

A Biblioteca do Congresso, patrimônio de extraordinária importância. Ali dentro, milhares de jovens americanos vão consultar jornais, livros, revistas e documentos preciosos, aos milhões.



"Memorial Jefferson", situado á margem do Lago Potomac e também nas vizinhanças da Casa Branca e dos demais monumentos onde se reverencia a memória dos imortais sobrinhos de Tio Sam.



A SEMANA EM REVISTA

LOBATO O FOI MESMO!



Aquela entrevista de Monteiro Lobato a um confrade paulistano, onde anunciava sua decisão de transferir-se do Brasil para a Argentina, não era tão sensacional quanto se pensava, mas realmente melancólica. E um telegrama veio esta semana dizer-nos que Buenos Aires recebia de fato o escritor brasileiro, dos mais justamente famosos em nosso idioma, ele com a família, ao péso da bagagem, saltando na capital portenha desiludido e amargurado, disposto a mudar de ares. Não era de hoje que Lobato manifestava essas intenções, pois quando um nosso companheiro o entrevistou, em memorável reportagem, propósito da Academia, ele deixava transparecer fortes desenganos da alma. Estava o Brasil em maré de maior hospitalidade para certos estrangeiros indesejáveis, nascido sem outras terras e simulando para consigo uma pretensa amizade, que par seus próprios filhos. Os livros de Lobato, traduzidos na Argentina, começavam a dar-lhe boa compensação, abrindo para o autor maiores perspectivas — "Vou sentir agora a emoção de ser estrangeiro" — disse Lobato. E foi. Aqui ficam, no entanto, homens de outras

terras que só por por conveniência se intitulam às vezes "brasileiros de coração", aproveitando essa falsa amizade para tirar seus proveitos pecuniários ou de mero cabotinismo. Ficam também as crianças brasileiras que vão sentir grande falta das novas histórias de Lobato si ele não as mandar para o Brasil. Aqui ficamos nós, os amigos e admiradores sinceros do paulista de rija tempera, sincero e destemido em suas atitudes, homem que jamais se aproveitou dos cargos públicos para depois, caídos os governos, atacar aqueles que lhe teriam dado pingues compensações. Aqui ficam todos curtindo a saudade desse velhote simpático, de cabelo rebelde e encanecido, mal penteado e caindo-lhe na testa, que nos habituávamos a encontrar na tradicional livreria da rua Quinze, em cada viagem feita a São Paulo. E será São Paulo quem mais vai sentir a falta do velho e sempre moço Lobato, homem sem recalques nem complexos, antes transbordante de seiva, desiludido talvez desta geração, mas esperançoso em outras que tenham mais juízo. Partiu Lobato para o estrangeiro, deixando uma lacuna que inutilmente estão tentando preencher, como se fosse possível substituir um mvalôr imenso por outro valôr maior com essa facilidade. Mas talvez os desenganos passem depressa, as coisas mudem e Lobato decida, quem sabe, a sua volta á terra de Piratininga. E oxalá.

OUTRA REPÚBLICA



A queda da Casa de Savóia foi outro acontecimento importante destes sete dias tão agitados e turbulentos. Quando Victor Emmanuel resolveu arrumar a trouxa e dar o fóra, ele sabia perfeitamente que o trono andava com os dias contados e as noites eram pouco tranquilas. Deixou então aquele grande "espeto" nas mãos de seu augusto filho, Humberto II, mas o rapaz não ignorava a realidade da história. Talvez tenha havido um conselho de família, sacrificando-se o filho em benefício do pai velho e cansado, o soberano que maior número de guerras enfrentou, sempre adaptado às circunstâncias, caindo com as derrotas e erguendo-se com as vitórias mesmo passageiras. Veio a consulta ao povo e pela maioria de dois milhões de votos, a República deve estar sendo proclamada quando estas linhas são escritas. Ninguém sabe ao certo que consequências possam advir dessa transformação governamental no país que Mussolini levou á desgraça irremediável, apesar da gene-

rosidade dos aliados. Foi o Duce o responsável maior, e mesmo o único, pelo infortúnio que nossos amigos da Itália agora atravessam, e nem se diga que o povo dessa nação fizesse jus a tantas derrotas morais e materiais. Trata-se de uma gente pouco afeiça á guerra, preferindo viver afastado das grandes lutas, reservando a energia para outros embates, os do ganha-pão de cada dia e as jornadas de arte. Levaram-no os arroubos de um homem doente a essa estrada de amargura agora palmilhada e cuja etapa final ainda se encontra a perder de vista. Fizéram desse povo o bode expiatório de uma guerra estúpida — e o resultado aí está. Derrotado militarmente, por um crêdo político nefasto, um ano após a armistício ainda o país se encontra a braços com tão sérias convulsões internas. E o trono que agora acaba está encerrando um ciclo histórico não pequeno, vale por um símbolo. Erquanto o trono de um país visinho — o da Grã-Bretanha — aí está incolume o mais prestigiado após a luta, vê-se o outro em pandarecos, obrigado a desaparecer cedendo vês a outro regime. Tanto melhor si esse regime viér de qualquer maneira devolver á Itália seus dias tranquilos e si a harmonia imperar dentro de suas fronteiras, o que por enquanto não parece tarefa das mais fáceis.

BOLIVAR E A BOLA DE CRISTAL



Nada de precipitações nem de juízos antecipados. Não se trata de Simon Bolívar, e quanto á bola de cristal, garantimos aos leitores andar muito longe do nosso pensamento qualquer intenção criminosa de uma reportagem sobre as profecias para o "após-guerra". O que estão sendo os dias felizes da Paz, todos o sentem porque todos o vivem, com os racionamentos e as filas que se multiplicam sem se multiplicarem os pãesinhos, cada vez menores, mais caros e mais desaparecidos. Na realidade, o caso resume-se a muito pouco: um cavalheiro de nome Bolívar Aguiar Pacheneith instalou a sua bola de cristal ali na Praia do Flamengo, bem perto, número 122, onde se divertia e se "defendia" dando consultas aos idiotas que lhe caíam na rede, a troco de cinquenta ou cem cruzeiros "per capita". Nada mais rendoso nesta terra, depois do jogo do bicho, que um consultório de quiromancia, ocultismo ou coisa parecida. Don Bolívar recebia os sofrendores na sua camara mal iluminada, punha os olhos em branco, espalmava as mãos por sobre a bola de cristal também luminosa — e falava. E era um tal de dizer coisas amáveis

felizes, promissoras, que só vendo! Todas as moças desiludidas do amor saíam do seu consultório levando no coração rajadas fortes de esperanças e todos os cavalheiros mal sucedidos em seus negócios de cavagão — o "mercado negro" inclusive — voltavam para a loja tendo como certa uma negociata das boas, com alguns milhares de cruzeiros de lucro certo. E Don Bolívar embolsando o preço da consulta, e a bola de cristal, luminosa e cheia de novas esperanças para os "trouxas"... Até quando um destes dias a polícia lembrou-se, não de consultar o homensinho, mas de lhe tirar a bola de cristal, trancafiando-o no xadrez: Injustiça das nossas autoridades! Que crime praticava Don Bolívar, devolvendo esperanças de melhores dias, amôres bem sucedidos e negócios compensadores aos seus clientes? Que pecado era o dele, embora a trôco de uma pelêga com o retrato de Don Pedro II! Sem dúvida eram falsas as suas profecias, ou do contrário a bola de cristal devia preveni-lo da visita policial, mas nem por isso devia ser preso, quando outros cavalheiros ilustres continuam á solta, sem nos dar esperanças de melhores dias, não falando em amor nem em negócios compensadores, mas negociando com os gêneros alimentícios deteriorados e aumentando os preços de qualquer mercadoria: dêz, vinte, cem vezes sobre o que deveriam ser, Vamos protestar, nesse caso. A bola de cristal tira pouco dinheiro e dá muitas esperanças. Os outros tiram tudo — e não dão nada. Nem pão.

REVISTA DA SEMANA

ANO XLVII N. 24 :-: 15-6-46

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS
A REVISTA DA SEMANA foi premiada com medalha de ouro na Exposição de Tóquio de 1941 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1934 e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.
ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICA
Parte simples: Um ano — Cr\$ 24,00; Seis meses — Cr\$ 14,00
Registada: Um ano — Cr\$ 110,00; Seis meses — Cr\$ 60,00
ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO
Registada: Um ano — Cr\$ 200,00; Seis meses — Cr\$ 100,00
O ANO de 1946 custa Cr\$ 1,50 no Distrito Federal e Cr\$ 1,00 no Interior; atende Cr\$ 2,50 de Maranhão, 14 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro
Tels.: — Direção: 22-2622 — Circulação: 22-2601 — Redação: 22-4441
Publicidade: 22-6879 — Fotografia: 22-1818 — Portaria: 22-5000
Correspondente em São Paulo: — J. Machado Sobrinho — Av. 1 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Co. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1745, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 228 — Ts. 23 Avenida 9100 — Buenos Aires
Propriedade da CIA EDITORA AMERICANA — Diretor: GRATULIANO BRITO
Trabalhos assinados são da responsabilidade dos autores
ESTE NÚMERO CONSTA DE 68 PAGINAS
O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. 26 problemas científicos são publicados para redação. Não nas responsabilidades pelo conteúdo e o conteúdo, mesmo quando não publicados

NESTE NUMERO

N.º 24
15-6-46

REPORTAGENS

A rua que é uma miniatura da cidade (Marcelo Torres)	8/16
Figuras e Fatos	18
A REVISTA em Hollywood	40/42

LITERATURA

Uma garota igual às outras (Celestino Silveira)	3
Desfecho (Arthur McKinley)	19
A Missa Negra (João do Rio)	20/21
Barroso e Tamandaré (Escragnolle Doria)	26
A Hungareza (YVONE de Miranda)	30/31
A lapiseira de prata (Arthur S. Hardy)	34
Livros Novos (João Luso)	35

CURIOSIDADES

Flagrantes de Washington	4/5
A propósito de Maurice Chevalier	36/37

FEMININAS

Nos bastidores femininos (Kitty)	27
Modelos para inverno	28/29
Diversos	32/33
Trabalhos manuais	38/39
Inverno	43
O guarda-roupa de uma "jeune fille"	44
Vestidos que se transformam	45

SECÇÕES

A semana em Revista	6
Rádio	17
Atualidades mundiais	46/48
Aconteceu no Rio	49

CINEMA

Aquí mora Myrna Loy	23/25
-------------------------------	-------

HUMORISMO

De bom humor	22
"Charge" de Raul	50

NOVELA

A Vidente (Amaral Gurgel)	57/58
-------------------------------------	-------

Na capa:

Adele Jergens (Columbia)

Os Sofrimentos das Mulheres

Os médicos sabem as graves consequências que podem ter certos sofrimentos das mulheres, causados pelas congestões e inflamações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Esses sofrimentos as vezes são tão penosos que muitas mulheres receiam perder o domínio de seus nervos!

A vida assim é um martírio!

Para tratar as congestões e as inflamações útero-ovarianas, use **Regulador Gesteira** sem demora.

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelos sofrimentos do útero, peso no ventre, dores, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelo mau funcionamento do útero, fraqueza geral e desânimo, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, peso, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, falta de disposição para fazer qualquer trabalho, cansaços e outras sérias alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Gesteira**



BRONZISOL
ANTISOLAR
De Mme. Campos
FIKA UM LINDO BRONZEADO
NATURAL
A VENDA EM TODA A PARTE



OS CONCURSOS LITERARIOS DA "REVISTA"

Será iniciada dia 1.º de julho a 5.ª Série do Concurso Permanente de Contos, cujo encerramento dar-se-á noventa dias depois. Isso significa que no transcurso do mês corrente, não estamos recebendo novos originais de contos e pedimos aos interessados que só os remetam depois daquela data.

★

Demos em nossa edição anterior a relação dos doze contos premiados na 4.ª Série do Concurso Permanente de Contos e cujas publicações serão feitas como sempre na base de uma por numero. Seus autores receberão a quantia de CR\$ 100,00 (cem cruzeiros) por original publicado, após as publicações feitas.

★

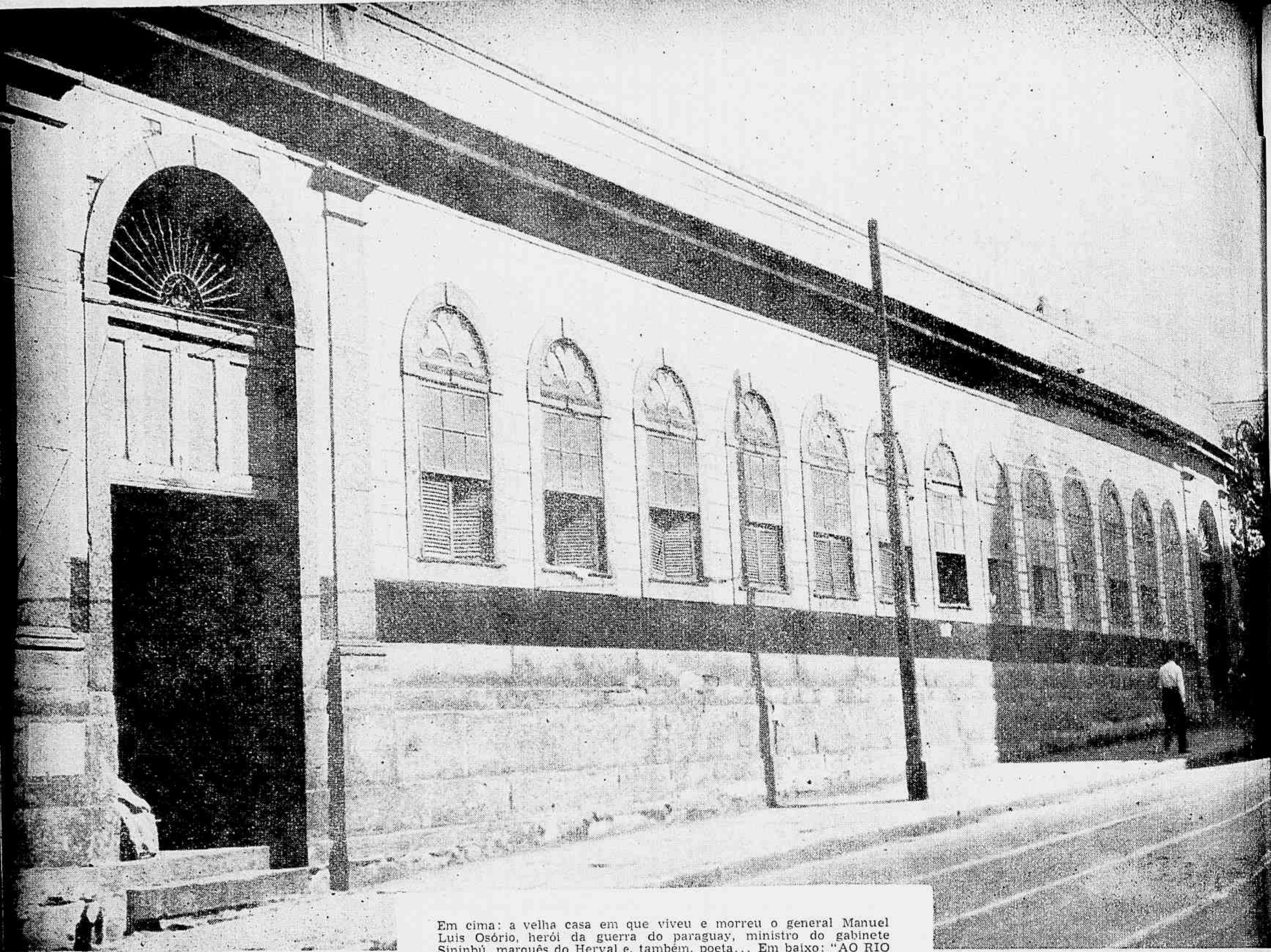
De acordo com as informações publicadas em edições anteriores, continua sendo feito o julgamento do Concurso de Peças (Premio Apolonia Pinto), bem como do Concurso de Romances (Premio Aureliano Machado). As peças continuam distribuídas entre os membros julgadores: Daniel Rocha (Club Ginastico Português), Joraci Camargo (S.E.A.T.), Floriano Faissal (Casa dos Artistas) e Bandeira Duarte (Associação de Criticos Teatrais).

O PINCE-NEZ DE OURO

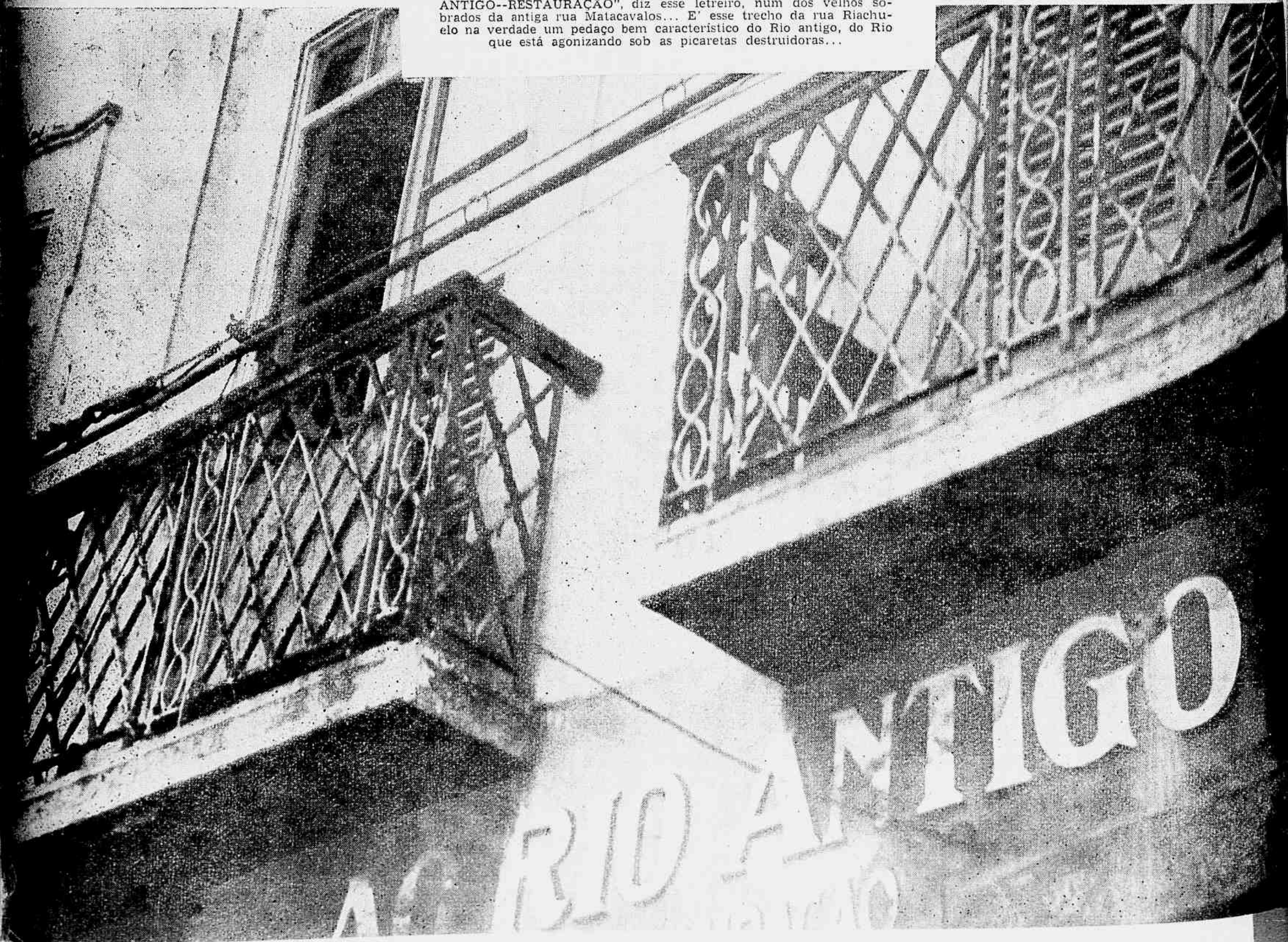
JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES E ARTIGOS PARA PRESENTES

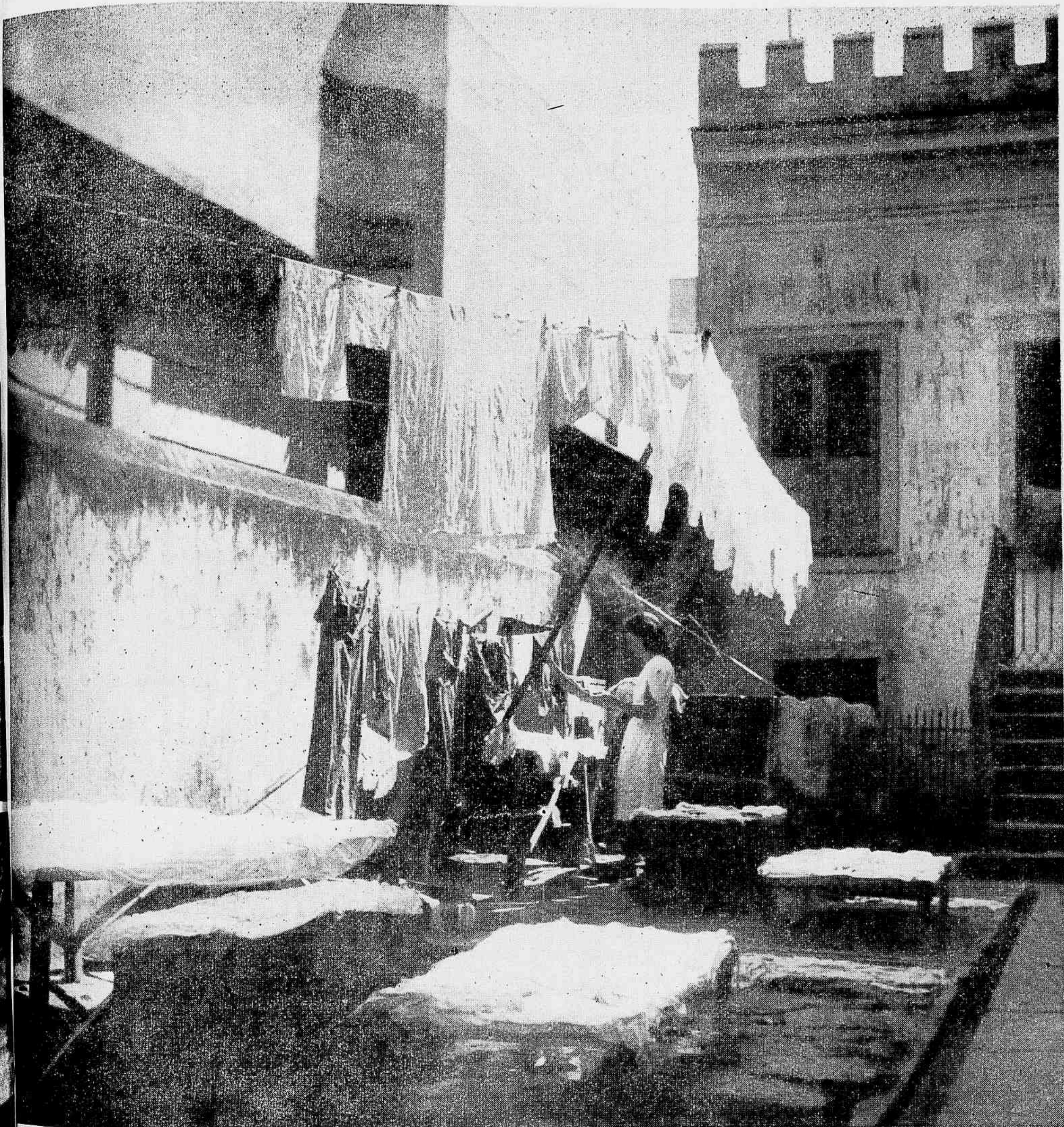
LUIZ R. RICART
TEL. 22-4690 — RIO

R. CARIOCA N.º 28



Em cima: a velha casa em que viveu e morreu o general Manuel Luis Osório, herói da guerra do paraguay, ministro do gabinete Sinibü, marquês do Herval e, também, poeta... Em baixo: "AO RIO ANTIGO--RESTAURAÇÃO", diz esse letreiro, num dos velhos sobrados da antiga rua Matacavalos... E' esse trecho da rua Riachuelo na verdade um pedaço bem característico do Rio antigo, do Rio que está agonizando sob as picaretas destruidoras...





lavadeiras ativas por todas aquelas áreas... Há roupas ao sol por todos aqueles recantos... Aqui se lava discretamente muita roupa suja que vem de bairros mais elegantes e mais afortunados...

A RUA QUE É UMA MINIATURA DA CIDADE

Riachuelo, a antiga Matacavalos, tem tradição histórica e literária, só lhe faltando um cinema e um cemitério, para bastar-se a si mesma... Tem de tudo e não lhe faltam, mesmo, algumas filas — A casa de Osório, general, marquês e poeta — A ladeira dos ratos gordos — Percorrendo a velha rua, da Avenida Mem de Sá aos arcos do conde de Bobadela.

Reportagem de MARCELO TORRES Especial para a "REVISTA DA SEMANA".

TORTUOSA, como é, denunciado a construção sem plano estabelecido, vadeando outrora grotões, cômodos e alagadiços, é um sítio natural que, feita de subida e descidas, em curvas e mais curvas, a rua Riachuelo tivesse recebido, de início, a pitoresca denominação de Matacavalos. Essa denominação

bem carioca traduz o desespero dos que a percorriam, nos primeiros tempos, nos seus cavalos de sela ou nos seus "cabriolets". A rua Riachuelo de hoje, quasi não lembra a vieja antiga, que ia desembocar na lagôa da Lapa, de cujo aterro resultou o Passeio Público. O tempo e a evolução da cidade se incumbiu de

modificá-la, de transformá-la, mas não de desentortá-la. Só na tortuosidade e em alguns marcos históricos, que foram poupados, a rua Riachuelo nos faz voltar ainda as vistas para o passado e recordar ainda a antiga Matacavalos.

Alceta a ladeira do Senado, por onde se sobe para Paula Matos... Poderia se chamar, também, a ladeira dos ratos gordos... Esses roedores aparecem ali, em pleno dia, para se esquecerem ao sol e não têm medo de gente...

O CHAFARIZ HISTÓRICO ERIGIDO PELO INTENDENTE DE POLÍCIA

Um desses marcos históricos é a inscrição do chafariz que foi construído pelo intendente geral de Polícia do Reino, desembargador Paulo Fernandes Viana. Data de 1817 a construção do chafariz, que o desembargador declarou prestar "Muita comodidade aos moradores daquele Bairro". O chafariz de Matacavalos tinha quatro bicas e necessariamente prestou muito bons serviços, como o da Carioca e outros mais, em que se abastecia água a população carioca nos bons tempos de D. João VI. O fato serve para nos ilustrar a respeito da extensão dos poderes da polícia naquele tempo. Não tratava apenas de prender ladrões e assassinos, nem de perseguir conspiradores. Cuidava, também, de prestar serviços ao povo, de facilitar a vida da população.

Esse desembargador, que ficou com o nome ligado ao referido melhoramento público, era o sógro do futuro duque de Caxias. Foi um grande servidor da cidade. Muita gente, — especialmente a gente do morro, — bem gostaria que, nos dias que correm, ainda houvesse desses chefes de polícia que se preocupam em inaugurar chafarizes de quatro bicas...

REMINISCÊNCIAS LITERÁRIAS SOBRE A VELHA MATACAVALOS...

Muitas pessoas que hoje em dia têm os contos e romances de Machado de Assis não sabem que é a rua Riachuelo que ele se refere, quando descreve as residências chiques de Matacavalos. Chiques? Sim, porque por volta de 1860, Matacavalos era uma das ruas mais distintas, mais aristocráticas, mais gráficas do Rio de Janeiro. Era como Botafogo por volta de 1900 e como Copacabana e Ipanema na atualidade. Os rapazes elegantes que, nos seus contos, frequentavam o Castelões e outras confeitarias chiques do bairro do Carcer, ou faziam olho comprido para as moças na rua do Ouvidor, enterneciam-se muito quando as suas eleitas tomavam um "cabriolet" e diziam ao cocheiro, com certo orgulho:

— Toque para Matacavalos!

Quem vivia ali era a gente rica da cidade. É fácil ver-se por este anúncio de um dos contos de Machado de Assis:

"Desencaminhou-se uma cadelinha galga, na noite de ontem, 30. Acode ao nome de Miss Dollar. Quem a achou e quiser levar à rua de Matacavalos n..., receberá duzentos mil réis de recompensa. Miss Dollar tem uma coleira no pescoço, fechada por um cadeado em que se têm as seguintes palavras: "De tout mon coeur".

Gente chique, só, não. Gente rica e afrancesada. Machado de Assis foi o escritor carioca que mais valorizou a antiga Matacavalos. A tortuosa rua que assim se chamou até que um prefeito patriota se lembrou de cancelar o nome antigo, para dar-lhe o atual, em memória de um dos nossos grandes feitos navais, a batalha fluvial contra a frota de guerra de Solano Lopez...

ONDE VIVEU E MORREU OSÓRIO, MARQUÊS E POETA...

Grandes do Império, na verdade, viviam na antiga rua Matacavalos. Não admira, pois,

Trecho da antiga rua Matacavalos, — cujo nome foi mudado pouco tempo depois da nossa vitória sobre Solano Lopez para rua do Riachuelo... Era a morada favorita das damas dos contos de Machado de Assis...

ara Paula
dos ratos
dia, para
nte...

O PELO

nscrição
tendente
parador
7 a cons-
rador de-
os mora-
Mataca-
riamente
da Cario-
cia água
os de D.
rar a res-
olícia na-
e prender
ir conspi-
star servi-
opulação.
m o nome
úblico, era
. Foi um
gente, —
bem gos-
da houves-
preocupam-
o bicas...

S SOBRE
S...

lêm os con-
ssis não sa-
e se refere,
chiques de
ue por vol-
as ruas mais
is granfinas
otafogo por
a e Ipanema
tes que, nos
stelões e ou-
ro do Carce-
ra as moças
m-se muito
um "cabrio-
erto orgulho:

a da cidade.
e um dos con-

elinha galga,
nome de Miss
evar á rua de
entos mil réis
n uma coleira
leado em que
"De tout mon

rica e afran-
escritor cario-
Matacavalos.
amou até que
rou de cance-
e o atual, em
ndes feitos na-
frota de guer-

U OSÓRIO,
A...

rdade, viviam
ão admira, pois,

— cujo nome foi
vitória sobre Solano
morada favorita das
de Assis...

Outra das ladeiras que partem da rua Riachuelo para a montanha — a ladeira do Castro, com suas construções típicas, do tempo em que ainda era a rua Matacavalos...



Em cima: floristas da rua Riachuelo, ocupado em seu mister, no tosco estabelecimento, onde vende flores para aniversários e para enterros, — flores que alegram a vida e flores que enfeitam a morte... Em baixo: um contraste entre os sobradões do tempo do Império e os arranhacéus da III República...



O bondinho
reza, E' tam
no ponto

que Mach
ali algum
que povoa
des do im
Osório, he
o novo nor
do, a quer
do Herval
ceito de
117. Ness
uma pneu
idade. Ac
de Sinim
convencio
president
neração e
olhos par
Morreu
outras coi
— Mor
A velha
letiva fic
a começa
briu o ro
beijou-o
em frente
foi dali
seguiu p
dado á se
Acima
general e
verdade,
que figu
realizava
mões, —
sas dada
provam

Em dese
Oh, Lília
Por goza
Sem que

Que vale
Entre a
Não me
O prêm

Ó Lília
Tem dó
E a glór

Cede o c
Dá-me a
Dá-me c

Ai est
falta de
rua Ria

CONTR
RI

Numa
treiro s
o Rio a
verdade
mente c
nhacéus
valoriza
to. Hoj
e "cabr
móveis
um lad
para a
trajeto,

As cal
Do lado
rompido
regar can
chuelo

O bondinho sai de Riachuelo para o morro de Sta. Te-reza. E' também antigo, viaja repleto e com pingente mas no ponto final descansa para nova "arrancada".

que Machado de Assis tentasse arrumar por ali algumas das criaturas mais requintadas que povoam os seus contos. Um desses grandes do império foi o general Manuel Luis Osório, herói da própria luta de que resultou o novo nome da rua Riachuelo. O ilustre soldado, a quem Pedro II dera o título de marquês do Herval, morou no casarão (segundo o conceito de hoje) que outrora tinha o número 117. Nesse casarão, Osório faleceu, vítima de uma pneumonia, aos setenta e um anos de idade. Ao enfermar, era ministro do gabinete de Sinimbú. Sentindo-se alquebrado e, talvez, convencido do seu próximo fim, enviou ao presidente do Conselho o seu pedido de exoneração e, a 4 de outubro de 1879, cerrava os olhos para sempre.

Morreu lúcido, falando aos filhos. E entre outras coisas disse isto:

— Morro e perdão as ingratidões...

A velha casa que é hoje uma habitação coletiva ficou cheia de personalidades ilustres, a começar pelo ministro Sinimbú, que descobriu o rosto do cadáver do ilustre soldado e beijou-o na testa. Enorme multidão se reuniu em frente à casa. As visitas se sucediam. E foi dali que o corpo embalsamado de Osório seguiu para o Rio Grande do Sul, onde foi dado à sepultura.

Acima ficou dito que Osório não era apenas general e marquês, mas também poeta. Na verdade, há um soneto do valoroso soldado que figura em antologias indiscretas. Ele realizava aquilo de que fala o verso de Camões, — "braço às armas feito, mente às musas dada". E era um poeta ardente, como provam estes versos:

SONETO

Em desejos ardendo o teu amante,
Oh, Lília! o triste humano que te adora,
Por gozar-te suspira, geme e chora
Sem que possa beijar-te um doce instante.

Que vale o meu amor, se delirante,
Entre a chama fatal que me devora,
Não me conto ditoso uma só hora,
O prêmio não me dás de ser constante?

Ó Lília bela, o meu queixume escuta,
Tem dó deste infeliz que é todo teu
E a glória de adorar-te só disputa.

Cede o que a natureza te cedeu,
Dá-me a palma do amor na doce luta,
Dá-me os mimos que o céu te concedeu!

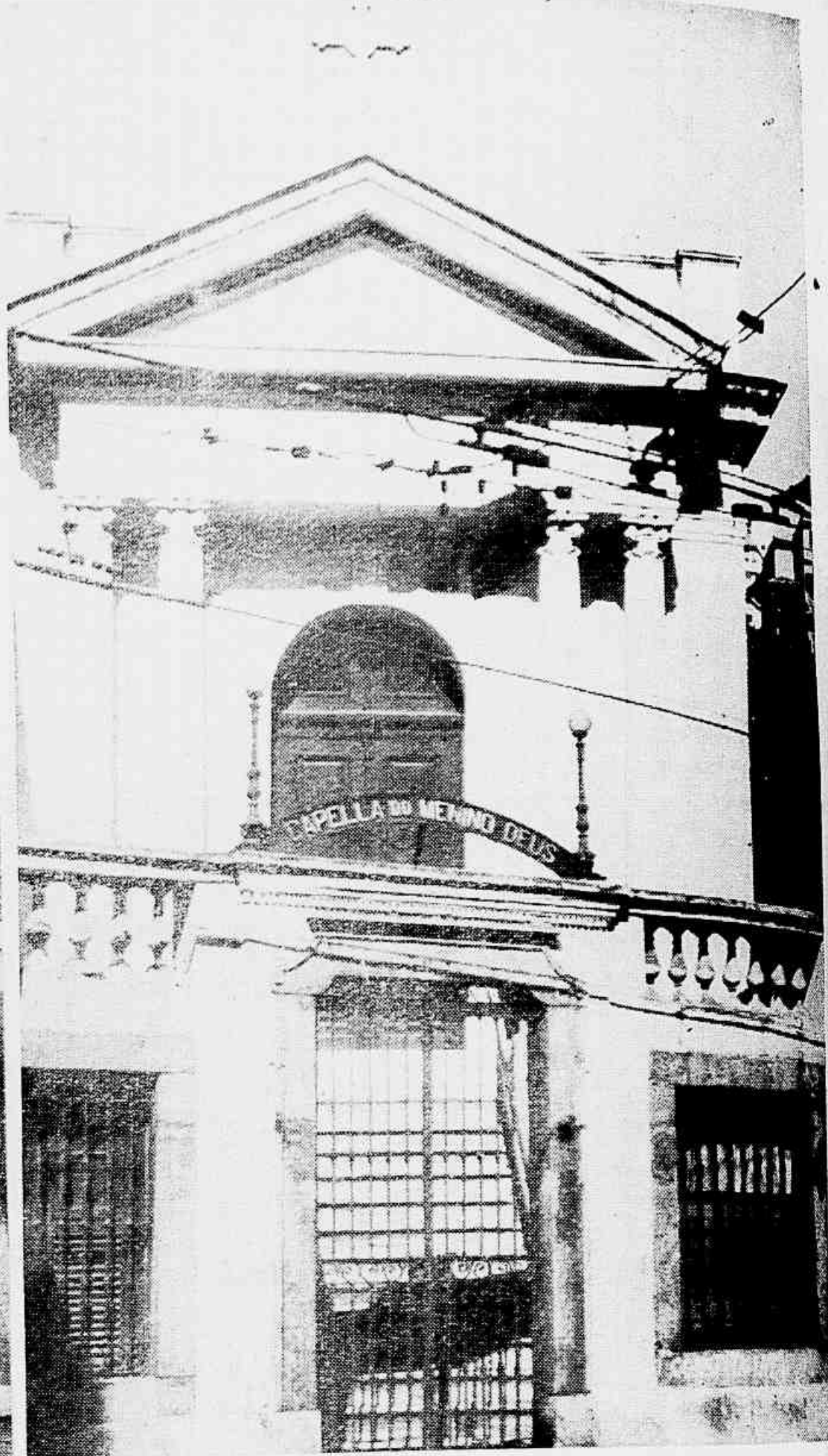
Aí está uma mostra do poeta-marquês. A' falta de outro, não se diga, entretanto, que na rua Riachuelo nunca viveu um poeta...

CONTRASTES PITORESCOS ENTRE O RIO DO PASSADO E O RIO DO FUTURO...

Numa casa comercial, encontramos um letreiro saudosista, — "O Rio Antigo". Mas se o Rio antigo ainda vive naquele letreiro, a verdade é que vai desaparecendo paulatinamente do resto... A massa vertical dos arranha-céus se ergue aqui e além, no chão supervalorizado, procurando ganhar espaço no alto. Hoje já não passam por aqui carruagens e "cabriolets". Passam bondes, ônibus, automóveis em disparada. E já só há mão para um lado, — o de quem vem da rua Frei Caneca para a praça dos Arcos. Quasi no fim desse trajeto, a nossa vista encontra um dos mais

As calçadas são largas de um lado e estreitas do outro... Do lado em que são largas às vezes o trânsito fica interrompido quando aparecem homens fazendo força para carregar caminhões com ferragens e motores... E' a rua Riachuelo, palpitante de vida... e de trabalho pesado.





J) Na rua Riachuelo há hospitais onde se vai buscar a cura do corpo e igrejas em que se vai buscar a cura das almas... Aqui está um dos hospitais, o da Venerável Ordem do Monte do Carmo e a capela do Menino Deus...

singulares contrastes da paisagem urbana do Rio, — a imagem de um arranhacéu ultramoderno contra o fundo massivo dos Arcos, mandado construir por Gomes Freire, em substituição aos Arcos Velhos, construídos por Aires de Saldanha de 1719 a 1723. Sendo os Arcos um monumento da cidade, não tocaram ainda neles e decerto não tocarão. Mesmo porque fazê-lo seria quase um crime, — seria desnaturar uma das características da nossa fisionomia urbana, uma das tradições que o Rio tem feito bem em conservar.

A LADEIRA DOS RATOS GORDOS...

Uma das curiosidades da rua Riachuelo é a ladeira dos ratos gordos... Por ela sobem homens e mulheres, geralmente magros, para o alto do morro. Lá em cima está Paula Matos, que é o começo do morro de Santa Tereza. Cá em baixo, correndo entre aqueles ziguezagues de pedra, estão os ratos. São os ratos mais gordos e mais valentes do Rio de Janeiro, porque saem de suas tocas á plena luz do dia, investindo, por vezes, contra sacos de feijão e de outros gêneros alimentícios, nos armazens das proximidades. Nos terrenos baldios adjacentes e nas ruínas de velhas casas, estão as tocas daqueles ratos enormes... Moças granfinas, se passassem por ali, desmaiariam ou sairiam correndo, de saias imprudentemente levantadas. A gente pobre que sobe para Paula Matos não se assusta mais. Já sabe que aqueles ratos fazem parte da ladeira. São ratos que a Prefeitura não manda matar, nem a Saúde Pública tampouco. Houve uma época em que a existência de ratos como aqueles assustaria o povo e causaria pânico. Todo mun-

do ficaria receando a irrupção de um surto de peste bubônica. Os ratos seriam caçados, perseguidos, exterminados. Oswaldo Cruz ou alguém por ele pagaria um tanto por cada um dos ratos que fossem mortos. Mas os tempos mudam. Antigamente também havia fumigação dos esgotos, com gases venenosos. Tinha isso um nome inglês, — chamava-se a "claytonagem". Hoje, somos mais nacionalistas do que outrora. Não há mais "claytonagem". E há mais ratos. Ratos, ratos, ratos... Tantos ratos que até fazem lembrar a velha musiquinha da nossa infância:

"Rato, rato, rato,
Por que motivo
Tu roestes meu baú?
Rato, rato, rato, etc."

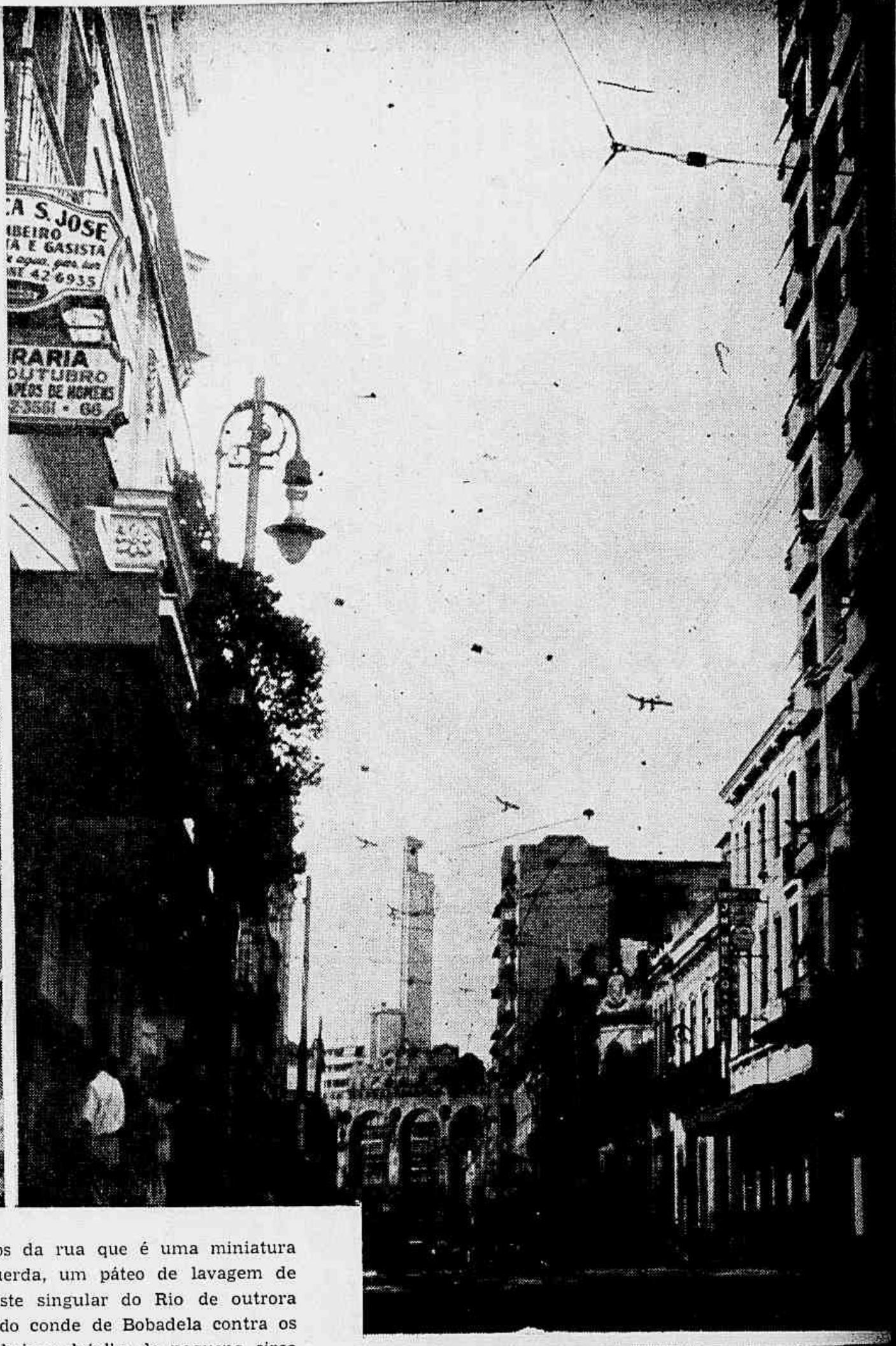
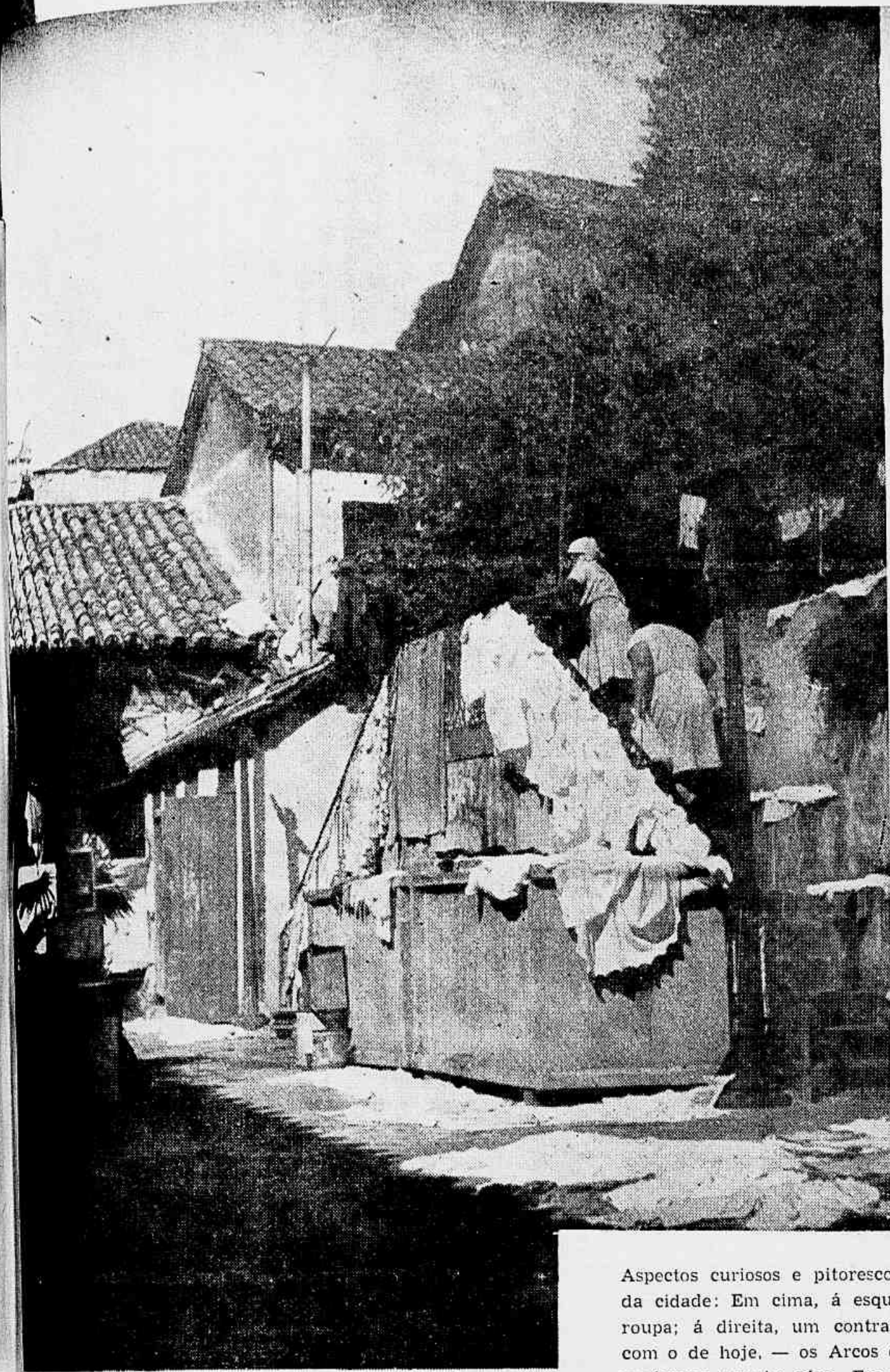
Rua Riachuelo. Curioso, o teu destino. Outrora, matavas cavalos. Hoje, engordas os maiores ratos da cidade do Rio de Janeiro...

A RUA QUE TEM DE TUDO, OU DE QUASI TUDO...

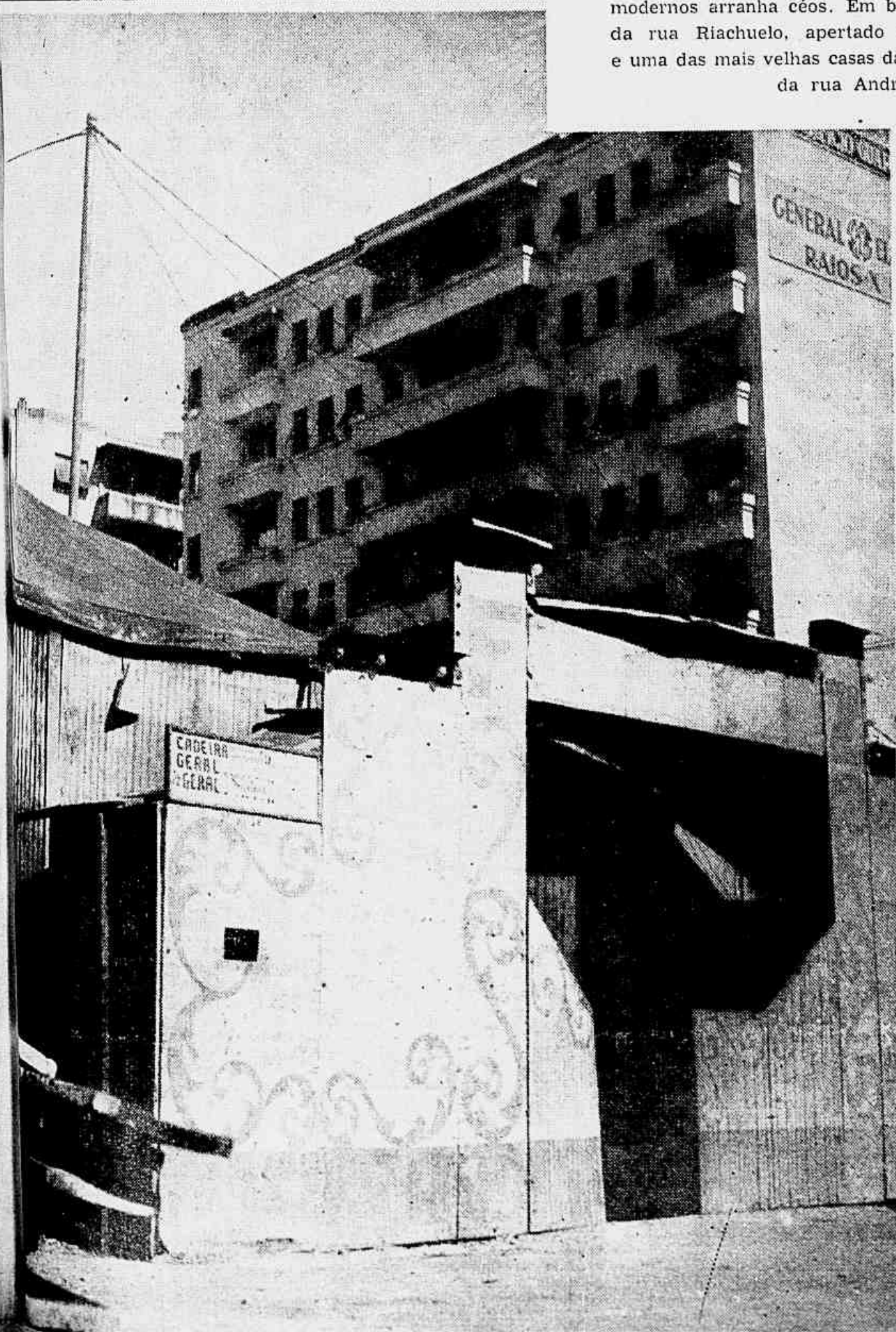
Falta um cinema, na rua Riachuelo. Falta um cemitério também. Já o dissemos, mas não faz mal repetir o que é verdade. Mas a falta do cinema é compensada por um cirquinho, pobre, humilde, divertimento de gente sem granfinismo. E da falta do cemitério ninguém se queixa. Nem todas as ruas têm esse dramático sítio em que fazemos o nosso último turismo, por alheias mãos... Mas a rua Riachuelo tem tudo o mais que é característico de uma cidade. Tem bares e restauran-

tes, uns melhores outros piores e, alguns, evidentemente infames. Teve o seu cabarezinho, ou melhor, o seu "dancing," que, há pouco, abriu falência. Tem sua imprensa, — pois aí tem sua redação, há mais de quinze anos, um dos mensários ilustrados da cidade, "Vida Doméstica". E aí nasceu e morreu a revista cinematográfica "Frou-Frou". Foi a mesma a sorte de "Excelsior", mensário ilustrado que cultivava, sobretudo, os católicos...

Tem a rua Riachuelo hospitais, em que se cura o corpo. — ou de onde se sai em belas carruagens, com muitas flores, e um atestado de óbito de quebra... E tem igrejas, onde se cura a alma. Igrejas onde são marcadas as três etapas principais da existência humana, — o batismo, o casamento e a missa de corpo presente... Tem casas de flores, — que tanto alegram a vida como enfeitam a morte... Mas esqueçamos as coisas fúnebres e pensemos nos momentos festivos, nas horas alegres da nossa vida. Na rua Riachuelo encontramos uma bandeira que é o símbolo autêntico da cidade, um estandarte que representa a alma ruidosa das multidões cariocas. Essa bandeira é a do Clube dos Democráticos. Basta a simples menção desse nome para sugerir toda uma sarabanda de imagens risonhas, galhofeiras, dinâmicas, endiabradas. Vêm-nos à lembrança os desfiles de terça-feira gorda, toques de clarins, cavaleiros tirando o chapéu ao povo e pedindo passagem, carros fascinantes de luzes, de vidrilhos, de lantejoulas e esmaltes. Mulheres sorridentes, — algumas vezes mais gordas do que deviam ser, — atirando beijos ao público. Fogos de bengala, aglomerações, vivas e, também uma vez por outra, alguma pancadaria... Fechada, com duas grandes letras na fachada e um alto-falante,



Aspectos curiosos e pitorescos da rua que é uma miniatura da cidade: Em cima, à esquerda, um pátio de lavagem de roupa; à direita, um contraste singular do Rio de outrora com o de hoje. — os Arcos do conde de Bobadela contra os modernos arranha céos. Em baixo: detalhe do pequeno circo da rua Riachuelo, apertado entre casas de apartamentos, e uma das mais velhas casas daquela via pública, a da esquina da rua André Cavalcanti.



Em cima: Um contraste entre o Rio antigo e o Rio moderno, capturado pela nossa objetiva. — um portão colérico de lata e o arcabouço de um arranha-céu em construção, ao fundo. Em baixo: O que resta do chafariz de quatro bicas, construído na rua Riachuelo pelo intendente geral de Polícia Paulo Fernandes Vianna, sogro do duque de Caxias, em 1817.

silencioso, a sede do Clube dos Democráticos parece afundar-se, ela própria, na saudade dos carnavais passados, das horas alegres que não voltarão mais...

Rua das sacadas com gradis de ferro, rua das lavadeiras com seus muros e pátios interiores cheios de roupas lavadas, a quasar ou a secar, rua dos sobradões que agonizam e que não tardarão a desaparecer sob as picaretas demolidoras, — até mesmo nisso, na renovação por que está passando, a velha rua Riachuelo é bem um símbolo do Rio que se transforma, que vai deixando na distância o seu passado, abatendo não só casas, como ruas, não só ruas como morros, não só morros como ainda, alterando a configuração do litoral, entupindo praias, ganhando terreno ao mar...

O CANTO DAS MAIS TERRÍVEIS PRAGAS JAMAIS FORMULADAS PELOS CARIOCAS...

Velha rua, que mudou de nome e vai mudando de aspecto todos os dias, a do Riachuelo tem uma particularidade que nenhuma outra rua carioca talvez tenha... É que atrai maior número de pragas... Pragas terríveis, pragas sinceras, pragas como a população jamais endereça a nenhum outro recanto da cidade... As linhas telefônicas canalizam para a rua Riachuelo alguns dos mais terríveis desaforos que já se fizeram ouvir através da invenção de Alexander Graham Bell. É que, na rua Riachuelo, está localizada a Inspetoria de Águas, que um humorista carioca já declarou ser desnecessária, porque, com a criação da Inspetoria das Secas, ela não tem mais razão de ser... Os funcionários da Inspetoria de Águas, quando atendem o telefone, já vão preparados para ouvir coisas pouco amáveis. E com esse treino aprenderam a não se exaltar. São os homens mais calmos do mundo.

— Então, que história é essa? Quando é que vamos ter água aqui em Laranjeiras? — pergunta uma voz irritada.

— Calma, minha senhora... O seu dia chegará... Não podemos fabricar água...

— Desafado! Dê-me o seu nome, que eu irei denunciá-lo ao ministro... Farei publicar uma nota no "O Globo"...

— E a senhora pensa que irá arranjar água com isso?

— O senhor não devia brincar com a aflições alheias!

— Não se exalte, minha senhora... Não fique nervosa... Quanto é hoje do mês?

— Dia 3? Será que o senhor não sabe?

— Bem, amanhã é o dia de dar água para a Tijuca... Depois de amanhã, a Santa Tereza... A senhora terá água no dia 6, ouviu?

— O senhor garante?

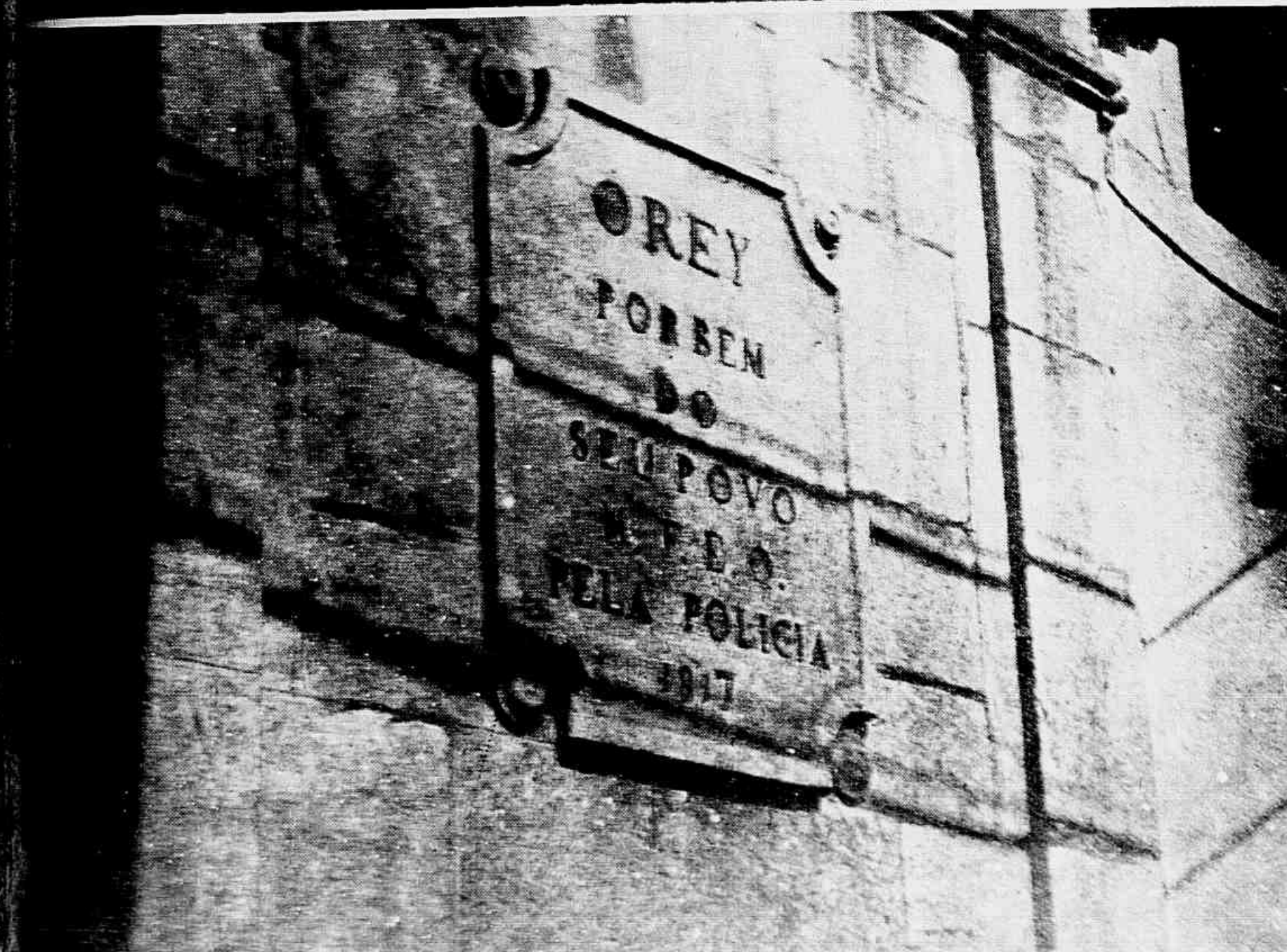
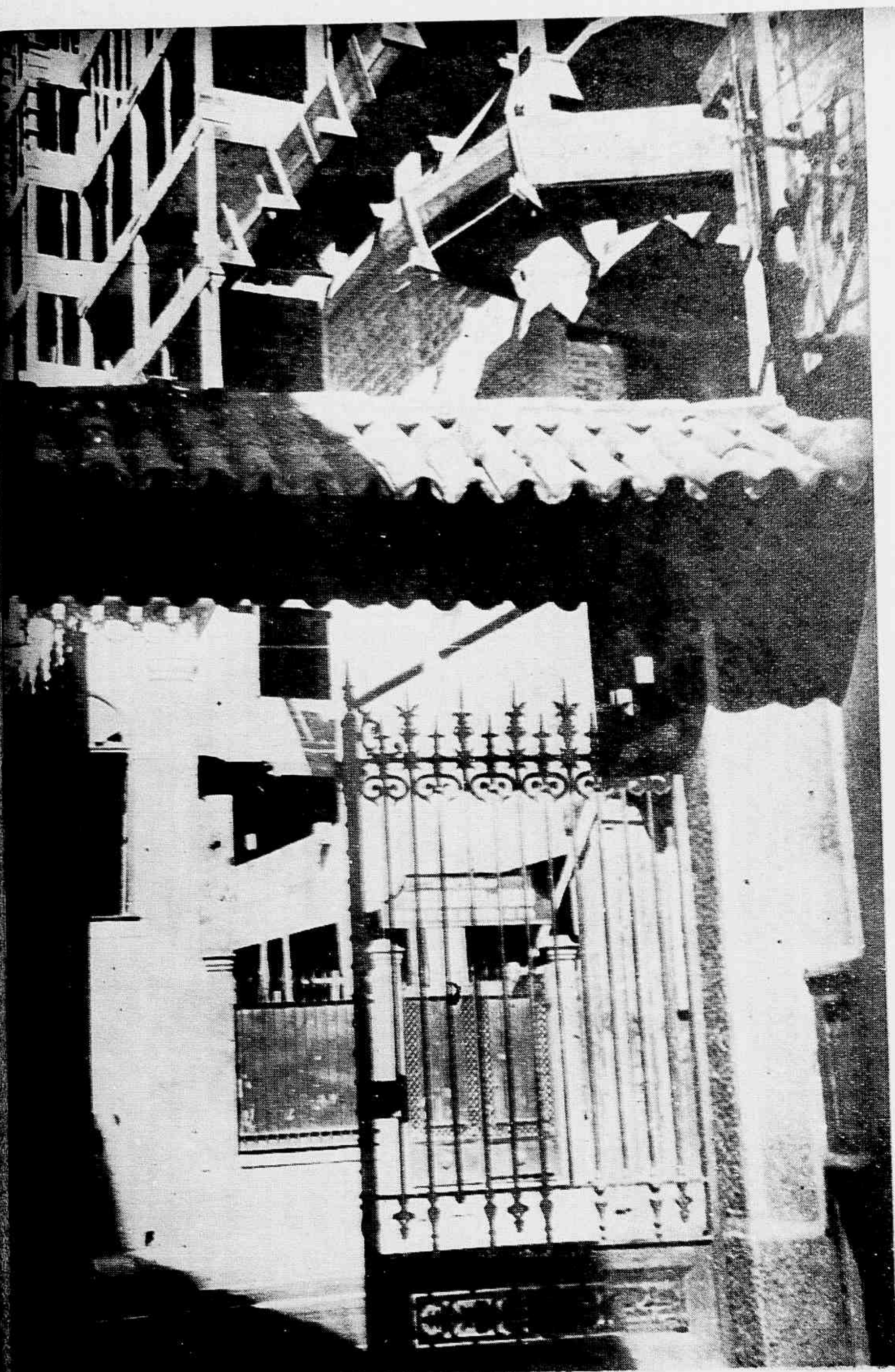
— Garanto.

— Quer dizer que eu posso chamar minha irmã e meu cunhado, que moram em Ipanema, para tomar banho aqui em casa?

— Poder, a senhora pode... Agora, se não sobrar água para o seu banho, isso é lá com a senhora...

Às vezes, os diálogos telefônicos são assim, como os que aí ficam. Começam violentos e acabam pacíficos. Outras vezes começam violentos, ficam mais violentos ainda e terminam fora do dicionário, seguidos de um brusco desligar do telefone.

Rua Riachuelo... Tiveste dos primeiros chafarizes do Rio de Janeiro. Ias morrer numa lagoa que secou. Teu nome é um nome eminentemente fluvial. Num dos teus quarteirões está a Inspetoria de Águas. Mas, desgraçadamente, por vezes também estás seca, como o resto da cidade. E só nesses dias é que das férias forçadas as tuas laborosas lavadeiras...





Maria Henriques

A cantora Maria Henriques, contrato de reconhecido mérito e artista exclusiva da Rádio Globo.

ANDARAM os setores radiofônicos interessados durante a semana com a nomeação do novo diretor geral das rádios Tupi e Tamoio, snr. Gilberto de Andrade, que por muito tempo exerceu o mesmo cargo na Rádio Nacional. Que a escolha foi acertada, levando-se em conta a experiência do snr. Gilberto de Andrade, ninguém pode pôr em dúvida, restando saber se conseguirá ele, com a sua autoridade, controlar devidamente aquelas emissoras. Tupi e Tamoio poderiam exercer um domínio muito mais forte no "broadcasting" nacional por todos os motivos e mais um: por estarem ligadas a um grande consórcio jornalístico e radiofônico. Mas essa sincronização perfeita nunca a conseguiram os diretores da organização em apreço, havendo motivos para acreditar que a experiência feita agora com o antigo diretor de "Sintonia", seja melhor sucedida. Uma entidade que possui mais de dōze estações de rádio espalhadas por todo o Brasil, e um número ainda maior de jornais e revistas, tem obrigação de tirar uma eficiência cento por cento principalmente das estações "cabeças", as que se localizam aqui no Rio, as Tupi e Tamoio, enfim.

Nos EE.UU., as grandes emissoras trabalham em "cadeia", de costa a costa, e um bom programa é irradiado simultaneamente por cinquenta, cem ou mais estações. E nem sempre as estações pertencem

à mesma organização. Por que não fazer o mesmo no Brasil? O aspecto comercial da questão, o preço dos patrocínios desses programas, a uniformidade da propaganda no Rio e nos Estados, é o que justamente cabe à administração das emissoras resolver. Tem os Associados um campo de atividade monumental, mas ainda não articulada em conjunto, sem o sincronismo das grandes peças, sem a unidade de ação a que faz jús. Quem sabe si não rá o sr. Gilberto de Andrade realizar esse magnífico trabalho? Sim, a responsabilidade é enorme e nós sabemos com que dificuldades ele se vai deparar. Mas o valôr está em resolver casos difíceis — e não aqueles que qualquer um poderia decidir. Aguardemos, portanto. — C.

R A D I O



O maestro Willian STEINBERG, que está realizando uma série de concêrtos no Rio, com a Orquestra Sinfônica Brasileira.

★

FIGURAS E FATOS

★

A' esquerda: Por ocasião de sua recente visita à Califórnia, o Almirante Jorge Martins, Ministro da Marinha, percorreu os estúdios de Walt Disney em Hollywood, onde foi feito o flagrante que ilustra esta página. A seu lado estão as sras. Carlos Martins e Bojunga da Silva, sua filha, quando apreciavam a organização dos famosos desenhos animados.

Em baixo, á esquerda, um detalhe da exposição do pintor Fernando Martins, levada a efeito no Museu Nacional de Belas Artes, sobre motivos de Terezopolis, vendo-se o artista mostrando suas telas a duas visitantes. E á direita o major Carlos de Medeiros, que vem de tomar posse no cargo de vice-presidente da C.V.R.D.S.A.



O oficial dissera: cinco minutos. Ele agradeceu o favor especial concedido pelo superior, e entrou na sala onde ela o esperava.

Tom!

Durante alguns minutos não teve forças para falar. Segurou-a simplesmente, ofegante, escondendo o rosto nos seus cabelos.

— Martie!

Com um suspiro, ele conseguiu, finalmente, falar. Mas, que haveria na expressão dela que lhe dava um ar estranho, subitamente?

— Tom, eu... eu preciso dizer a você uma coisa.

Ela estava falando como quem ensaiou muito um discurso, aprendeu-o de cór e recitou-o de um só fôlego, para ver-se livre de uma vez.

— Compreendi que não o amava mais. Seria hipocrisia continuar assim. Tanto mais que encontrei... alguém que... você compreende Eu não podia continuar mentindo a você. Portanto...

Somente quando ela lhe colocou o anel na mão, encerrando tudo, foi que ele compreendeu, em toda sua extensão, o que se passava. Porque, na verdade, sua primeira impressão fôra de espanto e incompreensão. Martie? Martie que ele adorava como a própria mãe — Martie vinha e lhe anunciava que não gostava mais dele, que o noivado estava terminado? Uma nuvem escureceu-lhe os olhos, mas ele, com um esforço, manteve-se de pé, com ar sereno: um homem não pode desmaiar — é ridículo. Contudo, no momento em que, com um ar de quem conclui alguma coisa desagradável, ela lhe depositou o anel na mão estendida, ele sentiu que uma página tinha sido arrancada de sua vida: acabou-se.

Não saberia explicar mais tarde como a deixou naquela sala. Nem poderia dizer se foi o oficial que veio avisar que o tempo estava exgotado e ele deveria partir ou se, sem pretexto evidente, ele se voltara e abandonara a sala, deixando-a de pé, à espera de uma resposta. Mas haveria resposta, depois do ar decidido com que ela pronunciara aquelas palavras? Ele se agarraria, de bom grado, à menor sombra de esperança de que tudo voltasse a ser como dantes, mas ela fôra simplesmente comunicar-lhe, uma decisão, nunca consultá-lo sobre um problema. Tudo terminado. E agora, outro capítulo, murmurou ele, com um sorriso triste.

O avião estava pronto e os companheiros já ocupavam seus postos.

— Hei, Tom, você está no mundo da lua!

Maquinalmente ele foi para o seu lugar. Uma missão arriscada — um bombardeio. Porém, na verdade, ele não sentia naquele momento o mesmo receio das outras viagens, nas quais eles tocavam nas azas da morte. Antes, tinha alguma coisa para

o fazer viver — Martie e a esperança do regresso. Por isso temia. Para revê-la. Mas revê-la, agora, valeria a pena? Revê-la, com outro? Um vácuo estranho parecia existir dentro dele. Seus movimentos eram seguros e maquinais. Mas ele nada sentia...

Depois de alguns minutos de vôo, um companheiro estranho seu silêncio, perguntou:

— Como é? Não gostou de ver a noiva?

— Brigamos.

Por que dissera aquilo? Que tinha ele com o que acontecera? Mas, naquele momento ele não poderia responsabilizar-se pelo que dizia.

— Por que?

Depois corrigindo-se:

— Eu não deveria ter perguntado isso. Não é da minha conta.

— Não. Eu gostaria de contar tudo. Alivia.

E, enquanto o bombardeiro furava as nuvens, ele contou ao companheiro atônito o que se passara. Relembrou o passado e, na verdade, não estava falando

para o interlocutor, era mais para si mesmo, para recordar simplesmente o passado e encontrar forças novas na recordação.

O vento aumentara e, pouco depois das duas horas da manhã, eles estavam voando sobre Berlim.

Naquele momento começou o bombardeio. O capitão deu ordens apressadas. Havia um novo artilheiro e foi preciso auxiliá-lo porque ele ainda não tinha muita prática. Tom foi para o lado dele e murmurou-lhe conselhos no ouvido, nos momentos precisos. O novo companheiro demonstrava uma certa hesitação.

Tom lembrava, em rápidas recordações, enquanto ativamente tratava de cumprir sua missão, a sua própria hesitação, nas primeiras vezes e recordava que era Martie quem lhe embaraçava os movimentos: ou a recordação de Martie, para explicar melhor.

— Não tenha medo. Você voltará para ela.

Naquele momento, quando todo corriam para um lado e para o outro, quando era necessário agir, primeiro e pensar depois, ele encontrou a palavra justa que galvanizou o novo artilheiro. Daquele instante em diante não foi preciso mais animá-lo. Com os olhos brilhantes, ele seguiu as ordens do capitão.

★

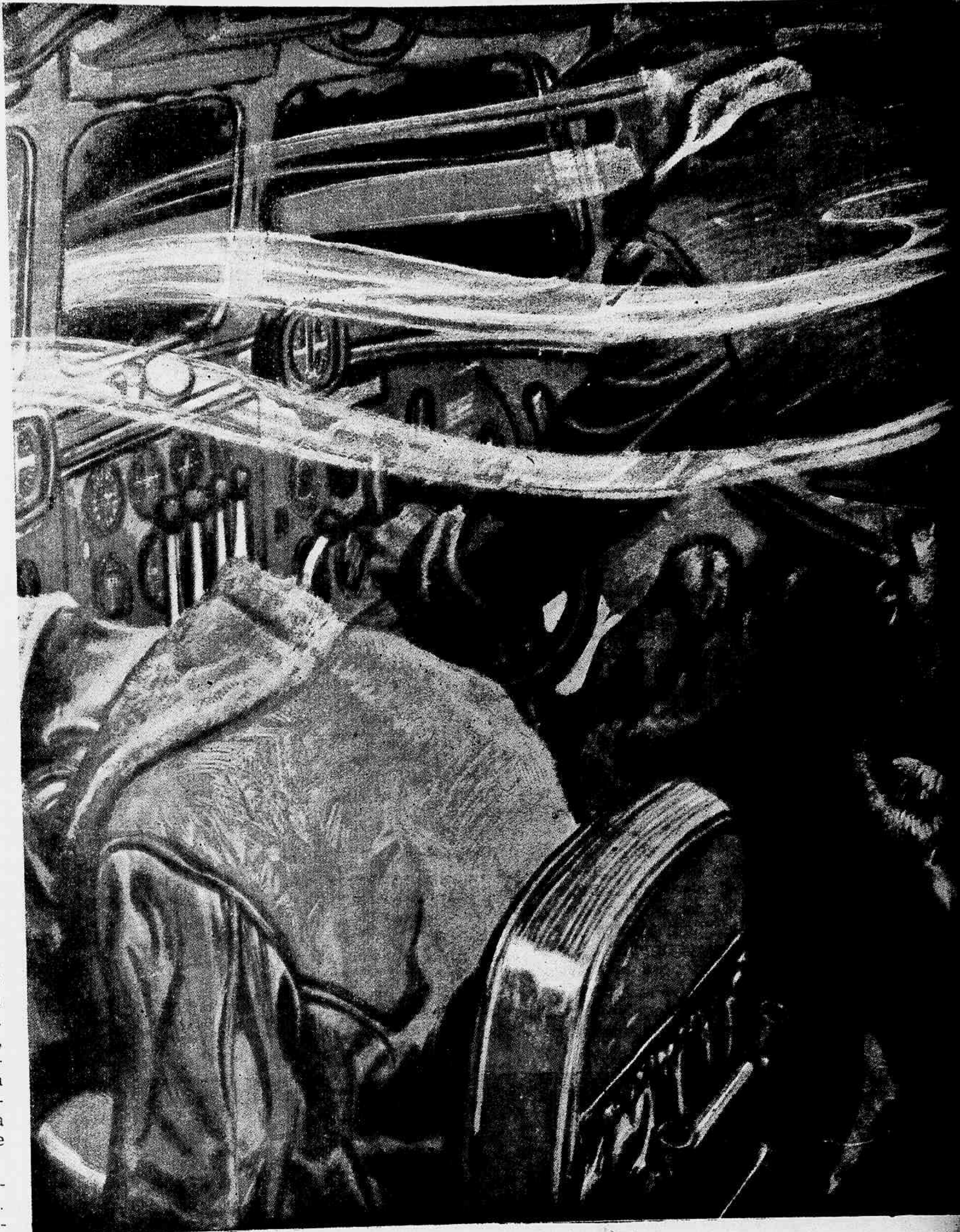
O bombardeiro já ia de volta, com a missão cumprida, quando,

(Continua na pág. 55).

DESFECHO

CONTO DE

STEVE MC KINLAY



A MISSA NEGRA

DE JOÃO DO RIO

A TRAVESSAMOS uma aléa de sapucaias. O terreno enlameado pegava na sola dos sapatos. Justino ia á frente, com um preto que assobiava dois cães sujos e magros. Por entre os canteiros incultos crescia a herva daninha, e os troncos das árvores molhados de luar, pareciam curvar-se.

— Entramos no inferno?

— Vamos ao "sabat" moderno.

Tinhamos chegado ao velho prédio, que emergia da sombra. O negro empurrou a porta e todos três, misteriosamente, penetramos numa saleta quasi escura, onde não havia ninguém. Justino lavou as mãos, respirou forte e, abrindo uma outra porta, sussurrou:

— Entre.

Dei numa vasta sala cheia de gente. Candeiros de querosene com refletores de folha pregados ás paredes pareciam uma fileira de olhos, de fôcos de locomotiva golpeando as trevas numa pertinaz interrogação. A atmosfera, impregnada de cheiros máus de pó de arroz e de suor, sufocava. Encostei-me ao portal indeciso. Remexia e gania entre aquelas quatro paredes o mundo estercoreário do Rio. Velhos viciados á procura de emoções novas, fufias histéricas e ninfomaniacas, mulatas perdidas, a ralé da prostituição, tipos ambíguos de calças largas e meninos de quadris, caras lívidas de "rôdeurs" das praças, homens desbriados, toda essa massa heteroclita cacarejava impaciente para que começasse a orgia. Os velhos tinham olhares cupidos, melosos, os tipos dúbios tratavam-se entre si de comadres, com as faces pintadas, e a um canto o empregado dos Correios, esticando o pescoço depenado de condor, fixava na penumbra a presa futura. Não era uma religião; era um começo de saturnal.

Senti que me tocavam no braço. Voltei-me. Era um poeta muito vermelho, que cultivava

outrôro, numa revista de arte, o satanismo literário. Desequilibrado, matoide, o Carolino estava ali em parada íntima de perversão poética.

— Também tu? fez apertando-me a mão entre as suas viscosas de suor. Curioso, hein? Mas palhaçada, filha, palhaçada! E' a segunda que eu assisto. Uma missa negra de jornal de Paris com ilustrações ao vivo... Imagina que nem há padres. O oficiante é o degenerado que anda á noite pelas praças.

— E as hóstias?

— As óstias, essas ao menos são autênticas, roubadas às igrejas. Dizem até... Esticou-se, colou a boca ao meu ouvido como quem vai fazer uma espantosa revelação: dizem até que ha um sacristão na cidade a mercadejá-las. E' outrôra numa revista de arte, o satanismo literário para quem quer óstias a dez tostões. E' moa!

Mas que diferença, meu caro, da missa antiga, da verdadeira!

— Não se mata ninguém?

— E' possível! E a polícia? Já não estamos no tempo de Gilles de Rais nem da Montespán... Bom tempo esse!

Pousou os dedos no peito, revirou os olhos saudosos. Era como se tivesse tido relações pessoais com Cilles e a Montespán.

A turba entretanto continuava a piar. Todas as janelas fechadas faziam da sala um forno. Carolino encostou-se também e deu-me informações curiosas. Estava vendo eu uma rapariga loura, com uma fístula no queixo e óculos azues? Era uma "troteuse" da praça Tiradentes. Certo homem pálido, que corcorava abanando-se, era artista peladanista, outro gordo e flácido fazia milagres e intitulava-se membro da Sociedade de Estudos Psíquicos. Havia de tudo... Uma senhora, vestida de negro, passou por nós grave, como cansada.

— E esta?

— E' a princesa... Uma mulher original, estranha, que já adorou o fogo...

— Mas você está fazendo romance. Isso é literatura.

— Tudo é literatura! A literatura é o mirífico agente do vício. Porque estou eu aqui? A literatura, Huysmans, o cônego Docre do "Là-Bas," os livros enervadores. Os que arranjaram estas cenas, o rapaz dos Correios, o Justino, o Bóde...

— O Bóde?

— E' o nome satânico do sacerdote... têm o cérebro como um sanduiche de literatura.

— Mas o resto, estas quarenta pessoas que eu vejo, tenho a certeza de vér e que encontrarei talvez amanhã nas ruas?

— Em ruas más... São depravados, pervertidos, doentes, endomoiñhados! Satan, meu amigo, Satan, que os padres arrancaram dos corpos das mulheres no Rio de Janeiro, a varadas.

— E' sempre o melhor meio.

— O único eficaz — mas que nos tira a ilusão e a fantasia... Confesse. E' um goso a descida ao abismo da perdição como Deus do Mal, este banho de gosma em que, de irreais as cenas, não as acreditam os nossos olhos, ao vê-las, nem os nossos ouvidos ouvindo-as. Começa a cerimônia... Entremos. Só falta aqui o falecido coronel...

Abriu-se uma porta, a da casa de jantar, e a crápula entrava aos encontrões dando-se biliscões, com o olhar guloso e devasso. Entramos também.

Como era razoável a desilusão de Carolino! A missa negra a que eu assisti, era uma paródia carnavalesca e sádica, uma mistura de várias missas com invenções pessoais do sacerdote. Havia frases do ofício da Observância trechos sacrílegos do abade Guibourg, a missa de Vintras, esse doido formidável, aparatos aos Ansariés da Síria e um desmedido deboche, o deboche do teatro S. Pedro em noite de carnaval, se a polícia não contivesse o desejo e as portas se fechassem. Carolino tinha razão.

O erotismo ambicioso de outrôra devia ser mais interessante. Guibourg aspergindo água benta o corpo nú da Montespán deitada nos evangelhos dos reis, os pombos queimados, a paixão de Nossa Senhora lida com os pés dentro d'água, o cibório cheio de sangue inocente no centro das sensações, tinham um fim. A missa de Ezequiel, o ofício supremo em que, além de Satan, apareceu Belzebut, Astarob, Asmodeu, Belial, Moloch e Baal-Phagor, era religiosamente terrível. A que os meus olhos viam, não passava de fantasia de debochadas e histéricas necessitando do refreio policial e do chicote.

A casa de jantar estava transformada numa capela. Ao fundo levantava-se o altar-mór, ladeado de um pavão empalhado com a cauda aberta — o pavão símbolo do Vício Triunfal. Nos quatro cantos do teto, morcegos, deitados em corações de papelão vermelho, pareciam assustados. Panos pretos com cruces de prata voltadas cobriam as janelas e as portas.

Do altar-mór, que tinha três degraus cobertos por um pelego encarnado, descia, abrindo em forma de leque, um duplo renque de castiçais altos, sustentando tochas acesas de cera vermelha. Era essa toda a luz da sala. O bando tomou posições. Alguns riam; outros, porém, tinham as faces pálidas, olheirentas, dos apavorados. Nós, eu e o poeta, ficamos no fim. Um silêncio caiu. Do alto, pregado a cruz tosca, uma escultura infame pretendia representar Cristo, o doce Jesus! Era um boneco torpe, de bigodes retorcidos, totalmente excitado, que olhava os fiéis com um olhar trocista e o beicinho revirado.

— E' horrendo.

— Se estamos na casa do horrendo! Guarde a sua emoção. Tudo isso é religião. O mesmo



fazem com Iskariote no sábado da Alelúia os meninos católicos.

Guardai. Vinham aparecendo aos saltinhos, num andar de marrecos presos, quatro sacristães com as sotainas em cima da pele. Esses efobos diabólicos, de faces corminadas e sorrisinhos equívocos, passeavam pela sala como "ménagères" preocupadas com um jantar de cerimônia, dando a última de mão á mesa. Depois surgiu um negrinho de batina amarela, com os pés nus e as unhas pintadas de oiro. Trazia os brazeiros para o incenso e quando passava pelos homens erguia de vagar o balandrau cor de enxofre. A princesa, adoradora do fogo, olhou-o com gula e ia talvez falar, quando apareceu o sacerdote acompanhado de um outro sacristão exótico. A' luz dos círios que estalidavam, nessa luz vacilante e agônica, o mulato era teatral. Alto, grosso, com o bigode trincado, as olheiras papudas, os beijos sensuais pendentes, fez a aparição de capa encarnada e báculo de prata, com os símbolos de Shiva potente.

— Esse homem é doido?

— Um sádico inteligente. Tem como prazer único o crime de um príncipe que ha um ano gitou a moral arquiduvidosa de Londres... Ainda não conversou com ele? Muito interessante. Ha tempos inventou a divina junção dos sexos num tipo único, o androgino satânico. E' admirável...

— A literatura! fiz.

— O Mal! retrucou o poeta cínico, e apontou o dr. Justino.

O pobre médico encostado a uma das cruzes batia palmas clamando.

— Satanaz! Satanaz! Nosso Senhor! Acode!

O sacerdote virou-se. A cauda estrelada de um pavão cobria-lhe o peito da túnica.

Curvou-se, juntou as mãos, e a paródia da missa católica começou, em latim, mudando apenas Deus pelo Diabo. Era tal qual, curvaturas, gestos, toques de campainha, respostas de sacristães, tudo. De repente, porém, o homem desceu os três degraus, os sacristães surgiram com turibulos enormes, e ele, desprezando a casula surgiu inteiramente nú, com o cavanhaque revirado, a mão na anca, cruel como o próprio Rebelde. As mulheres, os pequenos equívocos, o ocultista arrancaram as roupas, rasgaram-se diante dos incensos. Depois de novo, com uma voz do metal bradou:

— Senhor! Satan! Glória da terra! Tu que aclaras os pobres homem, Fonte do ouro, misterioso Guarda das criptas e dos antros; Tu que moras na terra onde o ouro vive; Causa dos pecados; Amparo da carne; Delírio único; Fim da vida; — deixa que te adornes! Não te exterminaram as soitanas baratas, não te perdeu o Outro, não se acabará nunca o teu poderoso império, ó lógica da Existência! Satanaz, estás em toda a parte; és o Desejo, a Razão de Ser, o Espasmo! Ouve-nos, aparece, impéra!

Não vês na cruz o larápio que roubou a tua lábia e o teu saber?

— Deus! murmurei.

— Guarde a sua emoção, meu amigo. E' do rito. Eles dizem que Jesus foi a princípio, de Lucifer...

— E' preciso encarnar o mágico, continuava o homem, neste pedaço de pão; é preciso maguá-lo, fazê-lo sofrer, mostrar-lhe que és único, impassível e admirável. Que seria da humanidade se não fosse o teu Auxílio, ó Portador dos gozos, ó Desmascarador das hipocrisias? Todo o mundo soluça o teu Nome, a Persia, a Chaldéa, o Egito, a Grécia, a Roma dos roubadores da tua Pompa. Olha pelo mundo a vitória, os filósofos, os sábios, os médicos, as mulheres. Os filósofos desviam o amor do Outro, os sábios alugam a crença, os médicos arrancam dos ventres a maternidade, fazem as asexuadas delirantes, esmagam as crianças,

as mulheres escorrem lascívia e o ouro! Nós todos prostrados adoramos-te, diante do impostor, do mentiroso, desse que aconselha a renunciar á Carne! Que venha o dinheiro, que venha a Carne! que se esmague os seios das mulheres e se lhes crave o punhal da luxúria em frente ao impostor... Jesus ha de descer á óstia; tu queres!

Deixou cair o braço. Na face dos erotomanos a loucura punha ritos de angústia.

O sacerdote espumava, e a fumaça dos incensários de tão espessa parecia envolver-lhe indecorosa nudez numa chlamyde de cinza, estrelada de círios.

— O' Rei poderoso das satisfações, os que te acreditam, abandonam as covardias da vergonha, as pregas do pavor e a estupidez da resignação. Enviai-nos Astaroh, dá-nos o amor, faze-nos gosar o prazer, faze-nos...

Um palavrão silvou, sagrado como na Bíblia. Houve um complexo de urros e guinchos.

— "Amen!" cacarejaram os pequenos.

— Tu que és o Vício Amplo, ajuda-nos a violar o Nazareno para a gloria imensa.

Outro palavrão estalou. Metade do grupo não compreendia o "galimatias" blásfemo, mas as frases indignas eram como varadas acendendo a lubricidade, e gentilha então, com o gesto lúbrico dos macacos, cuspinhava impropérios.

O sacerdote não descansou. Atirada a palavra, trepou os degraus, colocou uma mitra imoral no crânio, e, estendendo entre os dedos uma óstia branca de neve, encostou-se ao altar vacilante.

— Que vai ele fazer?

— Vai ao sinistro banal...

Que Deus seria esse? Ia perguntar ao poeta, mas não teve tempo. Um dos sacristães trepara ao altar, com o cálice na mão. Como coroados pelos pés do Cristo, o pequeno com tremores pelo corpo, tics bruscos, garrões de nervos, o olhar embaciado sujeitava-se á extirpação do batismo da óstia, e enquanto o braço do sacerdote num movimento cruel sacudia-o, a sua voz ia dizendo:

— Que Satan o faça encarnar...

De repente o braço estacou. O pequeno tombara babando. Houve então a apoteóse. Com a óstia poluída, o homem nú desceu gritando; os brazeiros caíram por terra, os homens ambíguos com gargalhadas infames rolavam; mulheres estrábicas trepavam pelo altar do quatro pés, querendo comer as migalhas da óstia úmida. A rapariga de óculos azues com os cabelos presos a um círio estendia o corpo convulsionado; o ocultista gordo gania, em torno do malandro nú, o "sacerdos"; uma teoria de sátiros e rurias hidrófobas mastigava enojada os pedaços da óstia que o rapaz de pescoço de condor cuspinhara. A fumaça dos círios sufocava, alguns castiçais tinham caído.

— Hein? fez o poeta, por "pose". Mas tinha os olhos injetados e tremia.

Então, agarrei-o, passámos á sala em que os corpos redemoinhavam promiscuamente no mais formidável dos deboches entre os círios tombados. Dois sinetas puxaram-no. Claudino amparou-se no pedestal do pavão, o Vício Triunfal rolou. Demos na sala dos refletores, desesperados. A sala parecia na sua solidão uma "gare" de crime deserta. Entramos na outra em que o Justino rolava num canapé sob a pressão de incubos suficientes e reais. O negro abriu meia porta:

— Não querem a água maldita?

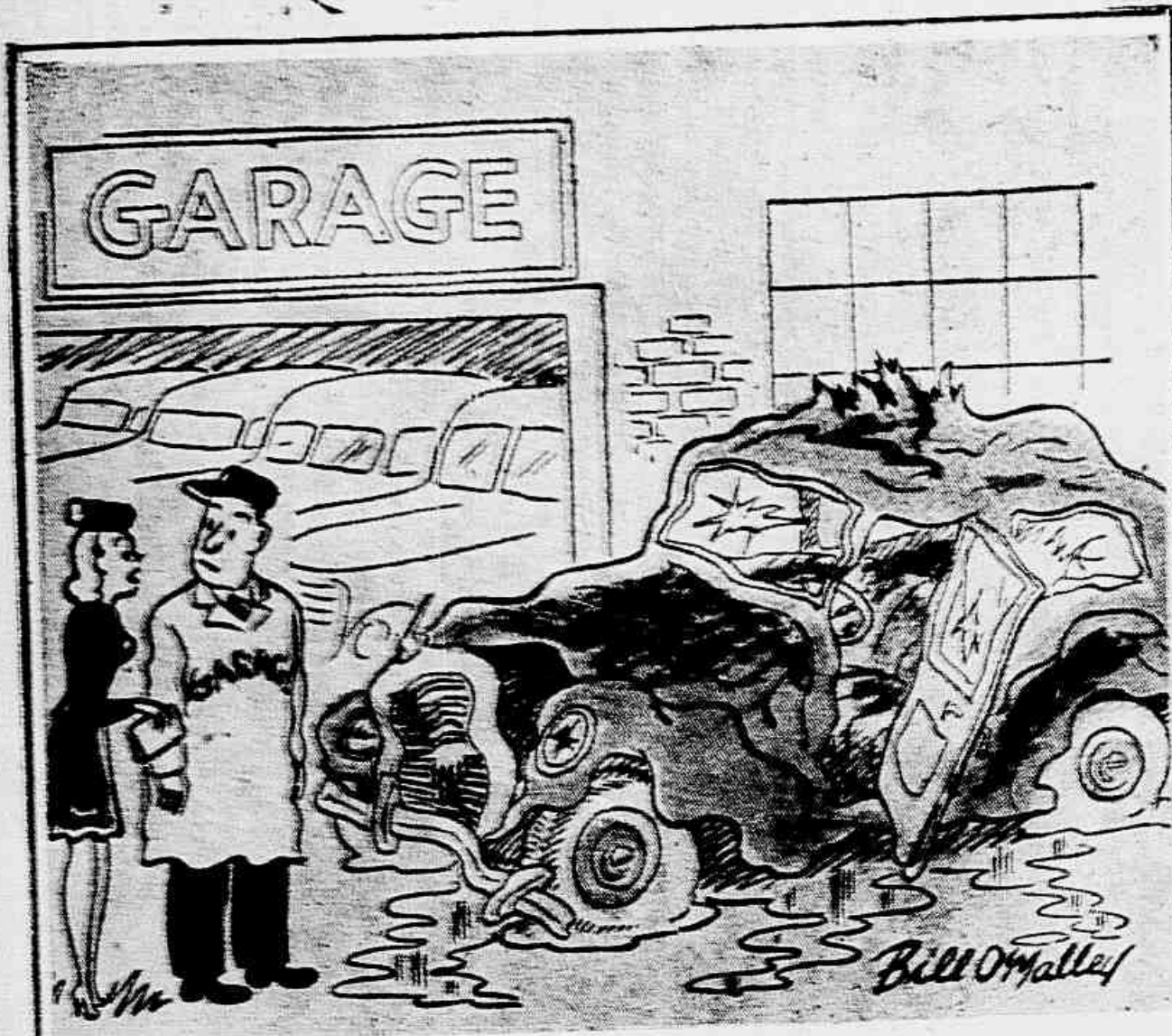
— Não.

— V. S. vai assustado. Não diga nada, meu senhor. Deus lá em cima é que lhes dá esse castigo.

Deixei-o falar, deitei a correr como um doido, na noite enluarada. Ouro, prostituição, infâmia, canalhice, sacrilégio, vergonha! Mas que é tudo isso diante da castidade imaculada dos elementos? Dos altos céus imensos que as estrelas cravejavam de glória, a lua derramava por sobre a calma da noite um manto inconsutíl de cristal e ouro, e a terra inteira, cheia de paz e de doçura, abria em perfume sob o sudário de luz, infinitamente casta...

E foi como se, arrancado ao inferno de um pesadelo lóbrego de nojo e perversão, eu voltasse á realidade misericordiosa de bondade da vida.





— Engraçado, madame! O relógio também parou!



— Perdão, mas só depositarei o meu dinheiro depois que esse
fôrem embora!



— E agora, exma! Deseja mais alguma coisa para o seu
simpatoso marido?



— Meu pai!

DE BOM HUMOR



Quem sabe se este não é o Fred Goetz?

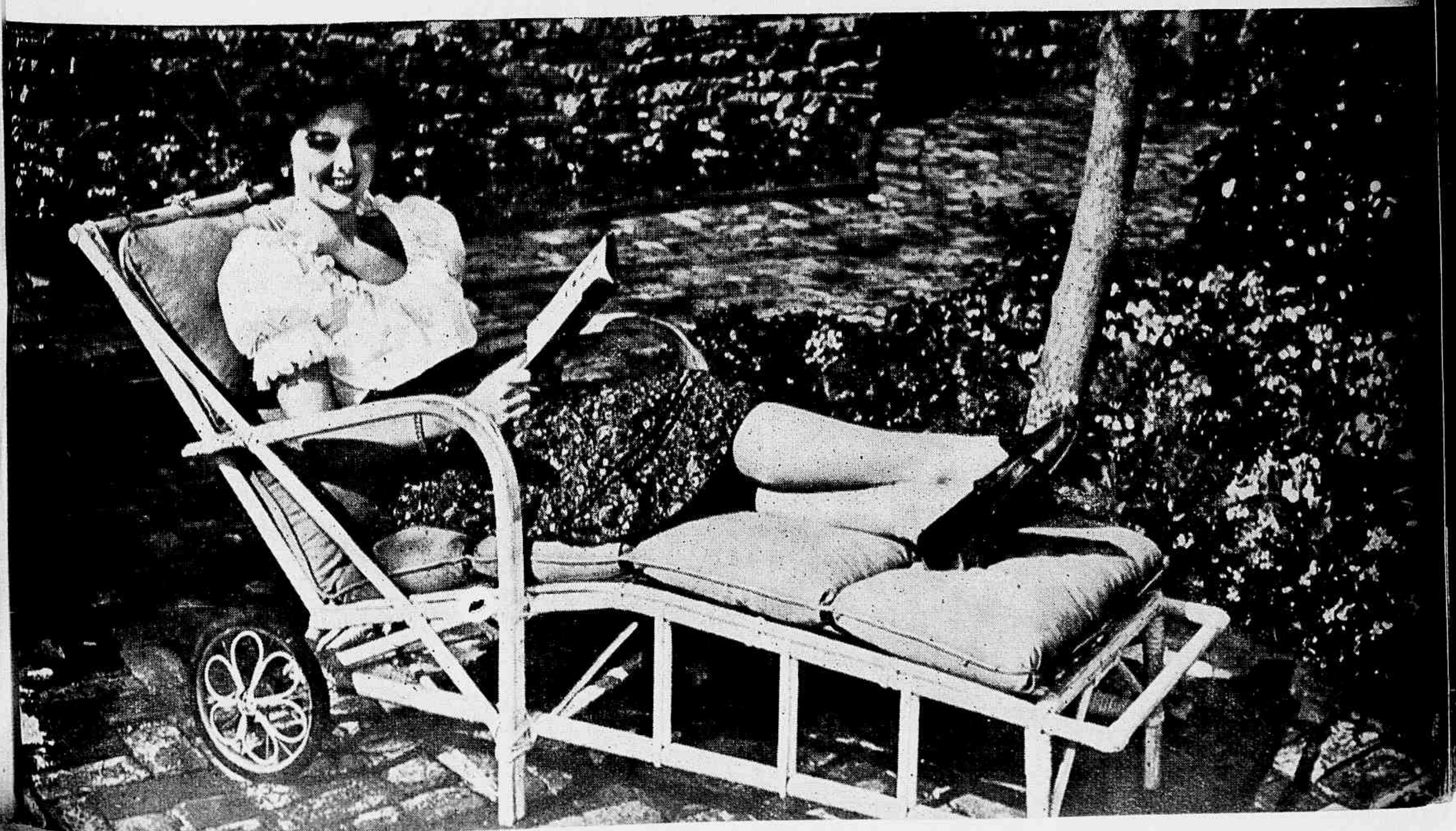
Aqui vive MYRNA LOY

O que talvez nem todos avaliem com segurança é o grau de interesse que têm as estrelas de Hollywood pelas suas residências. Fazem dos seus refúgios, preparados sempre com esmero e carinho, o oásis tranquilo e seguro onde vão descansar do bulício e cansaça dos "studios" onde trabalham. Além do repouso que ali desfrutam, suas vendas atestam sempre o gosto de sua proprietária, não só aos seus hóspedes e amigos, mas também ao mundo inteiro, graças à publicidade espontânea das revistas especializadas e à gula insaciável dos "fans" que tudo querem saber dos seus "astros" preferidos. Por isso chega a ser quase que um problema transcendental para as "stars", a decoração e o mobiliário dos seus palácios que, elas mesmas sabem, serão admirados e copiados em todos os cantos da terra. Myrna Loy, artista de apurado senso estético como provarão as fotografias destas páginas, também não foge à regra e quando as filmagens o permitem corre para sua casa de recreio, perto de Santa Monica. Quando terminou, nos menores detalhes, a decoração de seu "sweet home", Myrna deixou que a fotografassem em quase todas as dependências do seu "paraíso. Decidam os leitores se ela é ou não dona de um apurado gosto.

★

A' direita: A porta de entrada. Simples, não acham? E' tipicamente Americana, é de madeira pintada de escuro, com portas e janelas brancas.

Em baixo: E' no jardim que ela passa a maior parte dos seus momentos de folga. Bastante convidativo, não?

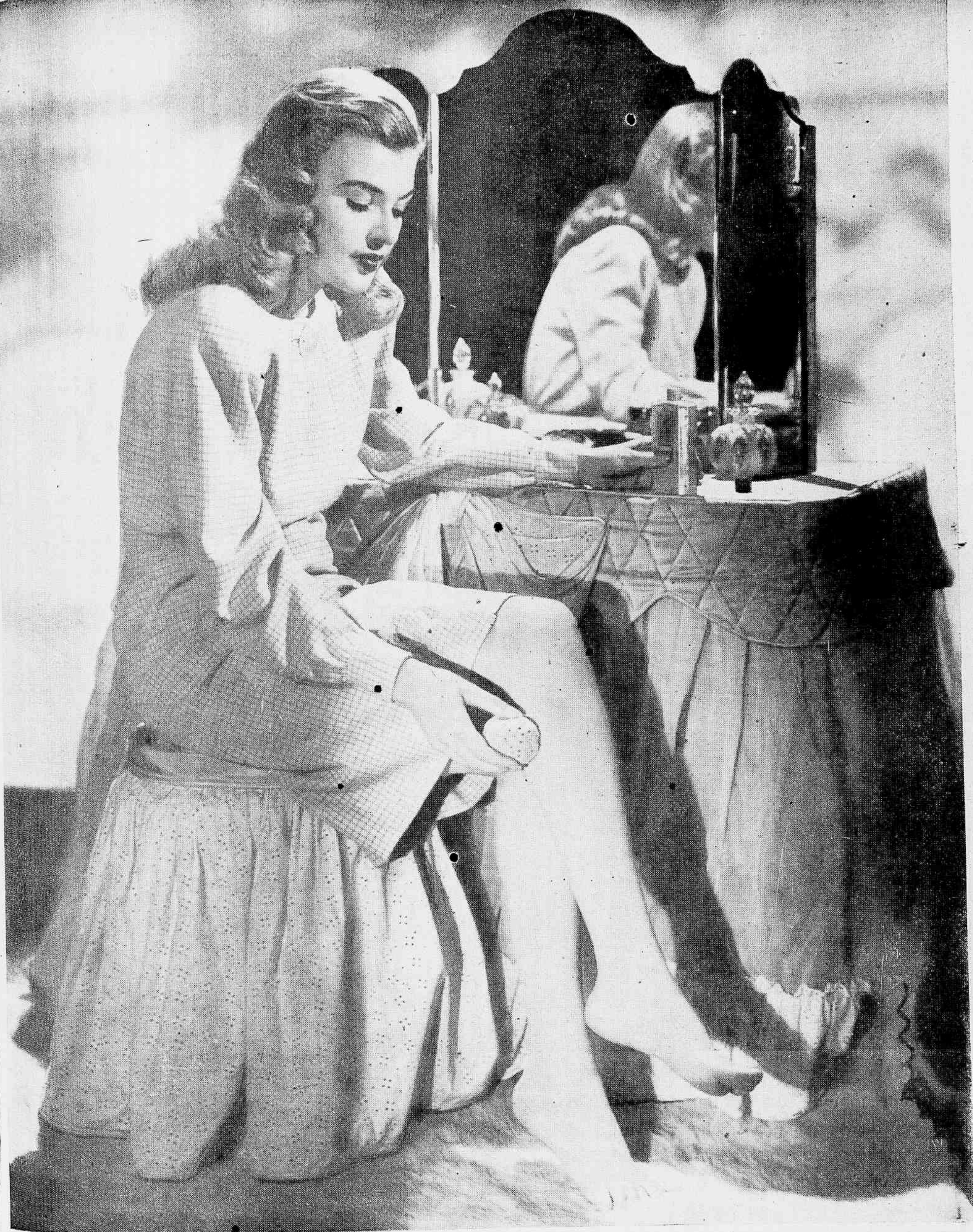






Ao alto: O dormitório, vendo-se interessantes peças rusticas. Papel florido na parede. Cama estilo colonial. Na pagina ao lado: Outra vista do quarto, vendo-se a lareira. O retrato do esposo de Mrs Loy está em toda a parte... Em baixo: Ainda o dormitório da "estrela", vendo-se agora a interessantissima comoda onde estão pintados á mão curiosos motivos.





O seu bom gosto, querida amiga, não se demonstra apenas na sua aparência, no seu "chic", na sua "linha"; ele deve refletir-se também no seu lar, nas mil pequenas coisas que a cercam, nos objetos que adornam o seu "living", na escolha das cores para a sua cortina.

Um "canto" arranjado com gosto, é o perfeito ambiente para uma mulher elegante. E, não pense que é preciso possuir fortunas para obter um ambiente simpático e agradável. Tudo depende, como já disse antes, de saber escolher com inteligência e bom gosto.

Suponhamos, por exemplo, que você possui duas cadeirinhas antigas, cadeiras que você

PEGGY KNUDSEN (W. B.)

considera feias demais para merecerem um lugar no seu "living". Pois bem, bastará que as reforme, mandando estofá-las com um pano listado verde e branco, e elas adquirirão uma graça que surpreenderá a você mesma. Coloque-as então ladeando um "consolo" sobre

NOS BASTIDORES
FEMININOS

o qual já existe uma jarra e uma dessas molduras trabalhadas em prata ou bronze (há imitações maravilhosas no gênero!) e, para completar esse "canto", pendure na parede, sobre o "consolo", uma pintura moderna para quebrar a simetria. Esteja certa que seu "cantinho" receberá elogios de todos os seus amigos. E assim, muita coisa mais poderá fazer para dar um ar diferente à sua casa, usando a sua imaginação, a sua inteligência e o seu bom gosto. Você poderá dar ao seu ambiente um pouco da sua própria personalidade, formando então um "back-ground" que mais realçará os seus encantos de mulher bonita.

KITTY.

MODELOS PARA O INVERNO



1 — Bastante original, sem dúvida, é a sugestão de Jane Harker, da Warner Bros. Sobre um vestido de lã de corte simples, ela usa uma corrente dourada, com sete voltas e presa ao ombro por um grande "clip".
"Beret" de feltro cinza.

2 — "Tailleur" cinzento de listras verticais. Lapela original, com "piqué" branco embutido. Sugestão de Rita Hayworth, "estrela" da Columbia.

Na página ao lado:

3 — Para os dias frios, Virginia Mayo, da RKO Radio, usa este grande capote em lã verde e branca. Mangas "raglan", cinto preso, terminando em pontas na frente. O "chapeuzinho" de Miss Mayo é em feltro preto, bastante "enfiado".





a fúria



POR alguns instantes, esquecida de si mesma e de tudo mais, ela ficou ali parada, os braços caídos, os cabelos em desalinho, no rosto uma expressão de profundo abatimento. Os olhos cansados, rodeados de olheiras, estavam fixos, em extase, naquele conjunto de sêda e fitas de cores vivas.

Aquêles pedaços de panos brilhantes significavam a realização de um

CONTO DE YVONNE DE MIRANDA
ILUSTRAÇÃO DE ORLANDO MATTOS
CLASSIFICADO NO CONCURSO DA
"REVISTA DA SEMANA".

velho sonho, longamente adiado. Sonho que a acompanhara sua triste e árida meninice e não tornara na sua mocidade cheirosos trabalhos, á vida de felicidade.

Aproximou-se mais e tocou a seda, com dedos trêmulos e amante medrosa e apaixonada.

— Como está linda! As roupas saíram de leve, num sussurro.

A saia larga e curta, azul com barras vermelhas e o corpete, a blusa fina, toda a corôa de flores carregadas e mais adiante, finas e elegantes, cima do encerado verde, quia a mala, tal como dois cisnes, a superfície de um lago, as botas brancas.

As botas! Seus olhos perambulavam com delícia. Eram lindas suas... E se as experimentasse?

A idéia tentou-a, mas um gozo irresistível começava a dominar.

Há mais de um mês tinha sem descanso. Fantasia apassivada tinham passado pelos seus cada dia mais delgados. Fô-

so de
os se
fície
nal.
pran
po,
qua
Ago
esse
ção,
S
palp
relô
Pod
L
cas
que
a f
nha
A
cá-
dos
Qu
ga
fita
na
ve
co
ra
ga
êl
ira
co
m
le
ha
de
se

so dobrar o trabalho para, cobrindo os seus gastos habituais, sobrar o suficiente para essa despesa excepcional. Só na segunda-feira pudera comprar o cetim. Para aprontá-la a tempo, trabalhara todo o dia anterior, quase toda a noite e todo este dia. Agora, o organismo, debilitado por esse excesso e pela pouca alimentação, começava a atraioá-la.

Sentou-se na borda da cama, as palpebras pesadas de sono. Olhou o relógio. Cinco horas. Ainda era cedo. Poderia dormir uma ou duas horas.

Levantou-se e desceu a cortina de casa. Depois, deitou-se de maneira que pudesse continuar a contemplar a fantasia e deixou que os seus sonhos de moça alçassem vôo.

A's oito horas, Luiz deveria vir buscá-la. Juntos assistiram à passagem dos prestitos e depois iriam ao baile. Que agradável surpresa teria ao chegar, vendo-a bela entre os cetins e as fitas, os pés elegantemente calçados nas botas brancas!

Lembrou-se de que de todas as três vezes que o rapaz a encontrara fora com o mesmo vestidinho de sêda barata. Tinha a impressão, embora vaga, de que por trás dos galanteios que êle lhe dirigia havia uma ponta de ironica superioridade e, mesmo inconscientemente, ligara-a ao vestido modesto.

Hoje, tudo seria diferente...Ele a levaria com redobrado prazer e como haveria de sentir-se orgulhoso quando encontrasse um dos amigos, des- ses que todos os rapazes encontram

sempre durante o carnaval no vai-e-vem da Avenida ou dos bailes, e que esse lhe indagasse: — Que hungareza do outro mundo é esta que está contigo?!

Com esforço, entreabriu as pálpebras pesadas para contemplar, ainda uma vez, a hungareza que surgia da velha palhinha do sofá qual uma flor de estranha beleza.

Aquela fantasia havia de ter um lugar destacado na sua vida! Não se sonha em vão com uma coisa, durante tantos anos! Aquilo começara aos oito anos, quando numa terça-feira gorda, agarrada à mão da mãe, vira passar um carro cheio delas... Quanto, quanto tempo esperara para ver realizado o grande desejo! Mas, isto era o passado. O presente era a maravilhosa realidade. Assim vestida havia de ser feliz... Quem sabe, não receberia um pedido de casamento?

Um pedido de casamento?! Sim, sim, um pedido de casamento...

As células do seu cérebro começavam a não coligar as idéias. Um delicioso torpor a invadia.

A hungareza, a sua hungareza!...

Um suspiro de satisfação deixou-lhe os lábios encrespados num vago sorriso de felicidade, a mão resvalou numa atitude de abandono...

Pancadas fortes na porta fizeram-na erguer-se sobressaltada. De um pulo sentou-se na cama.

Pela janela, através da cassa da cortina, vinha uma claridade baça. Ainda estonteada, pôs-se de pé.

Seria Luiz ou a criada chamando-a para atender o telefone? Dormira muito?

Olhou o relógio. Quinze para as sete. Abriu a porta.

Diante dela, sorridente, uma bandeja nas mãos, estava Joana, a arumadeira.

— Bom dia, D. Laura, olhe o café.

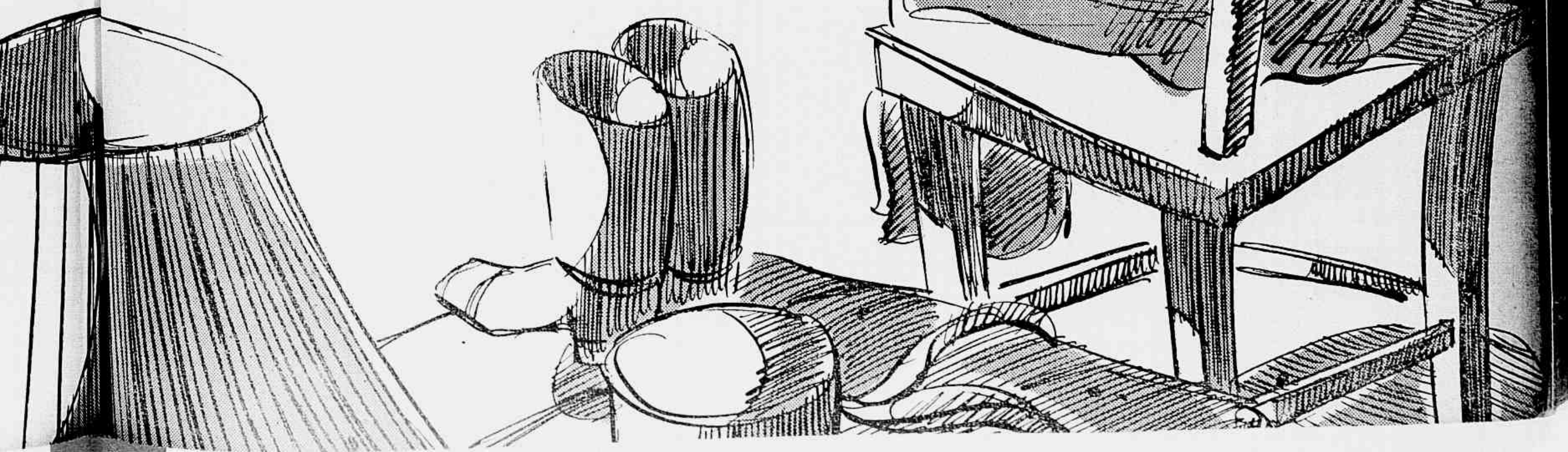
Bom dia! Bom dia! Seu cérebro negava-se a compreender.

Com expressão idiotizada viu-a colocar a bandeja sobre a mesinha e retirar-se.

Lentamente, seus olhos correram do relógio á janela entre-aberta. Então compreendeu — faltavam quinze para as sete da quarta-feira de cinzas!

Um soluço estragou-lhe a garganta. Atirou-se sobre o leito desfeito a chorar convulsivamente.

Estendida no sofá, a hungareza permanecia intacta; apenas, a sua barra vermelha e branca parecia agora, uma grande e perversa boca a rir daquela dor...







Ao lado: SEMPRE graciosa... empre feminina... Vejam a simplicidade e ao mesmo tempo o encanto dessa "toilette" apresentada pela lindíssima Virginia Mayo, a sensacional "descoberta" de Samuel Goldwyn. A blusa é em lã rosa pálido com "pois" preto. "Cordonet" formando gola e terminando em laço. Saia de lã preta com ligeiro drapeado do lado esquerdo. Em cima dois interessantíssimos modelos, um para a tarde em lã azul-marinho e bege, e outro para noite em jersey branco, apresentados respectivamente por Eleanor Parken e Betty Hutton.

DIVERSOS

Em vez de roubar alguma coisa, o ladrão deixou lá uma lapiseira de prata...

JOLY sentou-se ao lado da lareira e pegou o livro que tinha parado e principiou a ler. Mal tinha se acomodado, porém, soou a campainha repetidas vezes, como que tocada por uma pessoa impaciente.

— Angelique! Veja quem está aí!

A velha criada largou o jantar que estava preparando na cozinha e veio abrir a porta, resmungando, por ser forçada a interromper seu trabalho.

— Madame de Wimpffen!

Uma moça alta elegante, envolta num casaco de peles, entrara precipitadamente na sala. Joli levantou-se e ofereceu-lhe uma cadeira.

— Que ótima memória, snr. Joly!

— Uma das poucas coisas que me restam, minha senhora. A que devo a honra desta visita? Em que posso servi-la?

— Snr. Joli, para provar-lhe que também tenho boa memória, queria lembrar-lhe um caso que ocorreu há muitos anos.

— Na minha idade, quando o presente é triste, torna-se um prazer recordar.

— Tanto mais que lembro-lhe um grande triunfo. Recorda o roubo do colar de minha prima? Foi quando nos conhecemos. O senhor era inspetor de polícia.

— E' verdade.

— Foi assim que eu o vi pela primeira vez: desvendando um grande mistério. O senhor é um grande detetive.

— Minha senhora! Por quem é!...

Eram do agrado de Joly as expressões antiquadas caídas em desuso, agora, mas testemunhas de muitos dias gloriosos, quando ele beijava a mão das marquezas e descobria-lhes os ladrões dos colares roubados.

— Recorre aos meus préstimos por um fato semelhante?

A visitante animou-se:

— E' mais ou menos isso. Assim que tive notícia do que aconteceu, pensei no senhor. Indo à polícia, fui informada de que o senhor tinha sido aposentado.

— E' verdade.

— Mesmo assim preferi confiar-lhe o meu caso.

— Muito honrado.

— Trata-se...

— De um roubo?

— Não. E' precisamente isto o que mais me intriga. Tenho provas de que dois homens, evidentemente ladrões, penetraram no meu apartamento, quando eu me achava ausente, com meu marido, mas, longe de ter retirado alguma coisa, eles lá deixaram... isto!

Falando assim, ela retirou da bolsa uma lapiseira de prata. Entregou a Joly que examinou o objeto com cuidado.

Conte-me o detalhes.

— Pouco há a contar.

— Por exemplo, como soube da entrada dos dois homens?

— Como já disse, estava fora, com meu marido. Voltei, antes, contudo, e ao chegar em casa descobri que alguém visitara o nosso apartamento. No meio da minha roupa de baixo, no armário, descobri, precisamente, esta lapiseira. Está escrito a qui. Pichon, inspetor. Interroguei os criados e eles me informaram que entraram dois cavalheiros, com ordem para examinar a instalação elétrica visada pela companhia, e pela polícia. A companhia, contudo, nada sabe desses dois cavalheiros que evidentemente traziam uma ordem falsa. Eis aí.

— Comunicou ao seu marido o que aconteceu?

— Ainda não. Acha conveniente?

— Reputo desnecessário, por enquanto. Quer confiar-me o caso?

— Pois não. Para isso vim aqui.

— Pois bem, em primeiro lugar, advirto-lhe que terá que me dar carta branca.

— Concedida.

— Nee cao, não a deterei mais. Vou trabalhar. Pracurá-la-ei em sua casa, assim que tudo estiver solucionado.

Sabe onde eu moro?

— E a boa memória? Como haveria de falhar?

— E' verdade. Deculpe.

— Está desculpada. Até logo.

A sós, Joly examinou a lapiseira de prata que ela lhe deixara. Leu, cuidadosamente, o nome inscrito: Pichon, inspetor. Depois, sorrindo, murmurou para si mesmo:

— Por que ele foi tão descuidado?

Joly empre se vestia da mesma forma. Há vinte anos usava sobrecasaca preta e não era motivo para mudar a maneira de vestir-se a simples oscilação da moda. Foram-se as sobrecasacas, mas a de Joly ficou. Envergou-a, antes de sair, e dirigiu-se à chefatura de polícia. Chovia, mas ele não voltou para apanhar um guarda chuva. Prosseguiu no seu caminho rumo à chefatura, em cujo edifício, naquele momento, se achavam em conferência o chefe de polícia e... Ernest Pichon, inspetor!

— Como tenho saudades de Joly! disse o chefe.

Pichon, acabrunhado, abaixou a cabeça.

— Um caso dessa importância e até hoje: nada! prosseguiu o chefe, descontente.

— O senhor há de compreender que às vezes, mesmo que se lance mão de todos os recursos...

... ainda fica faltando a inteligência. Nunca pensei que um bom auxiliar como você pudesse ser um chefe tão incompetente. Trabalhando sob as ordens de Joly, você era perfeito.

(Continua na pág. 51).

A LAPISEIRA DE PRATA

Livros

NOVOS

Por JOÃO LUSO

LIVRO DO CENTENÁRIO DE EÇA DE QUEIROZ, organizado por Lúcia Miguel Pereira e Câmara Reis. — Edições Dois Mundos — Rio de Janeiro, 1946.

Ambos os organizadores deste volume, que vem a ser uma poliantea monumental, assinalam as dificuldades que para o bom desempenho da sua tarefa encontraram, quer em Portugal quer no Brasil. Muito fizeram, é certo, mas muito mais esperavam e, naturalmente, deveriam fazer...

Dir-se-ia que nenhum homem de letras, para tal fim solicitado, deixaria de apressar remessa da sua contribuição. No prestígio de Eça de Queiroz não há apenas grandeza e elevação; existe alguma coisa de sagrado. A sua obra foi, tanto quanto possível, no sentido profano, milagrosa. Merece verdadeiramente um culto. E tanto mais legítimo se torna esse direito, quanto é certo ter ela recebido, de mistura com as mais altas homenagens, as hostilidades mais ardorosas e persistentes. Como todas as doutrinas novas e, em regra, as religiões. A tudo ela resistiu, contra tudo prevaleceu. Ainda agora se compõem livros mais ou menos consideráveis como vulto, mais ou menos engenhosos como factura e nos quais se procura com tudo o que já foi dito e alguma coisa que ainda,

com ou sem acerto, dizer se possa, reduzir o alcance daquela realização, empanando a glória daquele nome. Ao mesmo tempo, porém, que essas tentativas se manifestam, surgem e se multiplicam os atos de consagração. E, ao aproximar-se o centenário do nascimento de Eça, isto é: nos últimos quatro ou cinco anos, no Brasil como em Portugal, sucederam os empreendimentos literários tendentes a descobrir novas razões por que o criador dos *Maias* e de *A Cidade e as Serras*, sublime pela elegância e a ironia como pela ternura e a piedade, deve ser por todos os pensadores e todos os artistas reverenciado.

Que obstáculos se deparariam então à Sra. Lúcia Miguel Pereira e ao Sr. Câmara Reis para dar toda a desejada eficiência à missão de que se aviam encarregado? A rigor nenhum. Ninguém ao seu apelo respondeu negativamente e evasivamente. "Dirigi-me imediatamente aos colaboradores — declara no prefácio aquela escritora — muitos dos quais, embora houvessem de pronto aquiescido, aqui não figuram. Motivos ou pretextos diversos lhes ser-

viram para, à última hora, escusarem-se de entregar o trabalho prometido. Não podendo atribuir o descaso ao assunto, que é dos mais tentadores para quem sabe dar apreço à literatura, devo pô-lo à conta do pouco prestígio da organizadora..." Mas esta explicação não é plausível e a custo a poderemos tomar como sincera. A Sra. Lúcia Miguel Pereira acrescenta que recebeu do caso uma lição de humildade; é, porém, aos aludidos homens de letras que deve ter aproveitado a lição daquela modestia que se tornaria exemplar se não pecasse por excessiva. E o mais interessante do caso está no resultado, relativamente magnífico, dos esforços da escritora brasileira e do escritor português. Sempre nestes empreendimentos há quem prometa, com toda a sinceridade até, e, à última hora se veja impossibilitado de cumprir. A "última hora" a que se mandam escusas e que a Sra. Lúcia Miguel Pereira assinala com amarga decepção, basta como indício do temperamento das pessoas referidas. E em verdade, pelo que os dois organizadores realmente conseguiram, bem escusavam de dar desculpas ou quaisquer explicações. São mais de setecentas páginas; e em tudo o livro saíu opulento. Mais de trinta nomes não figuram, sentindo-se, conforme o sentido geral de cada texto, altamente honrados com tal escolha. E a simples relação desses admiradores de Eça de Queiroz basta para se imaginar a natureza e se aquilatar a importância do presente volume: Gilberto Freyre, Moisés Velinho, Alvaro Lins, Buarque de Hollanda, Olívio Montenegro, José Lins do Rego, Antônio Cândido, Lauro Escorel, Manoel Bandeira, Astrogildo Pereira, Dalcídio Jurandir, Luiz Delgado, O. Tarquínio de Souza, Gilberto Amado, Ribeiro Couto, Roberto Giusti, Roberto Ibanez, Raimundo la o, Gerald Moser, Aubrey Bell, Philéas Lebesgue, Antônio Espina, Hernani Cidade, Ferreira de Castro, Antônio Sérgio, Castello Branco, Jaime Brasil, Fidelino de Figueiredo, Casais Monteiro, João de Barros, Sant'Anna Dionísio, Forjaz Trigueiros, João Barreira, João Gaspar Simões, Mário Sacramento, Roberto Nobre, João Pedro de Andrade, Adriano de Gusmão, Manuel Mendes e Vieira de Almeida.

DEGUANTE E ESPADA, contos do Rio de Janeiro antigo, por Paulo Rehfeld. — Livraria Cultura Brasileira Ltda. — Belo Horizonte, 1946.

A primeira destas histórias tem como protagonista um velhote maníaco, possuído da ideia fixa de criar um autômato como até então ninguém houvesse logrado confeccionar. Passava-se isto no último quartel do século XVIII. E havia então na Europa uma espécie de moda que levava autênticos sábios, cientistas amadores, simples curiosos que se julgavam inspirados a entregar-se àquele empreendimento como principal objecto da sua vida ou sentido único do seu destino. Em D. Tomaz da Silva tornou-se aquilo uma paixão cada vez mais perturbadora e a caminho da alucinação completa. Já o não satisfazia a ideia do boneco primorosamente articulado, com movimentos análogos aos da marcha e da gesticulação da gente e que mais ou menos desse a impressão de sentir, compreender. O que ele visava era uma antecipação do *robot* — a que o conto não faz explicitamente referência — do *robot* que, haverá vinte anos, constituiu no Velho Mundo outra vaga ou epidemia de veras sensacional. Falava-se do *robot*, não apenas como de coisa possível, mas como de realização seguramente prevista, em via de ser muito breve ultimada. E certo comediógrafo, se nos não enganamos, dinamarquês, escreveu uma peça, representada com enorme êxito, traduzida para o francês, para outras línguas, e na qual alguns *robots*, em convivência com indivíduos humanos, se lhes mostram superiores em inteligência como em sentimento, e os dominam definitivamente. Os fantoches de D. Tomaz da Silva não chegam a semelhante prodígio já porém, representam qualquer coisa de excepcional e surtem sobretudo o efeito de transtornar o juízo do fidalgo



que por eles se lança a verdadeiros sacrifícios e comete verdadeiros crimes. Encerra a esposa na água-furtada do prédio, não só por motivo de antigos ciúmes mas também porque a obsessão de inventar o leva à indiferença por todo sofrimento alheio tiraniza, tortura a filha, a quem acaba tosquiando, para, com os seus cabelos magníficos, adornar a cabeça duma boneca predilecta... Chega-lhe, porém a hora do castigo: a esposa consegue atirar lá de cima uma carta a D. Marcos, uapo e excelente rapaz que se enamora da moça sacrificada, sem imaginar até onde ia aquele infortúnio. D. Marcos não

tarda a desempenhar a missão salvadora e, após uma cena de tragédia, em que a casa se incendia e D. Tomaz sucumbe no meio dos seus andróides, a história termina no mais ditoso dos casamentos.

No conto *Ouro do Brasil*, trata-se da aventura duns sujeitos, meio marinheiros, meio ladrões, que planejam o furto de doze arrábas de ouro a serem embarcadas para Lisboa, substituindo as barras por igual peso (176 quilos e tanto) em chumbo acondicionado em caixotes confundíveis com os primeiros. Outro trabalho curiosamente imaginado envolve uma visita de Maria Dorothea, a Marília de Gonzaga, ao poeta encarcerado na Ilha das Cobras. São dez histórias ao todo; e todas se desenvolvem corrente, espontaneamente, em estilo de bom sabor antigo. Apenas, de vez em quando, surge uma impropriedade de linguagem ou um mau neologismo, assim por exemplo: "Fulano abre outro aposento e conduz-a para ali... o decepcionado D. Marcos... a fronte camarinha-se de suor..." Mas isso, hoje em dia...

POESIAS ESCOLHIDAS DE PAUL VERLAINE, selecção, prefácio e anotações de Onestaldo de Pennafort. — Edição da Livraria do Globo — Porto Alegre, 1946.

O centenário do nascimento de Verlaine está sendo celebrado no Brasil de maneira a bem significar a admiração que continua a merecer aqui, como em todo o mundo culto, o poeta de *Sagesse* e de *Parallèlement*. Organizaram-se conferências, recitais, sessões comemorativas aparecem em jornais e revistas, além de estudos críticos, poemets fervorosos, artigos ou crônicas de estreme louvor. Há algumas semanas, dava-nos o Sr. Guilherme de Almeida, da Academia Brasileira, um conjunto de traduções com o título *Paralelamente a Paul Verlaine*; hoje, é o Sr. Onestaldo de Pennafort que nos oferece um volume de amplo formato e de duzentas e cinquenta páginas, contendo, além de numerosas versões da própria lavra, outras que trazem os nomes de Baptista Cepellos, Guilherme de Almeida, Edmundo Costa, Manuel Bandeira, Augusto Rodrigues, Rodrigo Solano, Alphonsus de Guimaraens, Dante Milano, Celso Vieira, Leão de Vasconcelos. E destes outros tradutores, não dá o livro apenas versos de Verlaine mas também alguns de Stéphane Mallarmé e Arthur Rimbaud.

O antelóquio do Sr. Pennafort está engenhoso, podemos até dizer, nas suas proporções, primorosamente composto. Contém o principal, o essencial daquilo que se deseja saber acerca do rimador idealista e sensual, inconstante, desconcertante por vezes, mas sempre na linguagem admirável. Traça em linhas gerais, a sua história, recorda resumidamente o que sobre a sua vida e a sua obra se escreveu, bem como as criações ou fantasias que a sua pessoa sugeriu, incluído o famoso personagem Choulette, do *Lys rouge* de Anatole France — combinação de poeta místico e de baixo boêmio, no qual certos apreciadores surpreenderam um esboço enternecido e outros quiseram ver uma caricatura cruel. O Sr. Pennafort não faz cabedal de certas fazes e episódios que, por exemplo, François Porché, no seu livro *Verlaine tel qu'il fut*, historia por páginas e páginas, com bem dispensável esforço de minuciosidade. Observa e julga de alto ou de passagem mas em todo o seu trabalho está bem patente o respeito, o culto inspirado pelo *pauvre Lelian*, mais presente e visível agora do que nunca, como sucede sempre conclue o prefaciador, "nas comemorações póstumas dos poetas e dos artistas, esses estranhos seres que só começam verdadeiramente a viver depois que se ausentam do convívio dos homens, porque a glória é bem "o sol dos mortos".

Eis o soneto *Allégorie* e a tradução de Onestaldo de Pennafort:

*Un très vieux temple antique s'écroulant
Sur le sommet indécis d'un mont jaune,
Ainsi qu'un roi déchu pleurant son trône,
Se mire, pâle, au sein d'un fleuve lent.*

*Grâce endormie et regard somnolent;
Une naïade agée, auprès d'un aulne,
Avec un brin de saule agace un jaune
Qui lui sourit, bucolique et galant.*

*Sujet naïf et fade qui n'attristes,
Quel ouvrier morose l'opéra,*

*Tapisserie usée et surannée,
Banale comme un décor d'opéra,
L'artifice, hélas! comme ma destinée?*

Um velho templo em ruínas, num outeiro
Já meio amarelado pelo outono,
como um rei destronado chora o trono,<
mira-se na água morta do ribeiro.

Ao pé do amial, com um ramo de salgueiro,
uma ninfa anciã, tonta de sono,
provoca um fauno em lânguido abandono
que lhe sorri, bucólico e matreiro.

Tema insípido e ingênuo que me atristas,
que poetastro, entre todos os artistas,
te imaginou, — que artífice mofino,

tapecaria desbotada e arcaica,
como um cenário de ópera, — prosaica,
e tão fictícia como o meu destino?

RECEBEMOS:

Provincia de São Pedro, excelente revista editada pela Livraria do Globo, de Porto Alegre, e dirigida pelo Sr. Moisés Vellinho, vae-se impondo como reflexo cada vez mais amplo e alto da cultura brasileira e, em especial, do movimento literário sulrio-grandense.

O número correspondente a dezembro de 1945, e que acabamos de receber, oferece, entre outras matérias, escolhidas, o inquérito *Tres perguntas sobre Eça de Queiroz* a que respondem vários escritores; páginas de ensaio literário, junto ou crônica, assinadas por José Osório de Oliveira, Rubens de Barcellos, Mario Quintana, Vianna Moígg, J. Simões Lopes Neto, Othello Rosa, Athos Damasceno, Castilhos Coyochéa, Sérgio Correia da Costa, Carlos Dante de Moraes e Tela Vergara; e uma bela poesia de Mansueto Bernardi.





antisséptico.
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas
senhoras modernas para a
sua HIGIENE INTIMA.



como estão outra agora...

Foi só aplicar Brylcreem e meus cabelos ganharam outra vida! Agora sim, estão brilhantes, sedosos, são o juvenil. Experimente você também! Brylcreem é usado no mundo inteiro pelas pessoas de bom gosto. Fixa sem empastar, evita a caspa e a queda de cabelo. Depois de permanente quando o cabelo fica ressecado, Brylcreem completa porque dá o brilho natural. Nos caboteiros de 1.º ou nas suas 2 embalagens diferentes, Brylcreem está ao alcance de todos!

Mais de 27 milhões de unidades vendidas anualmente no mundo inteiro!

BRYLCREEM
O MAIS FIDELMENTE TESTADO PELAS DOUTORAS DO CASO



Chevalier começou cedo. Aos doze anos de idade, pôs para cartões postais, em atitudes brejeiras. Era o "enfant-gâté" das meninas parisienses, embora só conhecido através das ilustrações coloridas. Aos quatorze anos, começava o seu gênero excêntrico.

A propósito de Mau

Maurice Chevalier, o famoso cancionista, ator de teatro e cinema, veterano de duas gerações, vem ocupando insistentemente o noticiário radiofônico nestas últimas semanas. Terminada a conflagração, iniciou o novo governo francês um julgamento severo de todos os traidores e colaboracionistas, que durante a ocupação da pátria pelos nazistas venderam-se ostensivamente ou ocultamente aos invasores. E para espanto e tristeza de todo o mundo, estava incluído na extensa lista de réus o nome querido e admirado de Chevalier. Seria possível? perguntaram-se ainda incrédulos os seus admiradores? O homem que fora sempre uma glória, uma fâmula, um símbolo do espírito e do povo de Paris? Mas felizmente, e como não poderia deixar de acontecer, fizeram-lhe justiça. Foi amplamente inocentado da culpa vergonhosa.

Pois é sobre este mesmo Chevalier, sempre admirado e ultimamente tão discutido, que correm os mais desencontrados boatos, com referência à sua vinda ao Rio de Janeiro. Foi divulgada com detalhes a sua próxima visita à nossa cidade, onde cantaria em uma das nossas "boites". Imediatamente chegou-nos um desmentido formal. Apesar disso comenta-se que a sua viagem é coisa certa, dependendo apenas do cumprimento de certas formalidades em seu país.

Sobre Chevalier, que como já dissemos, é a personificação da própria canção francesa, contaremos um pouco de sua vida.

★
Maurice Chevalier, o cantor que atravessou num "crescendo" de popularidade o tempo de duas guerras, exemplifica as transformações por que passou até o conseguido apogeu da canção francesa, hoje ouvida e estimada em todo o mundo.

Aos dezessete, o rapazinho está mais sério, aquele sinal na face dá-lhe um "hit" perigoso... E aos dezenove, começa a ser o ídolo de Paris que se diverte, cantando a Parisiana e a Gaité-Montparnasse. Seu olhar brejeiro, sua boca maliciosa, deixam tentadas as parisienses.



Com quinze an...
apertadas, enfi...
baratos. A

Mau

No seu gê...
senta ao públi...
dizemos nós. C...
que põe em ca...
depois acompa...

Chevalier...
ficial e complex...
e ao mesmo te...

Já antes d...
Gosse, Je suis...

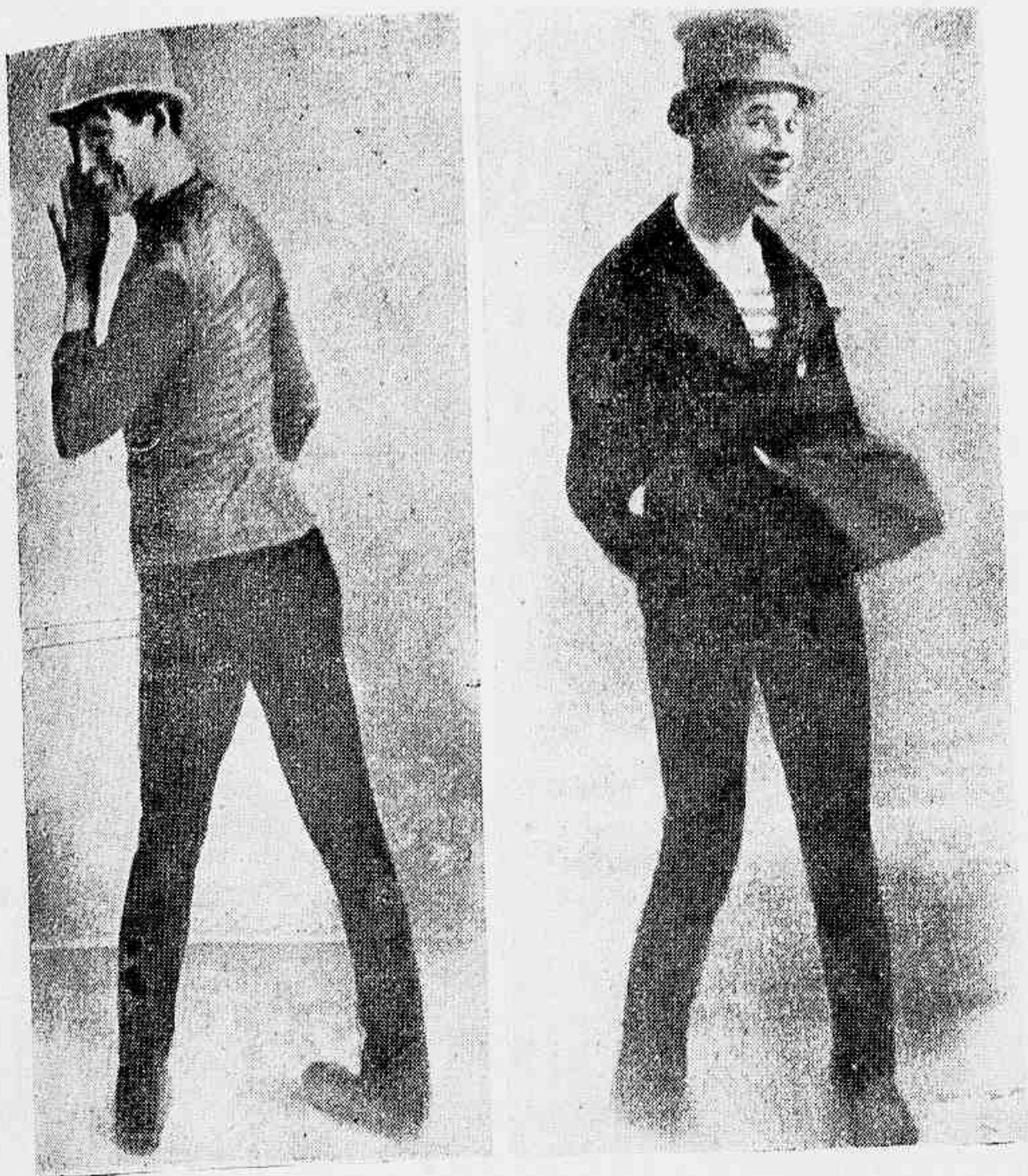
mentava as c...
sua caracteriz...
dizer que ent...
chapéu mole...

Estouran...
bela dia, nun...
a mesma sim...

Quiz com iss...
gos quando o...
elegantíssim...

E assim...
o mundo o s...

Quando con...
Bergère e m...
para o 31.º



Com quinze anos de idade, Chevalier vestia um casquinho curto, um par de calças apertadas, enfiava um cêco até às orelhas e divertia o público dos cafés-cantantes baratos. Aos dezesseis, experimentava outros tipos excêntricos, indeciso na escolha definitiva.

de Maurice Chevalier

No seu gênero a fama como cantora vem, em grande parte, modo como se apresenta ao público, de um gesto, mímica, um caricato passo de dança, de um "brec" como dizemos nós. O tregêito com que interpreta muitas de suas músicas, o ar personalíssimo que põe em cada mímica, valeram-lhe o aplauso e a adoração de toda Paris, que o mundo depois acompanhou.

Chevalier conhece o segredo de conquistar o público ao primeiro instante. Segredo difícil e complexo pois muitas vezes tem que se fazer simpático às exigências dos camarotes e ao mesmo tempo á critica livre e popular das galerias.

Já antes da guerra de 14 criava em Paris alguns dos seus grandes sucessos: **Le Beau Gosse**, **Je suis neurasthénique**, **J'ai la Raphané**, etc. E o ritmo americano com que movimentava as canções criou imediatamente uma legião de imitadores. Quem o visse na sua caracterização daquele tempo não reconheceria o elegante Maurice de hoje. Basta dizer que entrava em cena com o nariz pinado de vermelho, palitô velho e justíssimo e chapéu mole enterrado na cabeça.

Estourando a guerra Chevalier resolve transformar a sua indumentária. E apareceu um belo dia, numa festa no próprio alojamento, trajado elegantemente à pasana, porém com a mesma simpática comichidade. Seu sucesso redobrou! E após isso veio-lhe outra idéia: Quiz com isso associar o "granfinismo do Boulevard à boemia de Montparnasse. Seus amigos quando o souberam, tentaram dissuadi-lo. Não compreenderiam Chevalier como Brummel, elegantíssimo. Mas o cançonetista estava de idéia firmada.

E assim apareceu depois para sempre, com a figura que o imortalizou. Tornou-se para o mundo o símbolo perfeito da gentileza parisiense.

Quando completou as vinte primaveras, Chevalier estava "cotadíssimo" no Folies-Bergère e no Ambassadeur. Veio a guerra de 1914 e foi imediatamente mobilizado para o 31.º Regimento de Infantaria. Finalmente, á direita, o tipo em que se consagrou, até os dias de hoje.

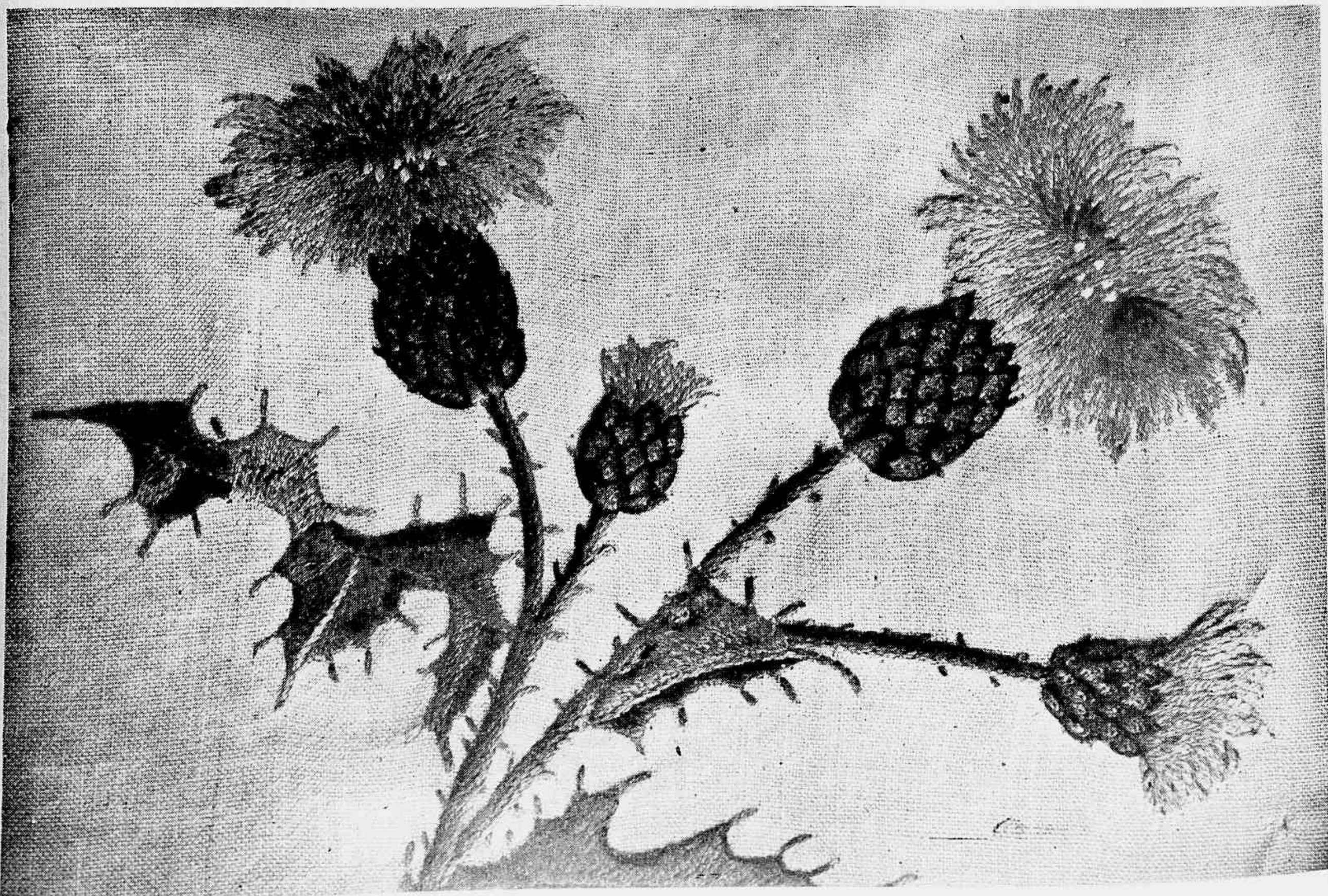


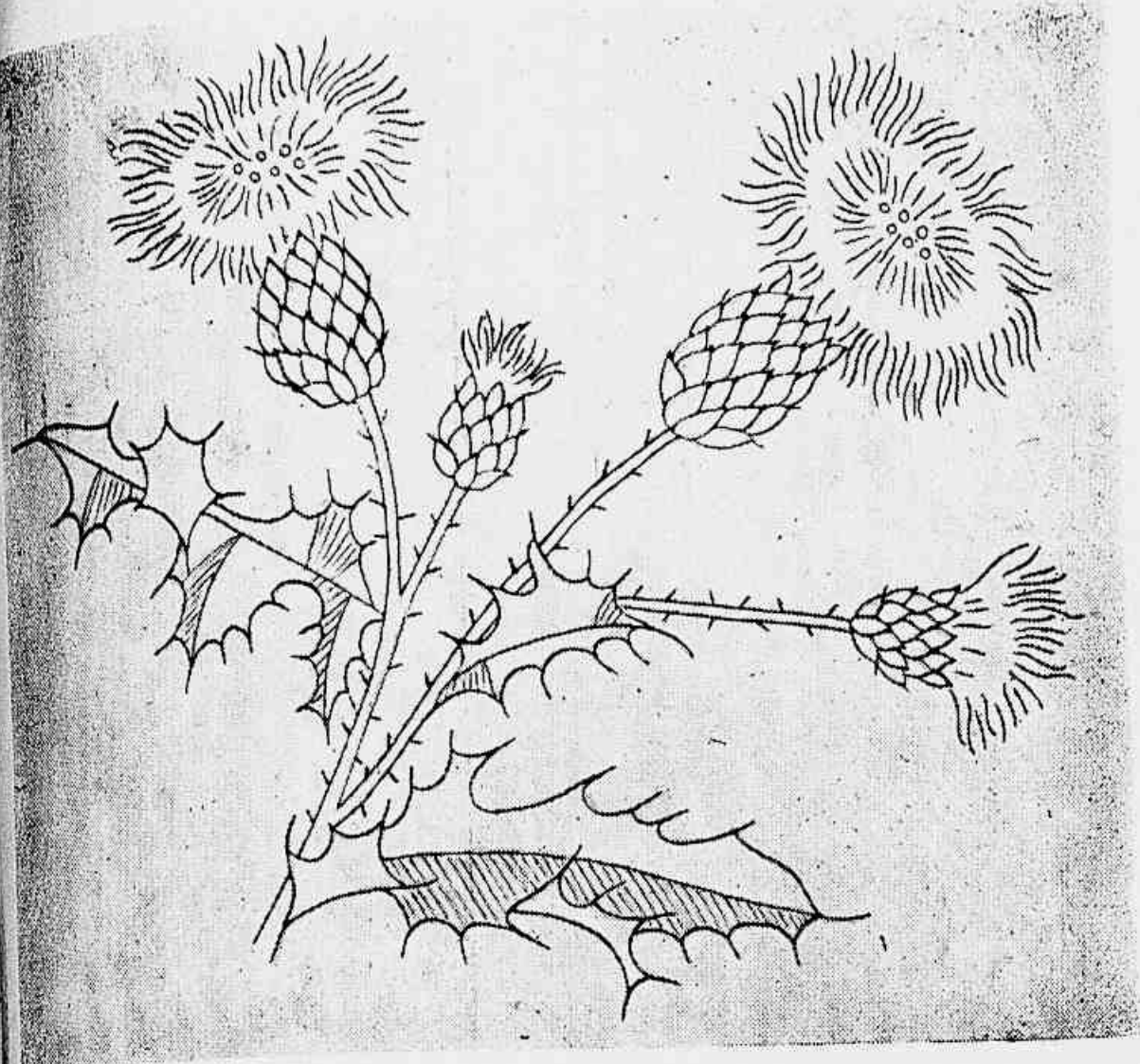


TRABALHOS MANUAIS

TOALHA PARA BANDEJA

Oferecemos às nossas leitoras, nestas páginas, um bonito modelo de toalha para bandeja, desenho de grande efeito, como se pode vêr no aspecto da gravura superior.





Material Necessario:

Linha Mouliné (Stranded Cotton marca "Ancora")

1 meada de cada F409 (Verde Gobelin Eesuro) F412 (Violeta Claro) F413 (Violeta) F414 (Violeta Medio) F497 (Verde Grama Claro) F498 (Verde Grama) F582 (Amarelo Palha).
(Usar três fios de linha)

55 x 45 cm. de linho Branco ou Creme.
1 agulha Milward "Crewel" n.º 6.

★
Traças o desenho no linho conforme o desenho. Seguir diagrama e chave para colocação de cores e pontos. Todas as partes indicadas iguaes ás partes numeradas, são feitas na mesma cor e ponto.

As letras na chave representam os pontos usados como segue; —

U — Ponto de Haste — (As hastes são feitas com 3 carreiras de ponto de haste, a flôr é cheia com carreiras curtas e compridas de ponto de haste).

S — Ponto Cheio — (trabalhado depois da flôr terminada).

A — Ponto Simples —

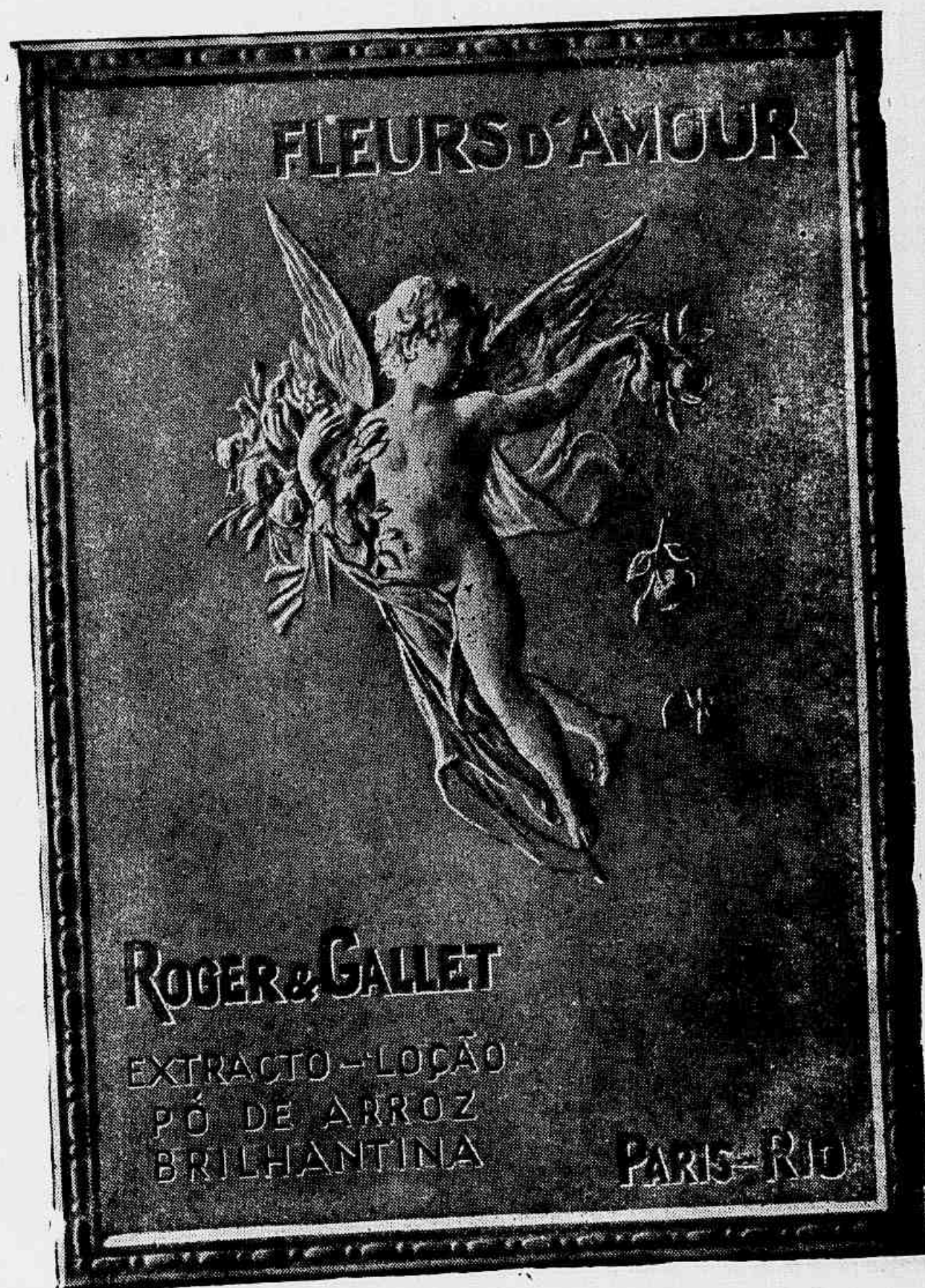
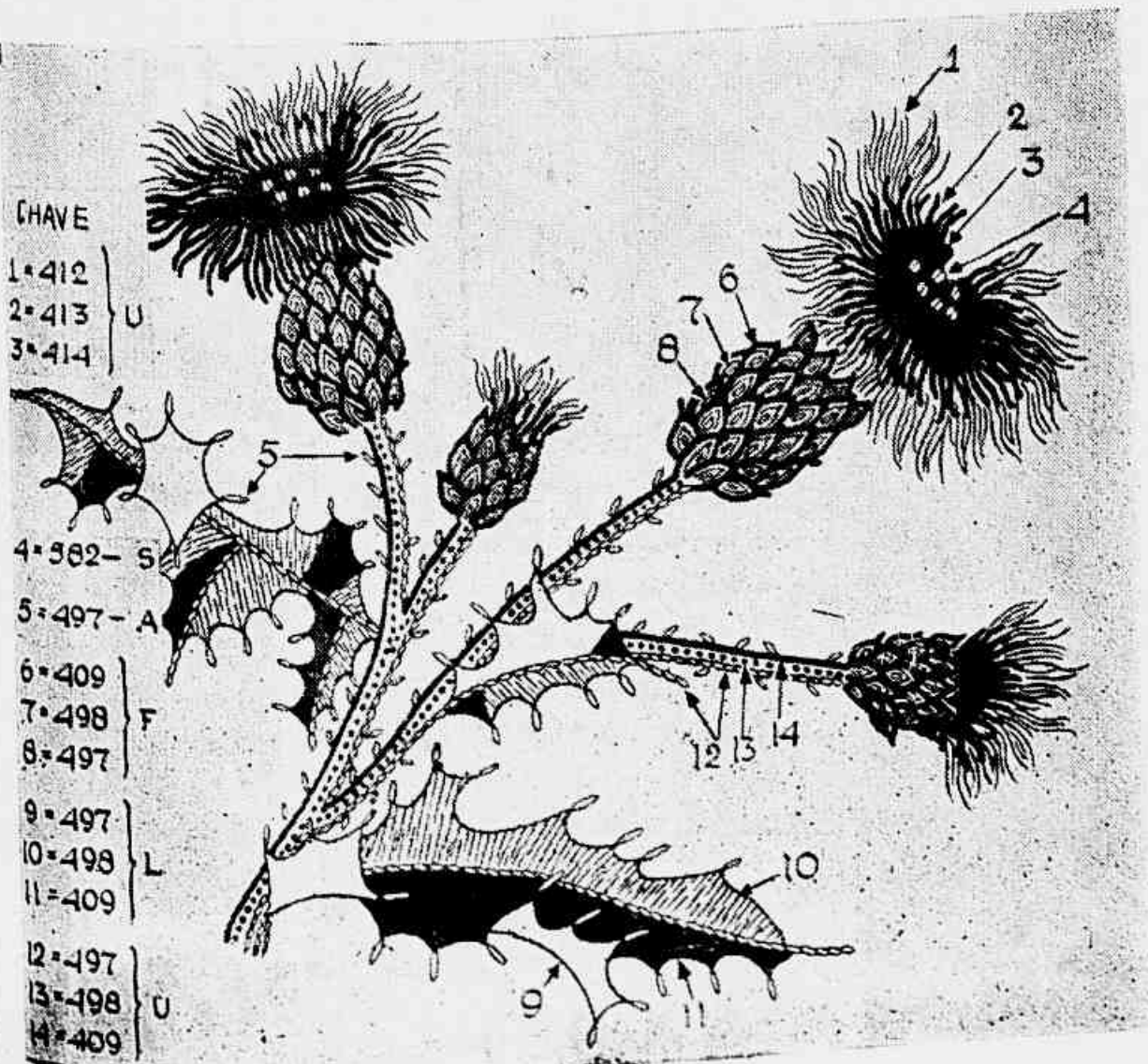
F — Ponto de Mosca — (Cada pequenina escama é cheia com ponto de mosca começando com verde escuro e acabando com verde claro).

Uma vez o trabalho terminado, retirar um fio do tecido em toda a volta da toalha a 2,5 cm. da borda, virar uma bainha, quadrar os cantos e guarnecer com linha de cor igual á do tecido. Fazer uma carreira de ponto de casear largo sobre a bainha usando linha cor de violeta.

Passar bem o bordado pelo lado do avesso.

Este trabalho também pode ser feito com:

Linha Brilhante Pérola marca "Ancora" n.º 8 (Novelos de 10 grms.) usando 1 novelo em cada uma das cores acima mencionadas.





Ao alto, á esquerda, as lindas pernas e um sorriso de Janet Blair para Alfred Drake, em uma cena do filme da Columbia "Três semanas de amor". A' direita: Uma curta ausência de Van Johnson foi pretexto para que Marylinn Maxwell lhe fizesse uma calorosa recepção. E Mr. Johnson aproveita como pode as saudades de Marylinn. Em baixo: — O zelo pelo detalhe é famoso no cinema norte-americano. Observem a indumentaria luxuosa do filme "Anna and the King of Siam", da 20th Century Fox, estrelado por Irene Dunne e Rex Harrison.



A "REVISTA" EM HOLLYWOOD

Dentro de Hollywood, suburbio de Los Angeles, e que apesar disso é o maior centro de irradiação mundial, dentro do setor de sua especialização, existe um mundo á parte que pouco a pouco e torna um centro de curiosidade maior e de maior interesse. Referimo-nos aos "studios" de Walt Disney, em Burbank, proximo ao aeroporto de Los Angeles. Não ha personalidade politica ou intelectual que se prive de conhecer a "fabrica de sonhos" dos seculos XX. O nosso conhecido

Jean Sablon é também um admirador do Pato Donald. Na fotografia á direita, em cima, em companhia de "papai" Donald quando da sua recente visita á Hollywood. A' direita, em baixo, vemos uma cena de filmagem "in location" do filme "Stop by Step". A estrela é Anne Jeffreys, que aparece de "maillot" e o galã é Tierney, de blusão, atraz da camera.

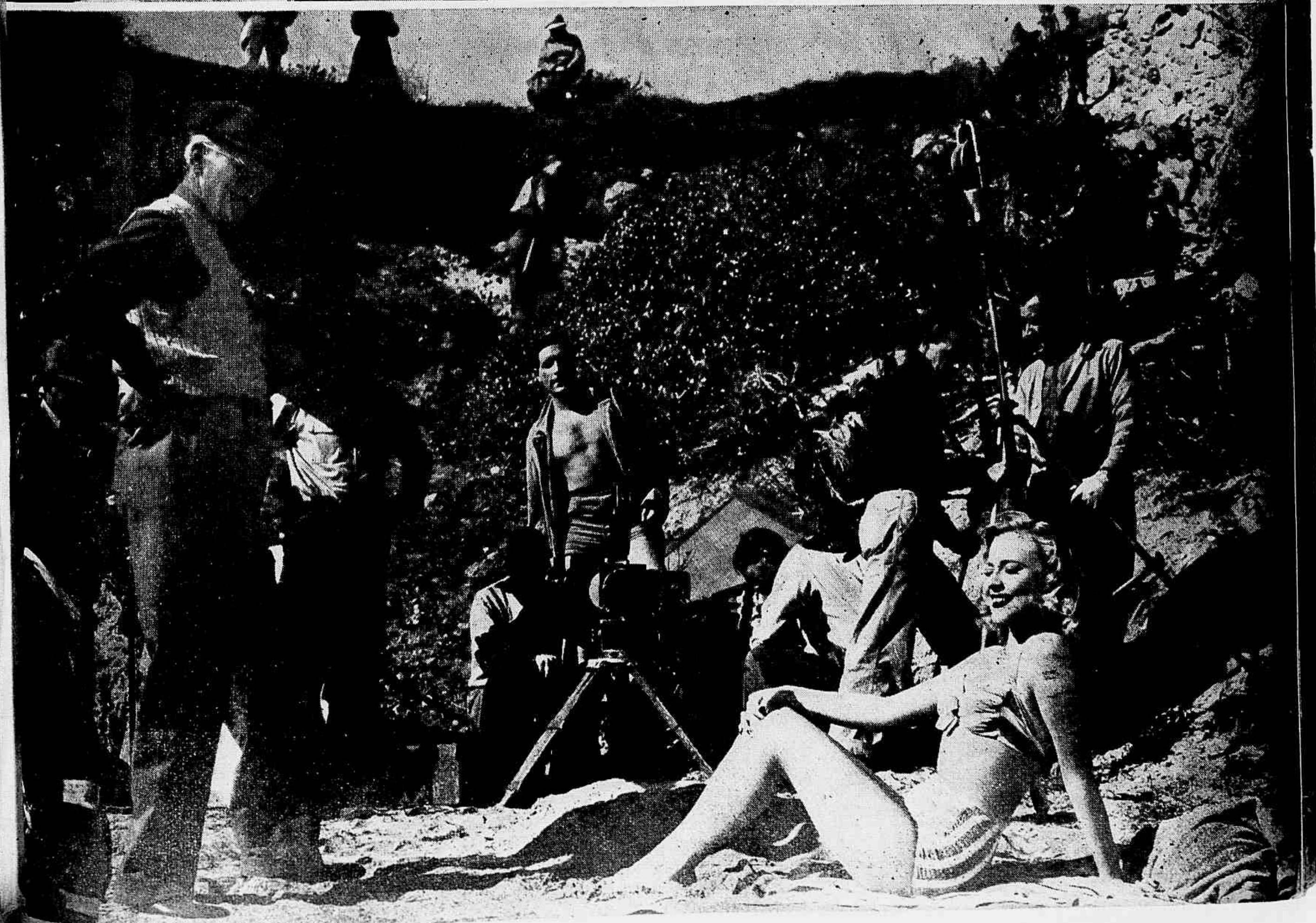


curta ausen-
Em baixo: —
do por Irene

EM
OD

de Los An-
maior centro
etor de sua
a parte que
de curiosi-
Referimo-
y, em Bur-
os Angeles.
a intelectual
rica de so-
conhecido

Pato Donald.
panhia de "pa-
à Hollywood.
de filmagem
estrela é Anne
alá é Tierney.



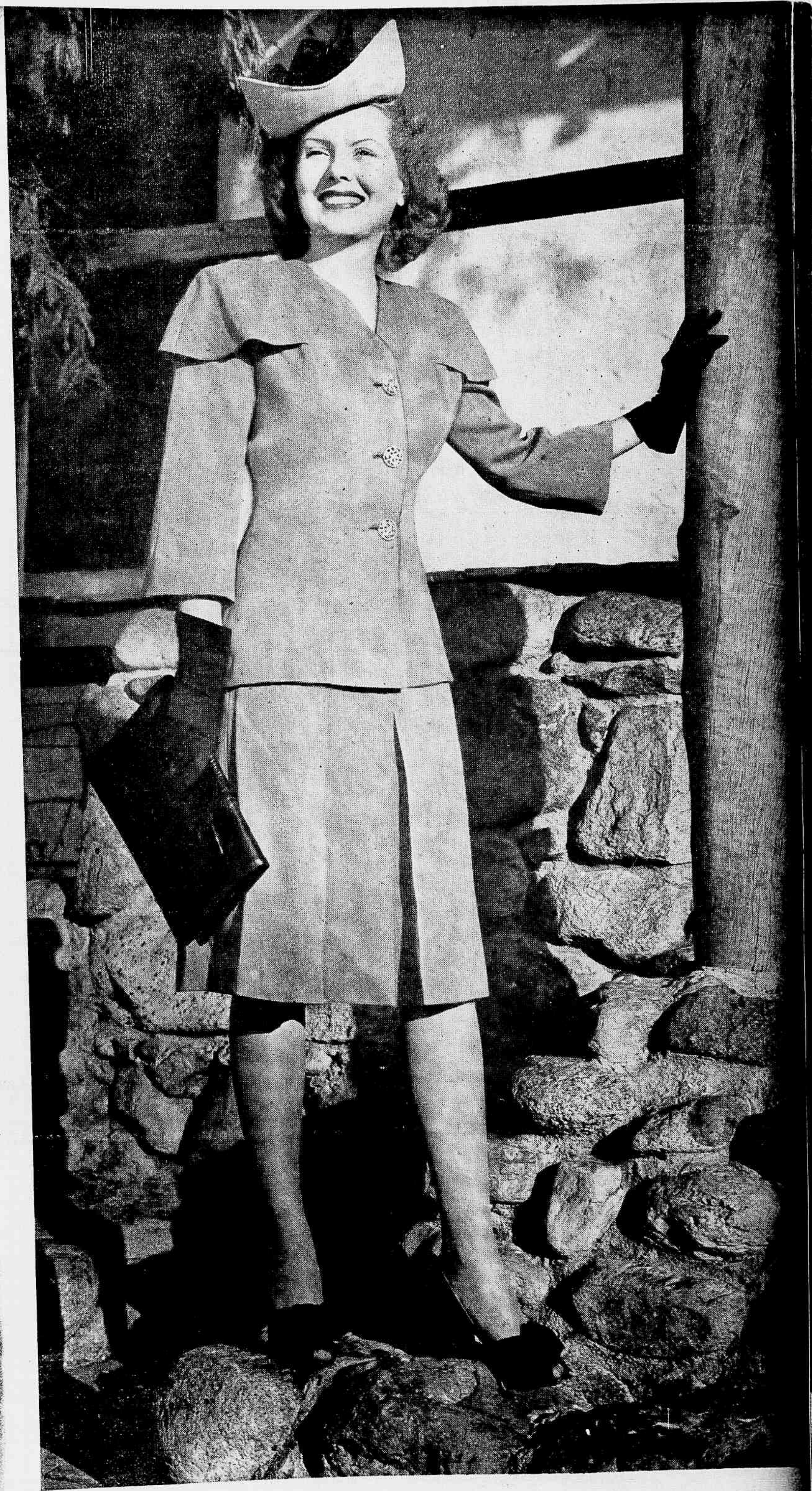


A esquerda: A veterana Ginger Rogers ouve atentamente as instruções do diretor Sam Wood sobre o "script" do seu novo filme para a RKO-Radio, "Heartbeat".

Jean Sablon também não fugiu à regra e mal chegando à Califórnia, um dos seus primeiros passeios foi a visita que fez aos "studios" de Walt. Numa das fotografias desta pagina vemos-lo em palestra com Disney como dois bons amigos, o que realmente se tornará. Hollywood continua neste período de após-guerra a sua produção em massa de filmes divertidos e inconsequentes, seguindo, aliás, uma boa política, fazendo com que os espectadores esqueçam um pouco a catástrofe que passou e deixou vestígios até hoje. Nestas paginas vemos varias cenas dos proximos filmes, todos eles comedias e musicais. Os maiores sucessos de bilheteria serão certamente as boas comedias e os alegres musicais. Hollywood sabe disso e continua trabalhando nesse sentido.

Em baixo, à esquerda: O ex-guarda-costas, Victor Mature, a quem os "barbados" já apelidaram de Cabotino n.º 1, durante a filmagem de "My darling Clementine", da 20th Century Fox, às voltas com o seu novo "hobby", o cão Genius Jr. — A direita: — Duas maravilhas que nos vêm como amostra do novo tecnicolor da RKO-Radio "Sinbad The Sailor", no qual teremos Douglas Fairbanks Jr., Maureen O'Hara e Walter Slezak.





Mesmo quando o inverno carioca, no seu período mais forte, não tenha proporções exageradas, é preciso cuidar da renovação de seu guarda-roupa. "Toilettes" simples, de linhas bem traçadas, chapéus discretos, tecidos escuros, braços cobertos, abolição dos decotes, tudo é indicio da visinhança destes dias de sol claro ou de céu nublado e enfarruscado...

PARA O INVERNO

O GUARDA ROUPA DE UMA "JEUNE FILLE"



1381 — Vestido para a noite em tafetá rosa pálido. Babado "godet" ao redor da pala, formando manga e na saia, caindo em cascata.

1382 — Vestidinho para a tarde em seda pesada, com saia, armada, "drapés" na blusa e mangas ligeiramente "presunto".

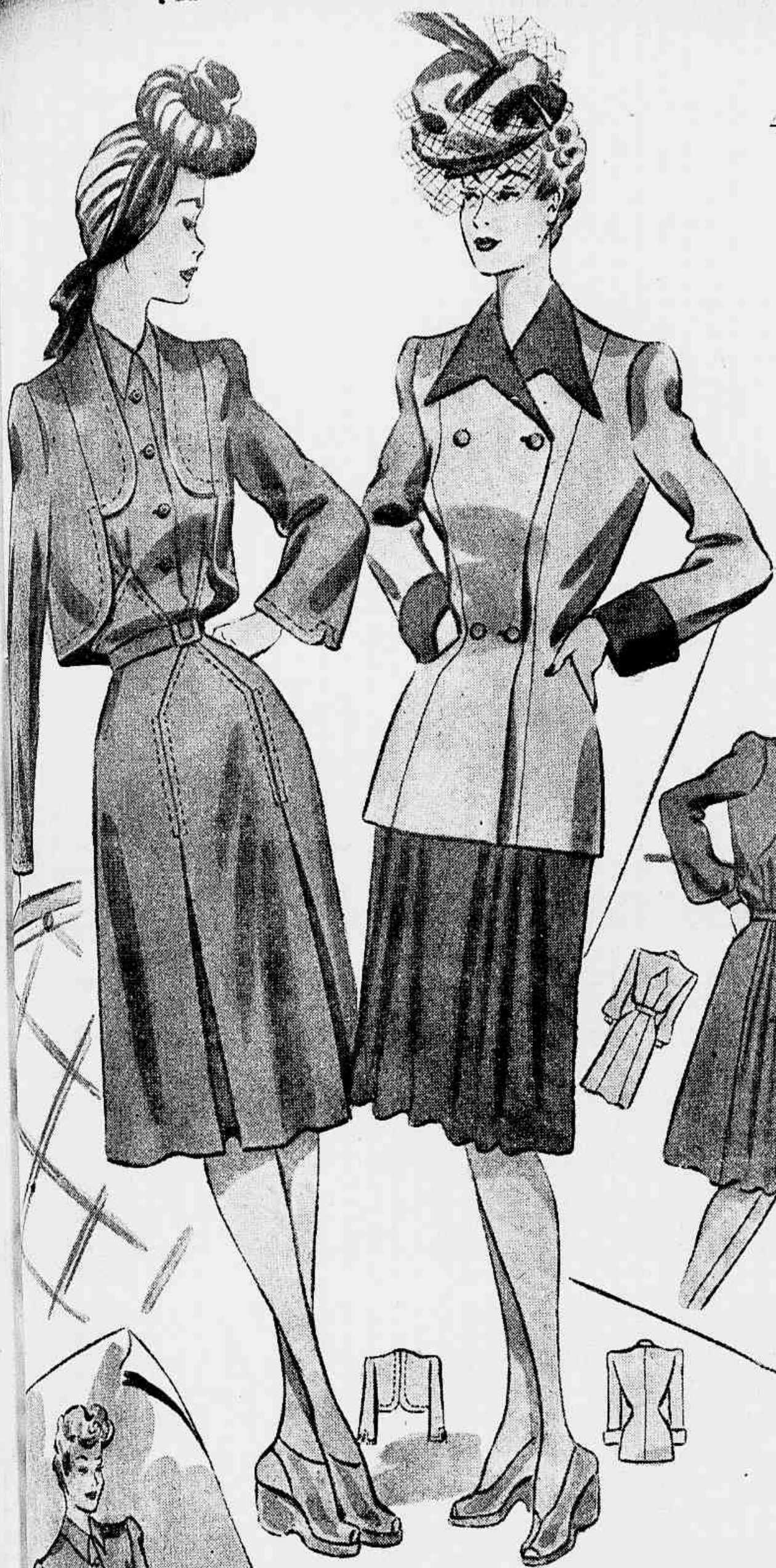
1383 — "Duas peças" em "moiré". Jaqueta ajustada com recortes; saia farta.

1384 — Conjunto de lã bege, com blusa quadriculada vermelha e bege. Bolsos superpostos e pespontados.

1385 — "Tailleur" em lã preta enfeitado de "astracán". Saia prequeada.

1386 — Modelinho esportivo de lã quadriculada, gola e punhos de "piqué" branco. Cinto de couro branco.

1387 — Modelo em lã azul claro, com fech nvisível. Recortes pespontados e iniciais bordadas nos bolsos.



V. 1497.

Bastante práticos são esses vestidos que com boleros, casacos, etc., se transformam em novas "toilettes". Aqui apresentamos às nossas leitoras algumas interessantes sugestões:

1497 — Esse modelinho simples de seda azul marinho transforma-se em elegante "toilette" quando usado com o bolero que aqui vemos.

1498 — Vestido para a tarde, "plissados" na saia e recortes na blusa. Para ser usado com um casaco em tom contrastante, bem transpassado, gola da côr do vestido.

1499 — Modelinho esportivo que adquire maior encanto quando usado com o casaco sugerido, de talhe solto, mangas "raglan" e pespontos.

1500 — Vestido preto para a noite, com "drapés" na blusa e franzidos na saia. Completa-o o elegante casaco com bordado em cores vivas.

V 1499



V 1500

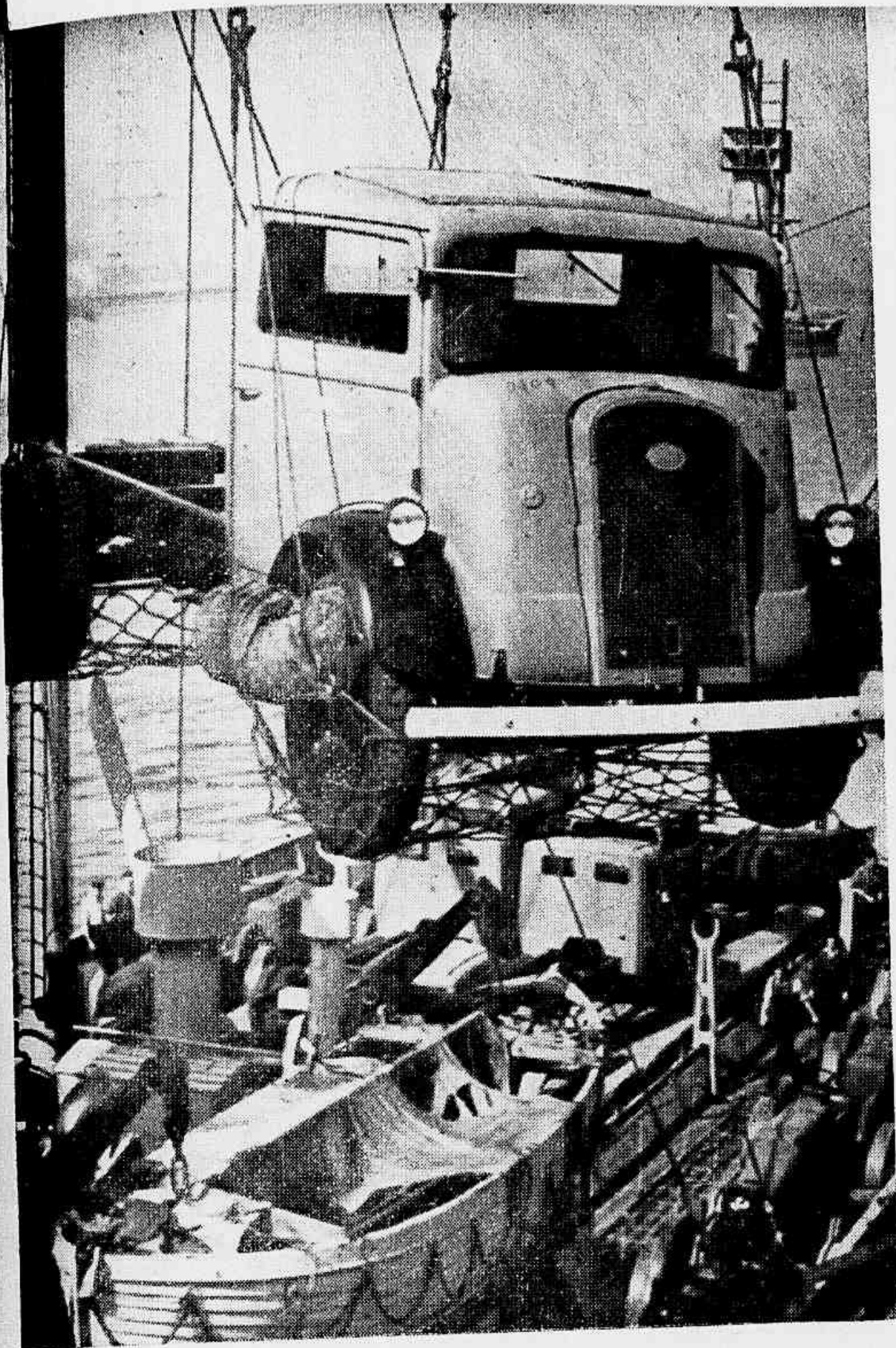
**VESTIDOS QUE SE
TRANSFORMAM**



ATUALIDADES MUNDIAIS

A Princesa Elizabeth, da Inglaterra, aquela em cuja cabeça provavelmente será colocada algum dia a coroa real, vem de fazer sua primeira aparição em público. Pela primeira vez, ela compareceu — oficialmente, pelo menos a uma festa social, sendo naturalmente a convidada de honra. E' preciso reconhecer o espírito britânico conservador por excelência, mantendo as tradições do seu reino, para melhor sentir o que deve ter sido esse acontecimento. As princezinhas da casa real de Londres são, hoje, duas moças que sentiram muito de perto a realidade da guerra, auxiliando seus pais na prática de muitos atos de caridade, dando assistência aos feridos e confortando as famílias cujos lares eram destruídos pelos bombardeios. Não são duas princezinhas à moda antiga, ignorantes da vida e de seus mais trágicos momentos, mas justamente porque viram de perto esses quadros inesquecíveis e trágicos, maior capacidade terão agora, moças feitas, para fazer o bem. O bem que uma princesa sempre pode pôr em prática, com os recursos inexgotáveis de um trono que as prestigia.

A Princesa Elizabeth fez sua primeira aparição em público, em um baile de caridade da qual foi a convidada de honra, no Dorchester Hotel de Londres. As gravuras desta página mostram-nos dois aspectos desse acontecimento. No superior, a Princesa dá entrada no salão, e na inferior, dançando um "fox-trott" com o Capitão Lord Rupert Nevill, que foi o seu primeiro par nessa memorável noite.



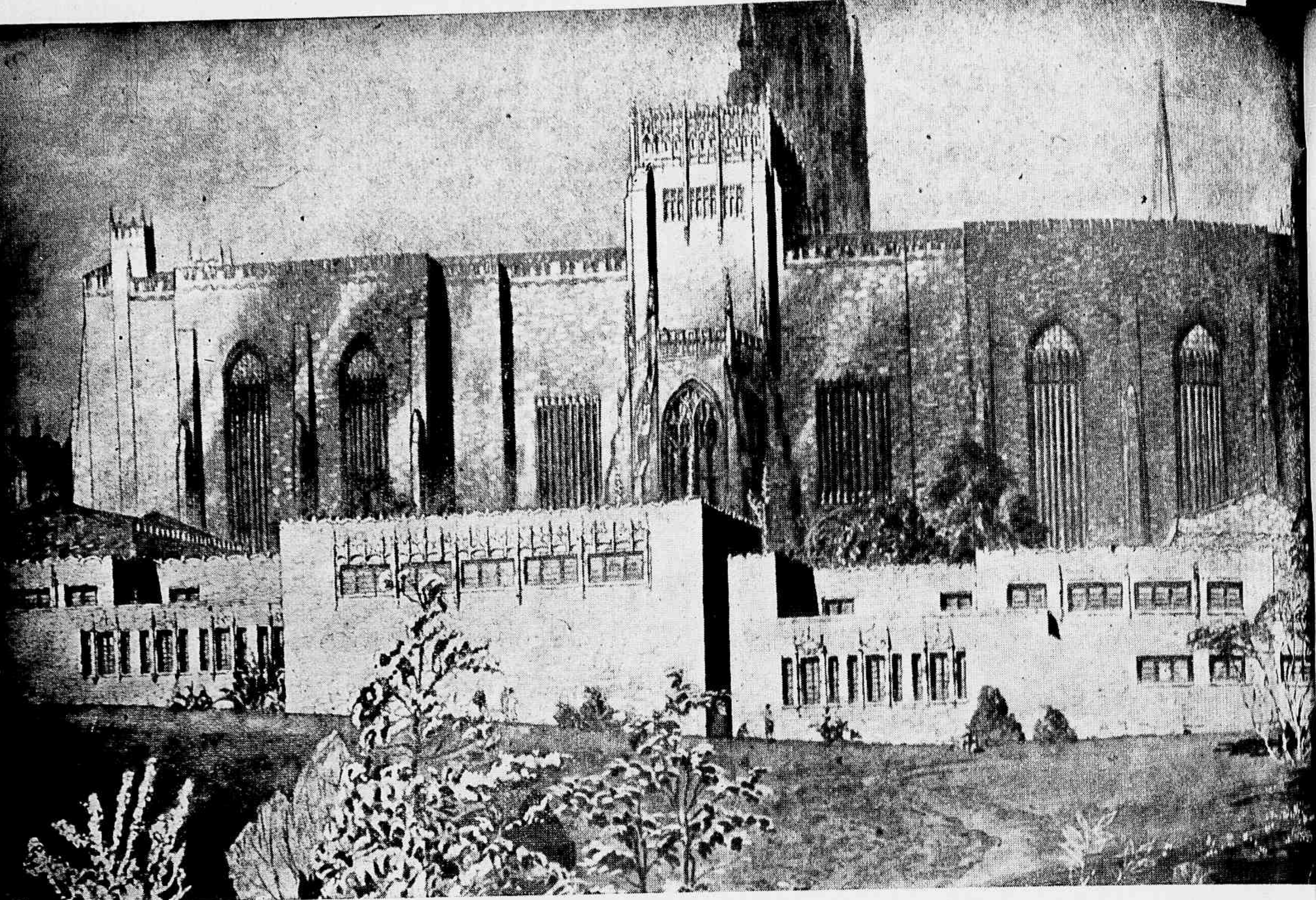
A indústria britânica está disposta a produzir automóveis e caminhões em larga escala, não só para o consumo do país como também para exportação. Aqui está o primeiro caminhão último tipo, ao ser embarcado e dando início a uma fase que se considera promissora ao extremo.



Conseguiu finalmente o general Eisenhower obter as suas primeiras férias, retirando-se em companhia da esposa para uma praia, mas ainda sem sair de território norte-americano. Por muito tempo as esposas, mães e filhas dos soldados ainda na Europa impediram esse descanso.

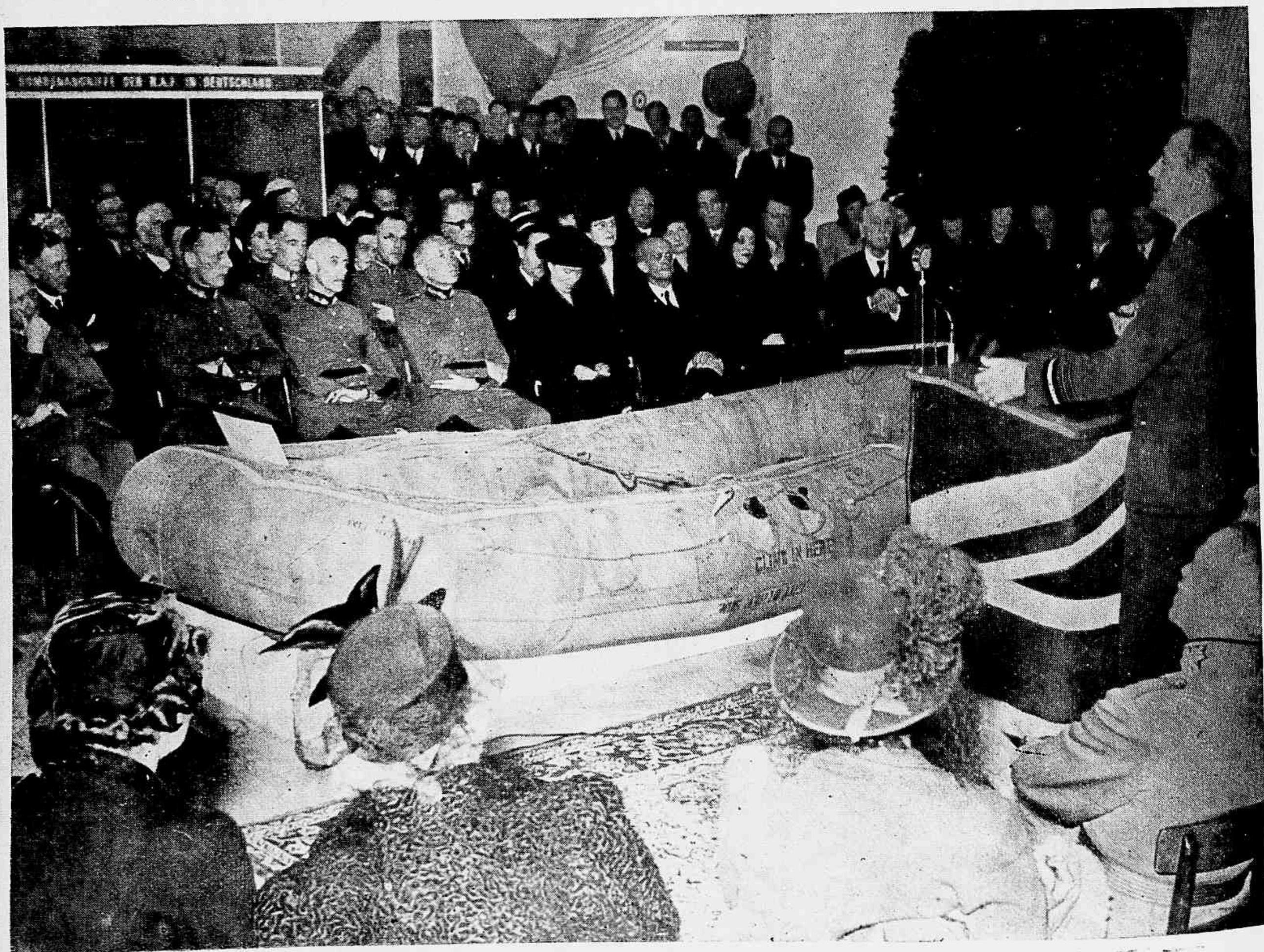
Teve lugar recentemente a Conferência de Educação e Cultura das Nações Unidas, cujas reuniões foram levadas a efeito em grande parte na capital inglesa. A foto abaixo mostra um aspecto da inauguração desse certame internacional, vendo-se o "premier" Attlee quando pronunciava o discurso de abertura dos trabalhos, aos quais compareceram, entre os representantes de todas as Nações Unidas, também os do Brasil.

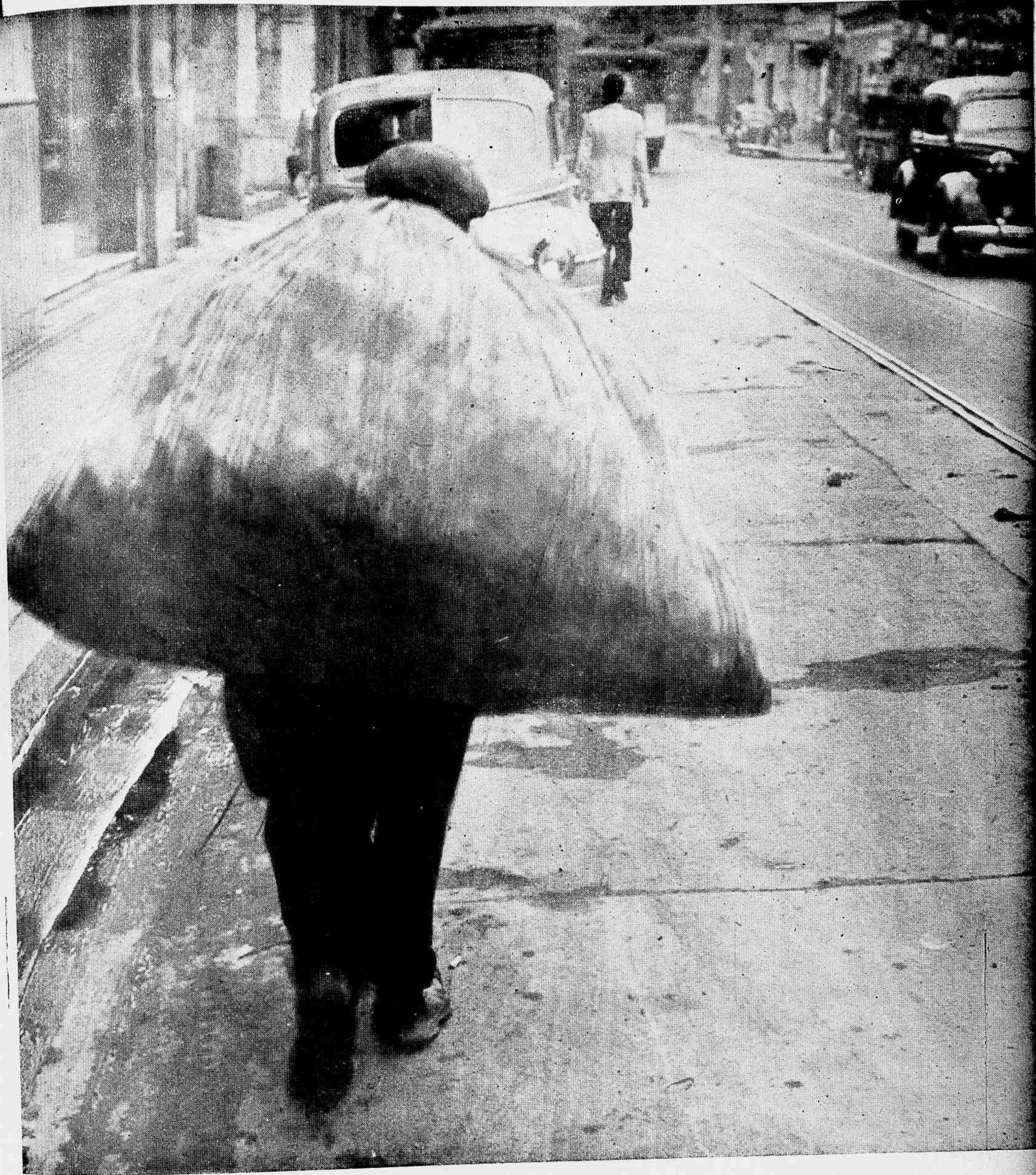




Já está sendo reconstruída a Catedral de Coventry, monumento histórico destruído pelo vandalismo nazista quando aquela cidade foi também inteiramente arrasada. Aqui está o projeto de Sir Giles Scott, mantendo as linhas severas e tradicionais desse templo, cujas obras estão muito adiantadas.

Em Zurich, teve lugar uma exposição da RAF, que foi muito visitada pelos oficiais do exército e da aviação helvéticos e também pelo povo. Na gravura abaixo, vê-se o marechal do ar Sir A. Coningham quando falava na cerimônia inaugural, explicando aos presentes as minúcias de um barco de salvamento, dos que tão úteis serviços prestaram no curso da guerra.





O título não deve ser exatamente esse. A rigor, aconteceu e acontece todo o dia, repetindo-se o flagrante pelas ruas da cidade principalmente às primeiras horas. É na parte da manhã que eles saem de seus tugúrios, levando embrulhado sob o braço o saco de pano grosso onde vão acumulando os papéis velhos, as sobras das atividades de milhões de pessoas. Deram-lhe um apilido pitoresco e eles ficaram sendo os "Chêpas". Vivem das "chêpas", desses fragmentos de celulose que muitos acreditam imprestáveis, mas que vão servir de "combustível" para outras grandes indústrias. O comércio da compra e venda do papel velho é muito mais importante do que se pode acreditar. Esses homens de barba crescida, roupa usada, mãos sujas, que se costumam ver percorrendo as ruas do centro, vergados ao peso muito relativo dos sacos de papel usado, não são os miseráveis que parecem. Em muitos casos, possuem pequenas fortunas, depósitos bancários e movimentam transações de certo vulto. Começam assim,

apanhando papel velho e acabam instalados ali pelas ruas do Camerino ou Senador Pompeu, com um respeitável depósito de papel velho. Compram encalhes dos jornais de menor circulação, adiantam quantias aos intermediários, e entram em contacto direto com as fábricas de papel.

Mas quando os vemos de sapatos cambaios, vestes andrajosas e cigarro apagado no canto da boca, abaixando-se aqui e acolá, apanhando um programa de cinema, uma folha de jornal, um pedaço de papel de embrulho que caiu das mãos do garoto de escola, quasi sentimos ímpetos de lhe oferecer uma esportula. E olhem que eles não a regeitariam, não... Mas o "chêpa" da gravura, de maneira alguma consentiu em ser fotografado de frente. Talvez tenha uma dupla personalidade e se durante o dia cata papéis velhos nas latas de lixo, talvez à noite, bem posto e de barba feita, leve a família a um teatro da Cinelândia ou frequente os círculos mundanos "onde a sociedade se aborrece"... Tudo é possível neste mundo.

ACONTECEU
NO
RIO

GRATIS!

O catálogo pelo qual
V. S. poderá escolher
os óculos que mais
lhe agradem.



Peça-nos pelo correio o novo
CATÁLOGO de
OCULOS MODERNOS

tendo a certeza de ser atendido
por **LUTZ, FERRANDO** com a
mesma garantia e eficiência como
se o fôsse pessoalmente pelos
nossos técnicos.

LUTZ, FERRANDO, a única ótica
de confiança, que lhe oferece a
garantia de 60 anos de experiên-
cia na confecção de óculos, exa-
tamente calibrados de acordo
com a receita do oculista.

Adquira seus óculos pelo sistema
de reembolso.

PEÇA CATÁLOGO GRATIS A

LUTZ, FERRANDO
RUA OUVIDOR, 88 - RIO DE JANEIRO

Filas...



Fil...ante.



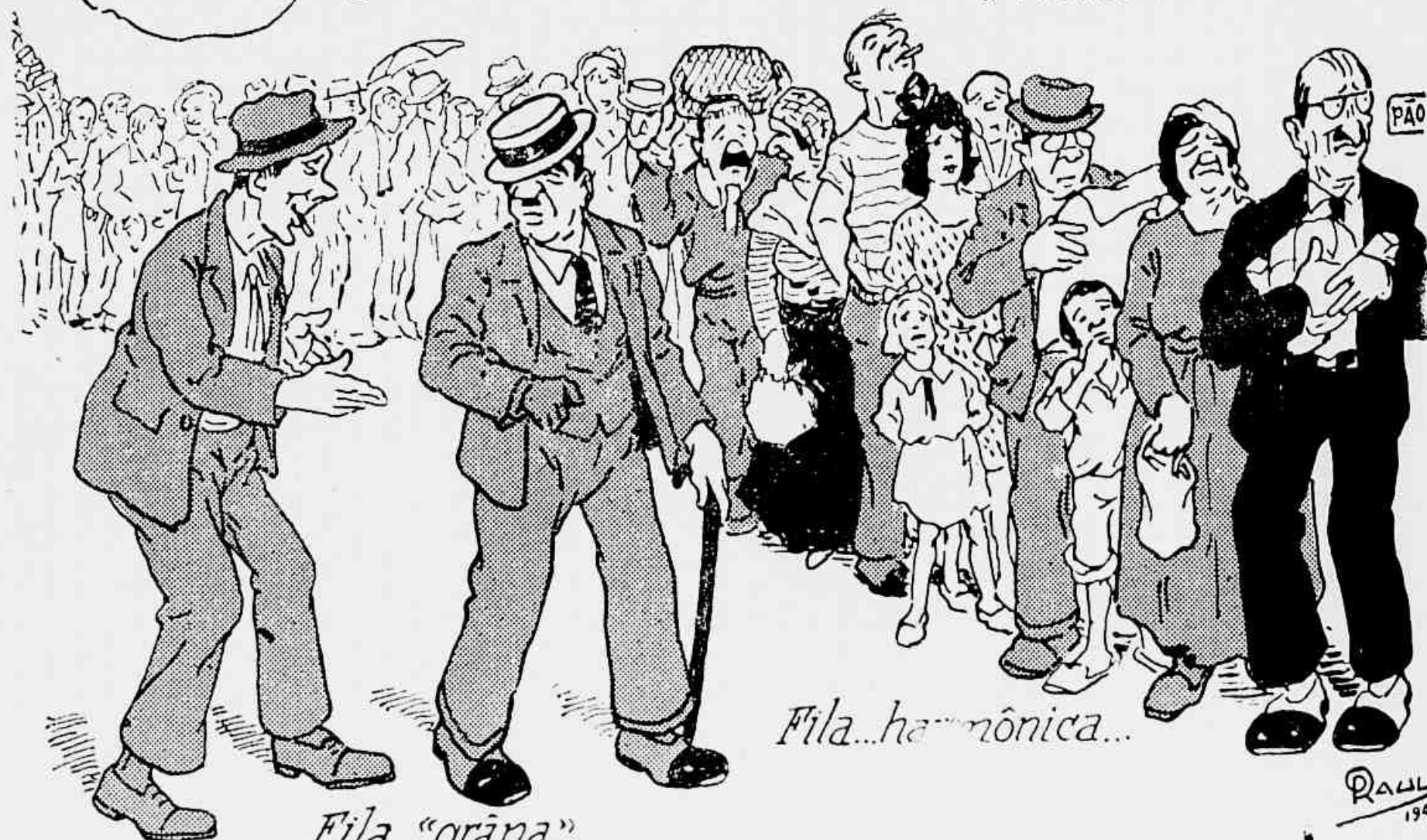
Fil...úcia.



Fil...omêla



Fila...telico



Fila...grana.

Fila...harmônica...

PAUL
1946

QUANDO COMPRAR UM REFRIGERADOR

Exija!

RENTALIA SEM CONTANTE
OU 1000
R\$ POR MÊS
A PARTIR DE

REFRIGERADOR NEVE

INDÚSTRIAS "NEVE" LTDA.
SÃO PAULO
A VENDA NAS MELHORES
LOJAS EM TODO O BRASIL

Desprende, joga ou cai a sua DENTADURA POSTIÇA?

FIXODENT, um pó aperfeiçoado para
po vi har as dentaduras postizas, conser-
va-as e m maior firmeza na boca. Assim
elas não desarticulam, não jogam e não
caem. **FIXODENT** não deixa nenhuma
sensação pegajosa. É alcalino (não ácido).
Não amarga a boca. Combate o "cheiro
de dentadura postiza". Perfuma o hálito.

Compre **FIXODENT** hoje mesmo, em
qualquer farmácia ou depósito dentário.
Solicite amostras.

Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114 - 1.º andar
Rio de Janeiro

A LAPISEIRA DE PRATA

(Continuação da pág. 34)

Como chefe, é simplesmente inepto!

— Mas, o senhor...

— Não me venha com desculpas! Por acaso já deu algum passo adiante no caso?

— Não, senhor.

— Nesse caso, por que está aí parado, sem fazer nada? Mexa-se! Vamos, homem, ande! Ah, se eu tivesse Joli comigo, agora...

Cinco minutos depois, Joly era levado à presença do chefe. Vinha chegando, justamente, quando este reclamava a sua presença.

— Joly, disse-lhe o chefe. Você é um homem feliz.

— Obrigado, snr.

— Confessa, então, que nos deixou mal?

— De que maneira?

— aposentando-se. Quando os casos se multiplicam, se complicam e não se explicam, preciso de você.

Depois, com profundo desânimo, concluiu:

— Pichon é um fracasso!

— Pichon sempre serviu bem a polícia.

— Mas falta-lhe cérebro: inteligência, massa cinzenta, aquele golpe de intuição divinatória, que fez do policial um grande detetive! Essas qualidades que você tem, Joly!

Com um sorriso, pois o chefe, quando também o tinha sob suas ordens, nunca se expandira daquela forma, Joly explicou:

— Vim vê-lo. Aqui estou. Com saudades do meu trabalho. Aceita um pacto?

— Qual?

— Ajuda-me nesse caso que o atormenta.

— Prometido é devido, lembrou o outro, desconfiado.

Em resposta, Joly perguntou:

— Onde está Pichon?

— No gabinete, matando-se à procura de uma ideia aproveitável.

Joly foi procurá-lo. O chefe descansou. Com um suspiro de alívio, disse de si para si.

— Este caso já está solucionado.

★

— Mas, afinal, amigo Pichon, de que se trata?

Em luta com a própria vaidade, desejando pedir-lhe um conselho e ao mesmo tempo com esperanças loucas de resolver o problema sozinho, Pichon estava, há uma meia hora, conversando sobre assuntos sem importância com Joly que, imperturbável, recostado numa poltrona, ouvia-o, em silêncio. Depois daquele longo espaço de tempo, um pouco impaciente pela "desconversa" que se prolongava, ele lançara, por fim a pergunta que encurralara o outro. Ali estava a oportunidade. Deixá-la passar, significava perder o auxílio de Joly. Pichon criou coragem e explicou:

— Joly, estou metido numa trapalhada dos diabos.

Impiedosa, Joli constatou:

— Não é difícil descobrir isso.

Resta a saber que caso é este



Brinde a uma senhora bonita...

Durante toda a sua vida, taças serão erguidas em sua honra se a Sra. usar "Bond Street".

Porque justamente a escolha de um perfume tão delicado prova como a Sra. compreende bem as sutilezas que o encanto requer.

Tal fragrância inesquecível podia ter sido feita somente para a senhora!



Yardley
de Londres

YARDLEY, 33 OLD BOND STREET, LONDON

AGENTE EXCLUSIVO PARA O BRASIL
LEO L. PROCHOWNIK
Rua Saracaba, 35 * Rio de Janeiro

NÃO SOBRARA NADA!

• Puderam! Tão saborosos...
É aqui está o segredo de alimentos deliciosos, apetitosos e de fácil digestão.

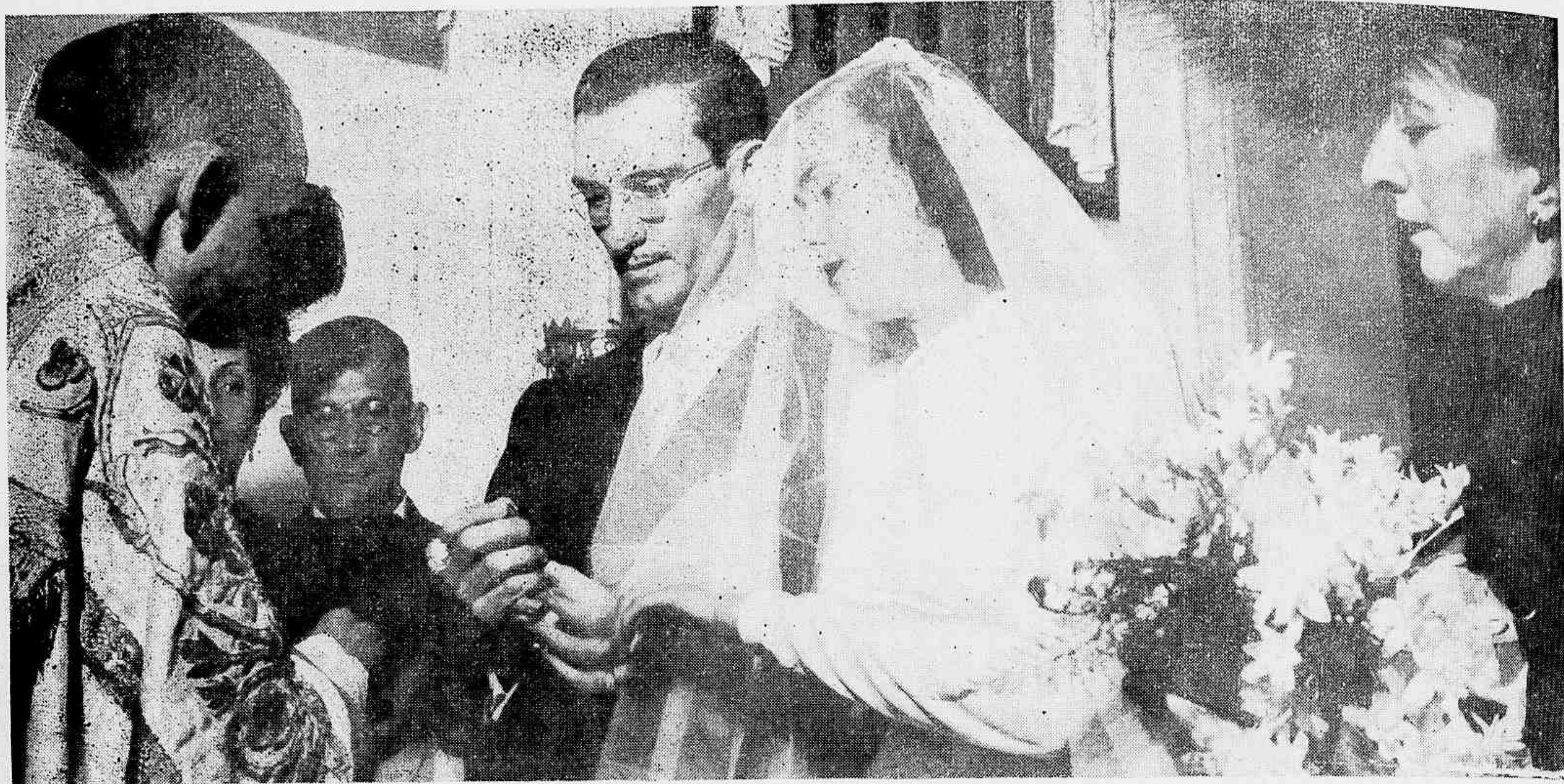
MAIZENA DURYEA

Verifique o acompanhamento grátis em cada pacote

A MAIZENA DURYEA
Coxa Postal, 4-B São Paulo
Pode enviar, GRATIS, o livro
"Receitas com Maizena Duryea"

Nome _____
Rua _____
Cidade _____ Estado _____

NUPCIAS NA SOCIEDADE CARIOCA



Realizou-se a 25 do mês de Maio p. passado o casamento da senhorinha Beatriz Sampaio Garcia, filha do Sr. Alberto de Paiva Garcia, e de D. Silvia Maria Sampaio Garcia, com o Dr. Paulo Victor da Costa Monnerat, filho do Dr. Paulino Lemgruber Monnerat, já falecido, e de D. Alina da Costa Monnerat. O ato civil realizou-se na residência do casal Paiva Garcia, presidido pelo Dr. Julio Alberto Alvares, Juiz da 3.ª Circunscrição e testemunhado por parte da noiva, pelo Dr. Luiz Eduardo Magalhães e Sra. e Sr. Felipe Viviani e Sra. e por parte do noivo pelo Comte, Alcebiades Gomes de Almeida e Sra. e Sr. Alberto de Paiva Garcia e Sra. A cerimonia religiosa foi celebrada na Igreja de N. S. da Glória do Outeiro, às 17 e meia horas, oficiando o Padre Helder Câmara. Sendo padrinhos da noiva o Sr. Altair de Paiva Garcia e Sra. e D. Lucilla de Paiva Garcia e o Capitão-Ten. Roberto Mario Monnerat, e do noivo o Dr. A. F. da Costa Junior e Sra. e D. Alina da Costa Monnerat e o Dr. Alcebiades Martins Fontes. A noiva teve como "demoiselles d'honneur" as senhorinhas Lais Esteves Garcia, Ana Maria Gomes de Almeida e as meninas Maria Martha Wiltgen e Regina Maria Garcia Esteves.

que ultrapassa a sua capacidade de inspetor de polícia.

— E' um caso importantíssimo. Mormente porque envolve o ministério da guerra, que já anda impaciente. O general Texas confiou ao coronel Wimpffen um documento, que trata de casos que não podem ser divulgados Documentos ecretos. O coronel colocou os papéis em seu cofre, cuja combinação só ele e

o general conhecem. Acontece que atualmente o coronel está de férias, fôra a Paris e o general precisou ver os papéis. Procurou-os no cofre. Não estavam lá.

— Muito estranho. Que deduziu de tudo isso?

— Um fato muito simples. Se só dois conheciam à combinação do cofre, um deles é responsável.

— O raciocínio primário

que se serve das muletas da lógica. Os verdadeiros pensadores dão o valor devido ao imprevisível. Se não foi um, foi outro. De fato, de tois, tirando um resta um. Falta saber qual deles.

— Um deles é o general. Deu o alarme. Não pode ser ele.

— Hum... Curioso raciocínio. Mas prossiga.

— O outro, sim. Nada desco-

brí na vida dele que viesse em desabono de sua conduta.

Que concluiu disso?

— Que ele, pela primeira vez, deixou-se levar pela tentação.

— Bom... Mais alguém implicado.

— Ninguém.

— Então, vai me permitir uma pergunta.

— Quantas quiser.

— Trabalha mais alguém no

50 anos
de proteção à Família Brasileira



Uma população superior à da metade de S. Paulo tem o seu futuro assegurado na Sul America!

Sul America

Companhia Nacional de Seguros de Vida
Fundada em 1893



Aniversário da AGENCIA CONTINENTAL

Transcorreu no dia 1.º do corrente o quarto aniversário de fundação da Agencia Continental, uma das maiores organizações publicitárias da nossa capital.

Tendo á sua frente os jornalistas Celso Kelly, André Carrazzoni e Carvalho Neto, a Agencia Continental já alcançou um lugar destacado no rádio e na imprensa brasileira. Instalada á Avenida Rio Branco, 108, conta a conceituada organização de propaganda com um corpo de técnicos que lhe permite apresentar os mais eficientes planos de publicidade comercial, tendo conseguido assim, chegar ao seu quarto ano de existência plenamente vitoriosa.

Apresentamos a Agência Continental os nossos parabens e votos de prosperidade.

SOFRE DO FÍGADO?
TOME
BIO-HEPAX
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

GABRIEL RANGEL FONE 23-4742
Máquinas de escrever e acessórios
OFICINA COMPLETA
RUA SENHOR DOS PASSOS, 85 -- 2.º Lote



Viva mais!

A Senhora pode viver mais, eliminando mensalmente os 3 DIAS de sofrimentos, usando normalmente ELIXIR DAS DAMAS, que é o remédio que prolonga a vida da mulher!

ELIXIR das DAMAS

PRODUTO DO LABORATÓRIO SIAN

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais indicado para higiene e conservação dos dentes.



escritório do coronel, onde se achavam os documentos?

— Um auxiliar. Bulow, velho e gago. Está sendo vigiado, mas, como se achava de férias no momento do desaparecimento, não poderia ter sido ele.

— Hum... Mais alguém?

— Ninguém mais. Porteiros e cabineiros somente.

— Hum...

— Que me diz a respeito do caso?

— Parece-me que o responsável não ficará com o documento.

— Como assim?

— Muito simples. Se ainda não transpirou o fato do roubo, ele acredita-se seguro e não descoberto. Tirará uma cópia e colocará os papéis onde os encontrou. É lógico. De outra forma, de que lhes serviriam planos que haveriam de ser mudados? O sucesso do roubo reside justamente em permanecer

êle insuspeitado, afim de que resulte da reprodução dos documentos o conhecimento prévio de planos que serão certa-

mente utilizados. Se se prova que foram vistos por alguém que não devia, não haverão de mudá-los?

— Sem dúvida.

— Aconselho-o, portanto, a guardar o maior sigilo e vigiar o cofre, se é que já lá não está o

Quina Petroleo ORIENTAL, finalmente perfumada, fixa o penteado, evita o embranquecimento prematuro, extingue a caspa e combate todos os parasitas capilares.



Quina Petroleo
ORIENTAL

A VIDA DO CABELO!

A VENDA EM TODO O BRASIL

P. Ferraz

LIMPE A PELE UMA VEZ POR DIA
PASTA DE AMENDOAS
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
A VENDA EM TODA A PARTE

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se apertam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado, que se caracteriza por sua ação rápida para em-
branquecer, alisar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resaca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O vigor, o brilho de uma pele viva e esalta volta a imperar com o uso do "Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

É um produto das Laboratórios Alvim & Freitas.

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE



VINHO RECONSTITUINTE "GRANADO"

TÔNICO NUTRITIVO ESTIMULANTE FORTIFICANTE

GRANADO & CA
RIO DE JANEIRO

Óleo Elétrico

O INIMIGO DA DOR!

Efeito instantâneo nas dores reumáticas, nevralgias, torceduras, inflamações, ciática, lumbago etc.

Peça **Óleo Elétrico**
do Dr. Charles de Grath



Aparelhos de raios Ultra Violeta

HANOVIA

PARA BANHOS DE SOL EM CASA OU EM CONSULTÓRIOS

SEÇÃO DE ARTIGOS DOMÉSTICOS

MESBLA

RUA DO PASSEIO, 48-54



NÃO CUSTA NADA

VIVER ALEGRE!

Basta conservar normalizado o funcionamento do fígado e prevenir a preguiça intestinal. As "Pímulas de Reuter", combatendo a insuficiência hepática, protegem a saúde e garantem a alegria de viver.

PÍMULAS de Reuter
PARA O FÍGADO

documento, recolocado pelo culpado.

— Pelo coronel Wimpffen...

— Sim, isso de acordo com a sua hipótese.

— Só ele e o general conheciam a combinação.

— Exatamente. E agora você vai me dar licença. — Preciso retirar-me.

— Onde vai?

— Visitar o general, está claro.

★

Joly esteve com o general. Durante uns trinta minutos, palestraram. Fimda a palestra, o general mandou chamar seu secretário.

— Siga as ordens deste cavalheiro.

Joly pediu para ser levado ao escritório do coronel de Wimpffen. Lá chegando, dispensou o auxiliar oferecido e penetrou no recinto, abrindo a porta com a chave que lhe dera o general. Dirigiu-se, a seguir, ao cofre, que também abriu. Lá estavam os papéis, no lugar devido. O ladrão fora mais rápido. Já o recolocara.

Naquele momento ouviu-se um ruído. Joly escondeu-se, rapidamente, depois de ter fechado o cofre. Momentos depois, abriu-se a porta e surgiu Pichon. O inspetor aproximou-se do cofre, abriu-o e verificou que os papéis lá estavam. Com uma exclamação murmurou:

— Enganei-me!

De fato, estando o coronel ausente, não poderia este recolocar os documentos. Dos dois suspeitos, da sua hipótese, restava um: o próprio general. A dúvida e a angústia de Pichon se espelharam no seu semblante.

— Diabo!

Foi essa a única maneira que ele encontrou para exprimir seus pensamentos torturados.

Do seu esconderijo, Joly observava tudo, sorrindo, compreensivo.

— Pichon!

O inspetor sobressaltou-se.

— Joly! Você estava aí?

— Pichon: Bulow é surdo?

— Não. Por que?

— Então pode prendê-lo. E ele o responsável.

E, tirando do bolso um aparelho desses usados pelos surdos para aumentar o poder auditivo, Joly explicou:

— Certa vez li num romance policial que o ladrão conseguia, encostando o ouvido ao cofre, ouvir um estalido que a fechadura dá no momento em que a roda passa por cada um dos números certos da combinação. Isso é um exagero. Mas um homem que tem um ouvido normal poderia ouvir esse estalido com auxílio de um aparelho como esse que eu encontrei na gaveta da mesa de Bulow. Se ele não é surdo, é culpado.

— Não é urdo.

— Nesse caso é culpado. Está resolvido seu caso. Boa tarde.

Joly ia saindo quando ouviu uma exclamação de Pichon.

— Que houve?

— Que imbecil eu sou! Imagine que eu arquitetei um plano para fazer com que o coronel se revelasse. Julgando que ele era culpado, eu queria que ele se traisse. Mas, para isso, julguei necessário que algum incidente o puzesse de sobreaviso. Por isso fui à caa dele e deixei lá tudo desarrumado, afim de provar que alguém lá estivera. Tinha certeza de que a esposa dele haveria de mandar-lhe dizer que o apartamento fora revistado e ele ficaria nervoso e se trairia.

— Foi um expediente inútil, simplesmente.

— Mas acontece que eu esqueci minha lapiseira lá. Como vou rehaver-la. Como confessar que fiz essa tolice?

— Ah, é a lapiseira que o preocupa? Pois bem, ei-la aqui.

E, antes que Pichon voltasse a si do espanto, Joly desapareceu, dizendo:

— E, agora, meu amigo, vou visitar minha grande amiga madame de Wimpffen!

DEPURE O SEU SANGUE

Salsaparrilha de Bristol é uma excelente medicação auxiliar no tratamento da sífilis. Depurativo vegetal, sem contra-indicação, seu uso é de efeito benéfico a todo o organismo.

SALSAPARRILHA DE BRISTOL

(Medicação auxiliar no tratamento da sífilis)

O que todas as mulheres devem saber

Famosos e acatados ginecologistas afirmam que grande parte das moléstias que atingem a mulher têm como causa principal o mau funcionamento de seus órgãos genitais. Muitas vezes a mulher parece sofrer do fígado, estômago, intestinos, coração, rins, etc., mas o mal está no útero e nos ovários. Observe a mulher as suas regras: elas são o espelho de sua saúde. As regras são poucas? São muitas? Regularize-as usando Regulador Xavier — o N.º 1 ou o N.º 2. O N.º 1 só se aplica nos casos de regras abundantes, prolongadas, repetidas, hemorragias e suas consequências. O N.º 2 só se aplica nos casos de falta de regras, regras diminuídas, atrasadas, suspensas e suas consequências. O Regulador Xavier tem em cada número a sua aplicação diferente, distinta. Não é um regulador só que pretende tratar todas as moléstias da mulher ao mesmo tempo, não! São dois Reguladores em duas fórmulas separadas, diferentes e científicas.

CUTIS CANSADA



e sem viço

As pérfidas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traiçoeiros inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

CREME RUGOL

Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379-S. Paulo

CABELLOS BRANCOS

CASPA
Quêda dos Cabellos

JUVENTUDE ALEXANDRE



VARIZES E HEMORRÓIDAS
Hemo-Virtus

USE A POMADA NO LOCAL E BEBA AO MESMO TEMPO O LÍQUIDO

CABELO BRANCO? LOÇÃO Brilhante



DESFECHO

(Continuação da pág. 19).

abandonando seu posto o novo artilheiro veio para junto de Tom.

— Jack Brandon, disse, estendendo a mão.

— Tom Clark.

— Muito prazer. Você nem calcula como me fizeram bem as suas palavras naquele instante.

— Experiência. Eu já senti a mesma coisa.

— E' uma espécie de tontura que dá na gente.

— Isso mesmo. Depois pensa-se... pensa-se... No passado, em coisas insignificantes e absurdas — em tudo menos na missão a ser cumprida. E' por descuidos dessa natureza que muitos "ficam"...

— Agradeço a você mais uma vez o aviso.

— Não agradeça. Vamos falar sobre outra coisa. Quer falar sobre ela?

— Você não se importa?

— Por que?

— Muitos acham cacete, ouvir as histórias da namorada do outro.

— Nada. Conte. Eu até gosto.

— Conhecí-a há tão pouco tempo. Essa era uma das razões de meu receio. Eu tenho a impressão de que se a gente conta com um passado bem vivido, atrás de si, pode agir com mais despreendimento. Mas o que me torturava quando eu corria os maiores riscos era que não haveria de tornar a vê-la. E isso

era quase que insuportável, porque a conheço tão pouco. O suficiente, contudo, para amá-la.

E' sempre assim. Conhecêmo-las pouco, porque não há tempo.

— Entre dois vôos, entre duas missões, vem a curta semana de férias. E assim mesmo nem sempre. Mas eu preciso voltar para ela...

— E' essa a história de quase todos nós. Precisamos todos voltar para Ela. O pior são os que vão sem ter para quem voltar.

— Isso deve ser horrível. Não quero nunca ter que experimentar isso. Acho que se isso acontecesse comigo, eu me atirava ao perigo, com toda a imprudência, esperando morrer de uma vez.

A solidão é uma coisa tremenda.

Tom sorriu:

— Deve ser.

— Há alguém aqui que não tenha para quem voltar. Você conhece todos. Diga: há alguém? Precisa ser confortado.

— Eu tinha para quem voltar Mas agora perdi.

— Oh!

Houve uma curta pausa de embaraço. Para animá-lo em tentativa desageitada, o novo artilheiro disse:

— Olhe, vou mostrar-lhe o retrato da minha namorada. Assim você poderá sonhar com ela também...

Tom sorriu novamente, diante da ingenuidade do outro. Devia



ter no máximo vinte anos. Um rosto sem rugas. Amadurecendo a guerra ele olhou para a fotografia.

Era Martie, que fôra sua noiva... nas mãos daquele rapaz.

Perfume

Orbleu

de

BAZIN

O ouro sobre o azul dos perfumes!

- Agua de Colônia • Brilhantina
- Extrato • Loção • Óleo perfumado
- Pó de Arroz • Sabonete • Talco

A VENDA EM TODO O BRASIL

Desperte a Bilis do seu Fígado

• saltará da cama disposto para tudo
Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pilulas Carters para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pilulas Carters para o fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3,00.



A ORQUESTRA SINFÔNICA

da

Radio GLOBO

REGIDA POR
FRANCISCO MIGNONE

se apresenta em :

**MUSICA
PARA MILHÕES**

★

ÀS SEGUNDAS-FEIRAS ÀS 21 HS.

**FANTASIA
MUSICAL "SAMS"**

★

ÀS QUARTAS-FEIRAS ÀS 21 HS.

**SELEÇÕES
MUSICAIS**

★

ÀS QUINTAS-FEIRAS ÀS 21.35 HS

**PAGINAS INESQUECIVEIS
DA MUSICA**

★

ÀS SEXTAS-FEIRAS ÀS 21 HS.

CARLOS — Mas se ele não veio é porque...

NADIR — Está dominado por essa mulher, eu sei. E agora...

CARLOS E agora?

NADIR — Agora desisti de lutar. Deu-me por vencida.

CARLOS — E que pretende fazer?

NADIR — Não voltarei á bordo.

CARLOS — Como?! Não vai voltar?

NADIR — Não. Eu não teria mais coragem de olhar aquela mulher. Ler em seu rosto a alegria da vitória. E encontrar novamente Roberto. E sabê-lo covarde... Começo a odiá-lo, Carlos.

CARLOS — Nadir, você está atravessando um momento doloroso em sua vida. E não é justo que eu lhe diga o que vou lhe dizer agora. Mas é preciso. Apenas 30 minutos nos afastam da hora da partida. Nadir, eu gosto de você.

NADIR — Sinto muito, Carlos.

CARLOS — Venha para bordo. Terminaremos a viagem. Dentro de dois meses estarei de volta ao Brasil. E então nos casaremos...

NADIR — Obrigada, Carlos. Muito obrigada. Mas não é possível.

CARLOS — E por que?

NADIR — Eu amo outro. Ainda não consegui esquecê-lo. Se eu já tivesse arrancado a imagem de Roberto do meu coração, faria uma tentativa. Mas você é bom, e não quero enganá-lo, Carlos.

CARLOS — Nesse caso, devo voltar para bordo...

NADIR — Deixando-me em terra.

CARLOS — E que pretende fazer?

NADIR — Tomarei um carro até a próxima cidade. Já indaguei. Lá existe um campo de aviação e uma linha regular. Pelo telefone já reservei passagem. Volto ao Brasil...

CARLOS — E a governanta que viaja com você?

NADIR — Ela seguirá viagem. É americana e gostará de rever parentes. Por obséquio entrego-lhe este bilhete que escrevi. Eu explico tudo. E agora está na hora de você seguir para bordo...

CARLOS — Então é adeus?

NADIR — Adeus entende-se que seja para sempre. E eu quero revê-lo, Carlos. Portanto, não vamos nos dizer adeus. Será até logo... ou até um dia...

CARLOS — Fico imaginando como farei o resto desta viagem. Recordando os momentos felizes em que estive a seu lado. Navegarei olhando o céu e lembrando...

NADIR — Carlos... (beijo) Deixo-lhe neste beijo, mais uma recordação. Eu o quero, um bem enorme... Você é tão bom!

CARLOS — Um beijo de amizade, para quem ansia por uma carícia de amor.

NADIR — Um dia, talvez... Quem sabe... Se eu conseguir me libertar de Roberto... Vou tentar. Até breve... E se se encontrar com madame Sonia, diga-lhe (afastando-se) que a detesto, que a odeio!...

CARLOS (aproximando-se) — Diga-lhe que a detesto, que a odeio... (ot) A senhora venceu, madame Sonia...

SONIA (tristemente) — Eu venci... Eu fui derrotada, Carlos.

CARLOS — Derrotada por quem?

SONIA — Pela vida... Pelo destino! Eu, justamente eu é quem teria que fazer a infelicidade de mim... de Nadir.

JULIA — Sonia, está na hora de se vestir para o jantar.

SONIA — Já vou, Julia.

CARLOS — Eu me retiro, madame...

SONIA — Um momento, Carlos. Desejo ainda lhe fazer uma pergunta...

CARLOS — A's suas ordens.

SONIA — Sinceramente, o que está pensando de mim?

CARLOS — Diante da senhora eu me sinto desarmado. A senhora tem um modo de olhar, tão franco, demonstrando tanta bondade, que faz com que mudemos de pensamento. Eu só consigo analisá-la quando estou longe...

SONIA — E longe de mim, o que pensa?

CARLOS — Desculpe-me, mas considero-a inteligente, bonita e... uma charlatã... Chego mesmo a julgá-la má, a temer a sua influência. U'a mulher perigosa, enfim. E agora, com sua licença... (porta).

JULIA (depois de curta pausa) — Qual o vestido, Sonia?

SONIA — O preto... (consigo mesma) Charlatã...

JULIA — Vou buscá-lo... (passos-porta).

SONIA — (consigo) — U'a mulher perigosa...

TAG — Sonia...

SONIA (ainda recordando) Charlatã... (ri).

TAG — Sonia, precisa de mim?

SONIA — Preciso, Tag. Eu preciso de todo-o-mundo, e ninguém precisa de mim. Eu preciso de você, de alguém que possa confiar em mim, que saiba que não sou u'a mulher má. Que sou humana como todas as mulheres, que também amo, que possuo um coração de mãe... (chorando) E que estou sofrendo...

TAG — Minha pobre Sonia...

SONIA — (chorando) — Como eu estou sofrendo, Tag.

TAG — É preciso coragem, Sonia.

SONIA (dominando-se) — Sim, é preciso coragem. É o conselho que dou a todos os clientes que me procuram. Coragem... A vida é amarga. Precisamos vencê-la com um sorriso... É preciso rir... (rir). Rir muito... É preciso enxotar a tristeza que vem sorrateiramente aninhar-se em nossa alma. É preciso abrir os olhos para as belezas do mundo e dar um banho de luz na alma... Eu preciso ter coragem, Tag... Preciso ter coragem...

CONTROLE — Interlúdio.

SONIA — Finalmente aqui estamos de volta ao Brasil...

JULIA — Três meses de ausência.

TAG — Creio que foi o tempo suficiente para que o escândalo que motivou a sua partida tenha caído no esquecimento.

TAG — Sr. Otavio, o sr. deixou...

OTAVIO (baixo) — Cale-se, Tag. Não diga nada...

Vamos indo... (PASSOS SE AFASTANDO) Olhe pelo espelho...

TAG — Começo a compreender...

OTAVIO — Eu deixei cair a carteira propositadamente. Roberto viu que continha grande quantia quando eu a atirei...

TAG — Ele ergueu a carteira. Parece que vai chamá-lo...

OTAVIO — Não olhe para traz. Ele está olhando em volta para ver se alguém notou...

TAG — Guardou a carteira... E continua tomando a sua bebida calmamente.

OTAVIO — Ótimo. Podemos ir. Ele não descera á terra...

CONTROLE — **Passagem musical.**

SONIA — Vamos, Tag. Temos apenas quatro horas para visitar a cidade.

TAG — A Julia foi buscar a bolsa que você esqueceu. Ah! ali vem ela.

JULIA — Aqui está a bolsa, Sonia.

SONIA — E Roberto? Onde está Roberto? Terá ido com os primeiros passageiros?

JULIA — Não. O senhor Roberto vinha vindo para cá. Ali está ele...

ROBERTO — Demorei-me um pouco, Sonia. Tive que deixar examinar esta valise...

SONIA — E para que essa valise?

ROBERTO — São uns presentes que pretendo entregar a um velho amigo que reside aqui. Enquanto você percorrer os bazares eu irei vê-lo.

TAG — A lancha vem se aproximando. Vamos descer...

HOMEM — Sr. Roberto... Por obséquio, o comandante pede-lhe o comparecimento urgente ao seu camarote.

ROBERTO — Mas não é possível. A lancha está á nossa espera. Vamos para terra neste momento.

HOMEM — Sinto muito, senhor. São ordens do comandante.

ROBERTO — Ele não pode me impedir de ir á terra.

HOMEM — Não o está impedindo. Apenas deseja vê-lo por uns momentos.

ROBERTO — Que maçada!

SONIA — Não tem importancia, Roberto. Você irá mais tarde...

ROBERTO — E onde nos encontraremos?

SONIA — Espere... Aqui nesta cidade... podemos nos encontrar... no cabaret Paloma Blanca...

ROBERTO (rápido) — Não... Lá, não... E' um péssimo ambiente...

SONIA — Então marque você ...

ROBERTO — Há um restaurante muito popular, "La Conga". Ali estarei dentro de uma hora.

SONIA — Combinado...

TAG (com intenção) — Nós o esperamos...

CONTROLE — **Passagem musical.**

Batidas discretas numa porta. — Porta que se abre.

HOMEM — Sr. Comandante, o sr. Roberto...

COMANDANTE — Tenha a bondade de entrar, ca-

valheiro. O professor Otavio, creio que já se conhecem, não?

ROBERTO — Perfeitamente...

HOMEM — Com licença, meu comandante. (porta).

COMANDANTE — Sinto muito tê-lo impedido de ir á terra. Mas o assunto é grave e bastante desagradável.

ROBERTO — Creio não ter cometido falta alguma que me obrigue a ficar prisioneiro no navio quando todos os passageiros tiveram licença para ir á terra.

COMANDANTE — Nem eu pretendo tal coisa. Logo que tenhamos esclarecido a queixa deste senhor, dou-lhe a mais inteira liberdade...

ROBERTO — Perfeitamente.

COMANDANTE — Cavalheiros, a minha situação é embaraçosa. Eu não pretendo acusar ninguém. Preferia que o sr. Otavio mesmo falasse...

OTAVIO — De acôrdo, sr. Roberto, hoje, junto ao balcão do bar eu esbarrei no seu braço entornando o seu copo.

ROBERTO — Sim, um acidente sem importancia.

OTAVIO — Pois bem. Curvei-me para enxugar com o meu lenço seu paletó que estava molhado...

ROBERTO — Sim, e que mais?

OTAVIO — Não o estou acusando. Mas ao sair do bar, minha carteira havia desaparecido.

ROBERTO (indignado) — Como!? Então o senhor tem a coragem de me acusar, como um vulgar "batedor de carteiras"?!

OTAVIO — Ainda não o acusei. Estou apenas dizendo-lhe o que aconteceu...

ROBERTO — Um caso como este devia ser tratado somente por nós, pois, enfim, somos dois cavalheiros...

OTAVIO — Eu me considero um cavalheiro... Foi por isso que procurei o sr. Comandante...

ROBERTO — O sr. vai me pagar por isso. O meu advogado...

OTAVIO — Sr. Roberto, eu o conheço melhor do que pensa. E' bom não tomar essa atitude de dignidade ofendida.

ROBERTO — Sr. Comandante, faço questão de ser revistado. Se for encontrada em meu poder a carteira desse homem eu me submeto a ser preso. Mas se não a encontrarem quero o seu testemunho para processá-lo.

OTAVIO — A carteira o senhor deve ter atirado ao mar. E o mar é profundo e misterioso. Sabe guardar os segredos que lhe confiamos.

ROBERTO — Nesse caso onde as provas? Reviste-me sr. Comandante. Faço questão de ser revistado...

OTAVIO — Um momento. Antes de se submeter á essa revista eu quero avisá-lo de uma coisa: eu tenho um hábito curioso. Costumo tomar nota da série e numeração do dinheiro que trago comigo. Aqui nesta listinha está a série e número de todas as cédulas que se encontravam em minha carteira... (pausa-ot). Agora pode se submeter á revista...

ROBERTO — Isso é um abuso. Pode muito bem ter acontecido de no bar terem me dado de troco alguma cédula com que o senhor pagou a despesa anterior.

OTAVIO — Ainda quer ser revistado?

ROBERTO — Bem... sr. Comandante, podia nos deixar a sós por um momento?

COMANDANTE — Perfeitamente. E desejo mesmo que entrem num entendimento. Esta situação torna-se bastante desagradável para mim... Com licença... (passa o portal).

OTAVIO — Está aqui seu sr. Tenente nada como gar...
 gar...

ROBERTO — Aqui está o seu dinheiro que me fazia falta...

ROBERTO — Está bem. Então creio que está livre.

OTAVIO — E não é só. Vou me desculpar com o comandante. Pedir-lhe que não tome conhecimento de minha queixa. Que o "barman" me entregou a carteira, encontrada junto ao balcão...

ROBERTO — Muito obrigado.

OTAVIO — Não me agradeça. Eu consegui o que desejava.

ROBERTO — E que desejava o senhor?

OTAVIO — Prendê-lo á bordo. Já agora não encontrará nenhuma lancha para levá-lo á terra.

ROBERTO — Até o senhor?! Até o senhor se envolve na minha vida?... Passar bem...

OTAVIO (ii) — Desculpe-me o recurso que usei. Foi só o que encontrou a minha imaginação...

CONTROLE — Interlúdio. — Publicidade.

CONTROLE — Interlúdio. — Funde com a canção mexicana "Amor, amor", cantada por mulher. Fica em BG.

SONIA — Foi um prazer encontrá-la aqui. Permite-me que me sente á sua mesa, Nadir?

NADIR — Oh! a senhora?! Que deseja aqui?

SONIA — Visitando o cabaret. Não há mesas vagas. E Carlos lembrou-se de vir pedir um lugar á sua mesa...

NADIR — Desculpe-me tenente, não o tinha visto. Como está?

CARLOS — Cansado e com sede.

NADIR — Sentem-se. E bebam...

CARLOS — Obrigado... (pausa) Linda canção...

SONIA — As canções mexicanas sempre falam de amor, com uma ternura imensa... Talvez, por isso, quando ainda não conhecemos o México e nos falam deste país, imaginamos balcões abertos ao luar, um moreno e violão ao peito, cantando... Uma rosa presa nos dentes de linda mexicana...

CARLOS — E você que acha, Nadir?

NADIR — Não sei... Que horas são?

CARLOS — Oito horas. Estamos na hora de voltar para bordo. Precisamos ir andando se não quisermos nos arriscar a ficar em terra...

SONIA — Sim. Vamos. Quer aproveitar a companhia de Nadir? (pausa) E então?

CARLOS — Que tem você, Nadir?

NADIR (chorando) — E' a tristeza desta noite tão alegre... E' a beleza horrível deste canto!... Deixem-me chorar... Deixem-me chorar...

CONTROLE — O canto funde-se com passagem musical.

JULIA — Cansada, Sonia?

SONIA — Não, Julia. Um pouco arrependida, talvez...

JULIA — Mas arrependida, por que?

SONIA — Eu fui ao "cabaret". E tive na mesma mesa com minha filha. Vi os seus olhos cheios de espanto, o seu esforço enorme para sorrir e o desaponta-

mento em seu rosto... Suas mãos nervosas, giravam o anel no dedo e toda ela parecia dizer: — ele não veio, ele não veio...

JULIA — E isso foi melhor assim?

SONIA — Que sei eu, Julia? Quando vi Nadir debruçar-se sobre a mesa, soluçando, o meu desejo era tomá-la em meus braços, confessar-lhe tudo. E ao mesmo tempo tive remorsos de estar lhe roubando o seu primeiro amor...

JULIA — Ainda bem que você e Carlos estavam lá, ao lado dela...

SONIA — Não sei se foi melhor. Quando a vi soluçando, minha mão, que eu fazia um esforço enorme para conter, avançou para ela numa carícia. E ela encolheu os ombros, fugindo de minhas mãos, num gesto de asco, de desprezo, de quase ódio... Ah! Julia, como eu sofri! Como eu ainda vou sofrer!

JULIA — Minha pobre Sonia...

SONIA — Julia, estive pensando, pensando muito, durante a viagem de volta e cheguei a uma conclusão...

JULIA — Diga, Sonia.

SONIA — Eu vivo falando em Destino, predestinação... Eu tenho mentido tanto que começo a crer nas minhas próprias mentiras. Sei que tudo é falso. No entanto, tenho consultado cartas, procurado nos astros... E agora...

JULIA — E agora?

SONIA — Agora estou convencida que é esse o meu destino. Que minha filha terá que sofrer nas mãos de Roberto. E estou quase dizendo como os fatalistas: — tinha que ser.

JULIA — Tolices... Tolices. Você sabe bem que depende de nossa vontade modificar o futuro. Não fosse assim e você onde estaria hoje?

SONIA — Não sei, Julia, não sei. Eu começo a duvidar de mim, de tudo e de todos. E preciso que alguém me ajude.

JULIA — Sonia, se você me permite um conselho...

SONIA — Julia, você sabe muito bem que é a única amiga verdadeira que tenho. Pode falar. Fale com toda franqueza...

JULIA — Na situação em que você se encontra, o melhor que tem a fazer é chamar Nadir...

SONIA — Sim? E...

JULIA — E confessar-lhe tudo.

SONIA — Oh! não, Julia. Eu não quero que minha filha se envergonhe de mim. Ela me odeia como mulher. Que não me deteste como sua mãe...

JULIA — E não irá detestá-la, Sonia, quando souber.

SONIA — Não, Julia. Quem educou Nadir foi minha irmã. E Nadir aprendeu que sua mãe foi uma pobre mulher, que lutou muito para fazê-la rica. Ela está certa que sua mãe morreu e deve ter aprendido a respeitar a memória dessa criatura que não conheceu. Não quero...

JULIA — Mas um dia ela irá saber, Sonia. Você deixou a carta que ela irá lêr ao completar 25 anos. Dentro de cinco anos, portanto, o segredo será revelado...

SONIA — Quando eu escrevi aquela carta julguei que estaria morta ao atingir minha filha os 25 anos. E vejo que vivo... E viverei ainda...

JULIA — E então?

SONIA — Mas espero que até lá ela esteja casada. Então saberá a notícia e sofrerá menos. Mesmo que me deteste, eu estarei fora do Brasil e ela jamais há de me encontrar. O que importa agora é livrá-la de Roberto.

JULIA — Essa é a melhor maneira. Desde que ela conheça o segredo há de abandonar Roberto.

SONIA — E a vergonha que irei sofrer?

JULIA — Você está pensando em você ou em Nadir?

SONIA — Tem razão, Julia. Eu devo pensar nela, somente nela. O que me suceder não importa.

JULIA — E quando vai lhe falar?

SONIA — Não sei... Amanhã. Estarei menos nervosa. E' melhor amanhã...

JULIA — Amanhã talvez você perca a coragem. As coisas desagradáveis devem ser feitas imediatamente.

SONIA — Tem razão, Julia. Você tem sempre razão... Mas onde vai?

JULIA — Vou chamá-la.

SONIA — Como? Pretende trazê-la aqui?

SONIA — Sim, vai, Julia. Vá. E que Deus me dê coragem para chegar ao fim...

CONTROLE — **Passagem musical. — Porta.**

SONIA — Am?! (acalmado) Ah! é você Teo?

TAG — Quem mais poderia ser?

SONIA — Não sei. Assustei-me.

TAG — Você está nervosa, Sonia. O que foi que aconteceu?

SONIA — Tag, eu resolvi acabar de uma vez por todas, com esta angústia em que tenho vivido nestes últimos meses.

TAG — E que pretende fazer?

SONIA — Vou dizer tudo a ela. Confessar-lhe que sou mãe dela. Enfim, jogar uma grande cartada. Julia foi buscá-la.

TAG — E se apesar disso, ela continuar querendo Roberto?

SONIA — Então nada mais me resta a fazer que deixar o caminho livre para os dois. (porta) Julia!

TAG — Ela virá, Julia?

SONIA — Onde está ela, Julia?

JULIA — Sonia, ela não poderá vir...

SONIA — Mas que aconteceu? Recusou-se? Houve qualquer coisa grave?

JULIA — O navio partiu e ela não embarcou...

SONIA — Como? Então ela ficou no México!?

JULIA — Sim... Ficou...

CONTROLE — **Música de encerramento.**

DÉCIMO PRIMEIRO CAPÍTULO

CONTROLE — **Abertura musical.**

SONIA — Oh! é horrível. Numa cidade estranha. Por que não a obrigamos a vir conosco, Tag?

TAG — Acalme-se, Sonia. Nada lhe acontecerá. Nadir, com toda certeza, voltará ao Brasil.

SONIA — Mas por que interrompeu assim, a viagem?

TAG — E' fácil imaginar, Sonia. Ela não sabia que Roberto estava deitado à bordo. Foi enveredada no "Paloma Blanca". E ela falou... Quantos pensamentos terão passado pelo seu cérebro? O que não terá ela pensado de Roberto?

SONIA — E então?

TAG — Que faria você, Sonia?

SONIA — Fugiria desse homem... Sim, foi isso o que ela fez. Fugiu de Roberto.

JULIA — Conseguiu o seu objetivo, Sonia.

SONIA — E a terei feito feliz?

JULIA — A felicidade não está em nossas mãos, Sonia. Você cumpriu o seu dever.

SONIA — Dever... palavra amarga, dolorosa mesma. Que importa ter cumprido o meu dever se com isso matei o coração de minha filha?

(Batidas leves na porta).

TAG — Deixe que eu atendo, Julia. (passos-porta). Boa tarde, tenente.

CARLOS — Boa tarde. Com licença. Minha senhora, meus respeitos.

SONIA — Já sabe da notícia, Carlos?

CARLOS — Sim... Nadir abandonou o navio. E tivemos que partir sem que ela voltasse para bordo. Até à última hora eu tentei convencê-la...

SONIA — Como? Esteve com ela e sabia que Nadir não voltaria para bordo?

CARLOS — Sim... Logo depois que a senhora deixou o "Paloma Blanca", eu e Nadir saímos. Ela ia calada, mergulhada nos seus próprios pensamentos... Andamos algum tempo silenciosos... Numa esquina, parou bruscamente, segurou-me o braço e indagou...

NADIR (aproximando-se) Para onde vamos Carlos? Para onde me leva?

CARLOS (natural) — Para bordo. O navio partirá dentro de poucos momentos. Temos que nos apressar...

NADIR — Carlos, eu não vou voltar para bordo.

CARLOS — Que é isso, Nadir?

NADIR — Estou resolvida. Não quero sofrer mais nenhuma humilhação daquela mulher.

CARLOS — Nadir!

NADIR — Sim... Ela deve estar rindo-se de mim... Ela sabia que Roberto não viria. Ela fez com que ele desistisse do que havíamos combinado...

CARLOS — Então você e Roberto?

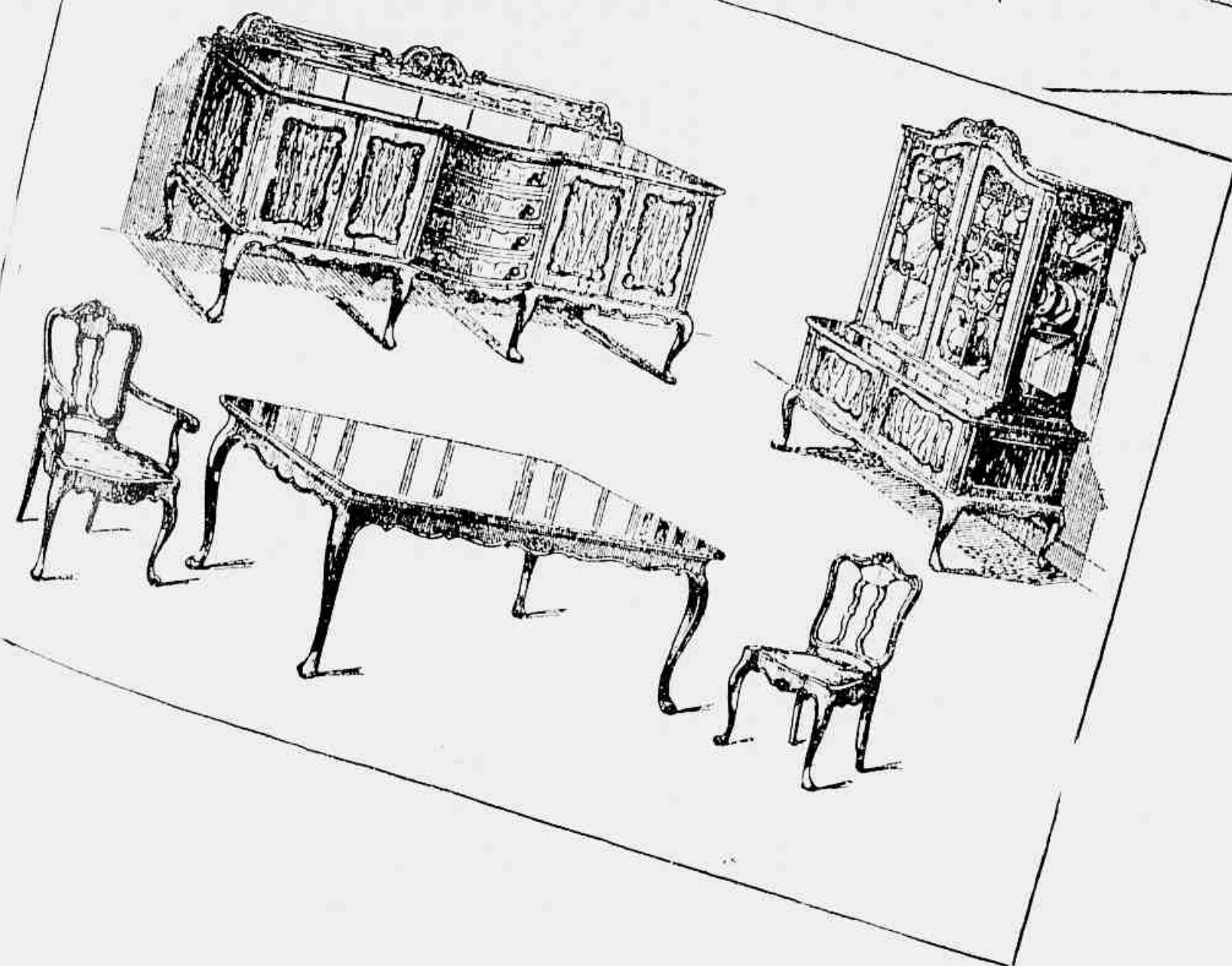
NADIR — Vamos fugir. Fugir dessa mulher. Para bem longe, para onde o seu ódio não nos pudesse alcançar...

CARLOS — Nadir!

NADIR — Ela descobriu o que havíamos combinado. Não sei como pôde descobrir: espionagem, mistério, sei lá? A's vezes, chego mesmo a acreditar que é uma vidente. Mas o que importa, ela descobriu.

CARLOS — E impediu que ele viesse...

NADIR — E como se não bastasse sentir-se vitoriosa, quis divertir-se com a minha derrota. Foi me procurar. Chegou no momento em que eu, desesperada, consultava o relógio, perdendo as poucas esperanças que me restavam. Fére e, não contente de ferir, quer estar presente, gozando a dôr alheia. Como é má essa mulher...



DORMITÓRIO LUIZ XV E SALA DE JANTAR CHIPPENDALE

No cliché acima reproduzimos uma sugestão de móveis Luiz XV estilizado, reunidos em maravilhoso dormitório, que tanto pode ornamentar um moderno apartamento, como um magestoso palacete. Estes móveis deverão ser trabalhados em madeira clara e fôsea. Como os móveis Chippendale estão em grande voga, apresentamos ao lado uma elegante sala de jantar neste gênero, devendo a mesma ser confeccionada em madeira escura que mais acentua as suas linhas curvas.

A mesa e a "étagère" são cobertas por uma lâmina de vidro ou cristal, que dá um traço de modernismo ao mobiliário, emprestando à sala um encanto maior.

MOBILIÁRIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

Epoca



CIGARROS

COLUMBIA

CIA. DE CIGARROS *Souza Cruz*